

MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

**Ser eco, sem ser ruído: da tradução
literária de *Die Rebellion*, de Joseph Roth
Relatório de Estágio na editora E-Primatur**

Joana Rafaela Correia Gomes

M

2025



Joana Rafaela Correia Gomes

Ser eco, sem ser ruído: da tradução literária de *Die Rebellion*, de Joseph Roth

Relatório de Estágio na editora E-Primatur

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientado pelo Professor Doutor Thomas Juan Carlos Hüsgen

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025



Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma licença CC BY 4.0

*A tradução nasce de um sonho insensato
[...] e faz-se como um trabalho arqueológico.*

O Poço de Babel, João Barrento

Sumário

Declaração de honra.....	6
Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract.....	9
Índice de Figuras.....	10
Índice de Tabelas.....	11
Lista de abreviaturas e siglas	12
Notas.....	13
Introdução.....	14
1. O Estágio Curricular.....	16
1.1. Apresentação da Entidade de Acolhimento	17
1.2. Descrição Geral do Estágio	19
1.3. Metodologia de Trabalho.....	21
1.3.1. Ecossistema de ferramentas digitais	25
2. Tradução Literária: Enquadramento Teórico.....	31
2.1. A singularidade do texto literário	31
2.2. Paradigmas de abordagem à Tradução Literária	39
3. O Autor e a Obra	46
4. <i>Die Rebellion</i> : da exegese textual às estratégias de tradução.....	51
4.1. Questões Culturais.....	51
4.2. Discurso Narrativo	59
4.3. Particularidades Lexicais	65
4.3.1. Terminologia Especializada	66
4.3.2. Escolhas lexicais estilísticas	72
4.4. Partículas Modais.....	77
4.5. <i>Como diz o Outro</i> : a tradução de fraseologias.....	92
4.5.1. Provérbios	98
4.5.2. Expressões Idiomáticas	105
Considerações Finais	113
Referências Bibliográficas	114
Anexos	131

Anexo 1 – Tradução de questões culturais	131
Anexo 2 – Tradução de terminologia especializada	133
Anexo 3 – Tradução de escolhas lexicais estilísticas	135
Anexo 4 – Tradução de partículas modais	137
Anexo 5 – Tradução de fraseologias.....	139
Anexo 6 – Tradução da <i>teia de ecos</i> : recorrências textuais.....	142
Anexo 7 – Tradução de outros aspetos	145
Apêndices.....	147
Apêndice 1 – Plano de Estágio	147
Apêndice 2 – Edições portuguesas de romances e novelas de Joseph Roth	148
Apêndice 3 – Tabela de correspondências aproximadas entre as patentes do <i>Landstreitkräfte Österreich-Ungarns</i> e do Exército Português	150
Apêndice 4 – Iconografia comparativa do equipamento militar pessoal (austro-húngaro e português).....	151
Apêndice 5 – O realejo.....	156

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this report is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório.

I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this report.

Porto, 2025

Joana Rafaela Correia Gomes

Agradecimentos

Ao meu orientador, o Professor Doutor Thomas Hüsgen, pela áurea mentoria, pela generosidade face aos ritmos irregulares deste percurso, pelo estímulo intelectual e pela bússola científica.

Ao supervisor do estágio, o Sr. Editor Hugo Xavier, pela oportunidade inestimável, pelas apreciações ponderadas, pela relação profissional pautada pelo respeito mútuo e benevolência, e pelos ensinamentos ímpares.

À Senhora Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a Professora Doutora Paula Pinto Costa, pela consideração pelas circunstâncias atípicas que moldaram a redação deste trabalho.

Aos meus professores do Mestrado e da Licenciatura, pela dádiva formativa.

À minha família, em particular à minha irmã gémea, pelo vínculo de sempre.

Aos meus amigos, pela estima preciosa.

À Ema, pelo sonho.

Resumo

O presente relatório descreve o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular em Tradução Literária na editora E-Primatur, centrado na tradução da obra *Die Rebellion*, de Joseph Roth, para o português europeu. Partindo da apresentação das características do estágio, procede-se de seguida ao enquadramento teórico segundo o qual se operou durante a tradução, determinando como *Skopos* tradutório a preservação da identidade do organismo literário, da *estranheza* do universo diegético, atendendo à sua singularidade estilística sem comprometer a sua compreensibilidade. O estudo subsequente contempla cinco dimensões que considerámos essenciais à tradução da voz *autoral*, marcada por um distanciamento permeado de tonalidades irónicas e sarcásticas: a integração de elementos culturais indispensáveis à leitura contextualizada; a preservação das marcas discursivas que configuram a voz narrativa de Roth; a análise das escolhas lexicais que caracterizam o seu estilo, ora *sóbrio*, ora *estrondoso*; e o tratamento quer de partículas modais quer de unidades fraseológicas, cuja tradução exige um exame atento das nuances pragmáticas e prosódicas. Cada uma destas esferas evidencia a necessidade de conciliar, na tradução literária, a precisão analítica com a escuta sensível dos caracteres da *literariedade*.

Palavras-chave: tradução literária, *Die Rebellion*, Joseph Roth, voz autoral

Abstract

This report presents the work carried out during the curricular internship in Literary Translation at the publishing house E-Primatur, centered on the translation of Joseph Roth's *Die Rebellion* into European Portuguese. Following an initial description of the internship's characteristics, the discussion turns to the theoretical framework that guided the translation process, establishing as its translational *Skopos* the preservation of the literary organism's identity and of the strangeness inherent to its diegetic universe, while taking into account its stylistic singularity, without compromising its accessibility to the target reader. The subsequent study encompasses five dimensions that we consider essential to the translation of the authorial voice, marked by a detached perspective permeated with ironic and sarcastic undertones: the integration of cultural elements indispensable to a contextualized reading; the conservation of the discursive marks that shape Roth's narrative voice; the analysis of lexical choices that typify his style—at times spare, at others resounding; and the treatment of both modal particles and phraseological units, whose translation demands careful attention to pragmatic and prosodic nuances. Each of these spheres highlights the need, in literary translation, to reconcile analytical precision with a sensitive attunement to the hallmarks of literariness.

Key-words: literary translation, *Die Rebellion*, Joseph Roth, authorial voice

Índice de Figuras

FIGURA 1 - INTERFACE DO PROGRAMA SCRIVENER.....	27
FIGURA 2 – ASPETO DA JANELA FLUTUANTE DO PROGRAMA GOLDENDICT.....	29
FIGURA 3 - BASE DE DADOS TERMINOLÓGICA CRIADA NO PROGRAMA NOTION.....	30
FIGURA 4 - MODELO DE COMUNICAÇÃO PROPOSTO POR JAKOBSON (1960)..	33
FIGURA 5 - REPRESENTAÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO COMO PROPOSTO POR SAUSSURE (1916/2006).	35
FIGURA 6 - REPRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS SEMIÓTICOS LINGUÍSTICO E LITERÁRIO, CONFORME DESCRITOS POR AGUIAR E SILVA (1988, pp. 94-107; ELABORAÇÃO PRÓPRIA)	37
FIGURA 7 – MODELO DOS PLANOS DE ANÁLISE DA CRÍTICA DA TRADUÇÃO LITERÁRIA PROPOSTO POR THOMAS HÜSGEN (1999, p. 233; TRADUÇÃO NOSSA).....	41
FIGURA 8 - PRINCÍPIOS DA ABORDAGEM FUNCIONALISTA DE NORD (1997) À TRADUÇÃO LITERÁRIA (ELABORAÇÃO PRÓPRIA)	42

Índice de Tabelas

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO HORÁRIA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO CURRICULAR	20
TABELA 2 - OBRAS DE REFERÊNCIA UTILIZADAS (LISTA NÃO EXAUSTIVA)	24
TABELA 3 - SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E PROVÉRBIOS.....	95

Lista de abreviaturas e siglas

ACL	ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
AO45	ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1945
AO90	ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990
APT	ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE TRADUTORES
BDT	BASE DE DADOS TERMINOLÓGICA
DIL	DISCURSO INDIRETO LIVRE
DWDS	DIGITALES WÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN SPRACHE
DE.....	ALEMÃO (LÍNGUA)
FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
FLUL	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
LC	LÍNGUA DE CHEGADA
LP	LÍNGUA DE PARTIDA
PM.....	PARTÍCULA MODAL
PT	PORTUGUÊS EUROPEU (LÍNGUA)
TC	TEXTO DE CHEGADA
TP	TEXTO DE PARTIDA
SMP	SISTEMA MODELIZANTE PRIMÁRIO
SMS	SISTEMA MODELIZANTE SECUNDÁRIO

Notas

1. A editora E-Primatur (Letras Errantes, Lda.) utiliza o Acordo Ortográfico de 1945, pelo que todas as citações realizadas do texto traduzido se encontram grafadas conforme o mesmo, ao contrário do restante relatório, que segue as normas do Acordo Ortográfico de 1990.
2. Apesar de termos consciência de que a abreviatura PT designa a língua portuguesa tanto na sua variedade europeia quanto nas suas variedades não europeias, a utilização da mesma no âmbito do presente relatório deve ser entendida como equivalente à mais precisa designação Português Europeu (PE), não adotada por se privilegiar aqui a clareza de contraste com o alemão (DE), e não a distinção entre variedades do português, assunto que se situa fora do escopo deste trabalho.

Introdução

O presente relatório, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ocupa-se da tradução literária para o português europeu da obra de língua alemã *Die Rebellion*, de Joseph Roth, levada a cabo durante o estágio curricular realizado no seio da editora E-Primatur (Letras Errantes, Lda.).

Cientes da complexidade inerente ao exercício desta vertente da tradução, a nossa atividade tradutória pautou-se pela aplicação criteriosa dos princípios teóricos apreendidos ao longo do percurso académico, procurando articulá-los, por um lado, com o desenvolvimento de uma investigação especializada na área da Tradução Literária e, por outro, com as exigências práticas e circunstâncias concretas do estágio curricular.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro partes, emolduradas pela Introdução e pelas Considerações Finais. Primeiramente, procede-se à descrição detalhada das características do estágio curricular, nomeadamente no que diz respeito à entidade de acolhimento, à delineação do trabalho desenvolvido durante o estágio e à metodologia segundo a qual esse foi empreendido, tratando-se a segmentação do mesmo em quatro fases distintas e a atuação mediada por um ambiente digital de trabalho concebido para atender às especificidades da tradução literária.

Na segunda parte do trabalho, apresenta-se o enquadramento teórico da Tradução Literária enquanto subdisciplina situada na confluência da Linguística, dos Estudos Literários e da Semiótica, destacando-se as idiossincrasias do texto literário e o modo como estas condicionam as escolhas do tradutor, seguindo-se a exposição acerca do quadro paradigmático que norteou a atividade tradutória.

Na terceira parte, dá-se o estudo biobibliográfico do autor, Joseph Roth, estabelecendo-se os aspetos mais relevantes da sua biografia e apresentando-se brevemente a obra traduzida, num esforço por começar a discernir os traços distintivos da sua voz autoral.

Por fim, o quarto capítulo do relatório reflete o processo a partir do qual *Die Rebellion* se transforma n' *A Rebelião*, debatendo-se acerca da análise exegética e das soluções concebidas para assegurar a preservação da identidade das propriedades estilísticas da obra. A partir dessas considerações, identificam-se os principais desafios colocados pelo texto, que se apresentam, paralelamente às respostas encontradas para os mesmos, distribuídas pelas diferentes subsecções: as «Questões Culturais» (4.1.), o perfil do «Discurso Narrativo» (4.2.), as «Particularidades Lexicais» (4.3.), a abundância de «Partículas Modais» (4.4.) e o retrato do modo «Como diz o Outro» (4.5.), isto é, a tradução de fraseologias, mais especificamente provérbios e expressões idiomáticas.

Agregou-se ao trabalho, ainda, um conjunto de Anexos e Apêndices, que procuram complementar os movimentos analíticos exemplificados ao longo do corpo do trabalho e mitigar, na medida do possível, as limitações decorrentes das restrições impostas a este relatório e da extensão da obra, agravada pela riqueza dos seus caracteres.

1. O Estágio Curricular

Para a conclusão do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, optou-se, dentre as duas modalidades contempladas no plano de estudos, pela modalidade prática, correspondente à realização de um estágio curricular e à elaboração do respetivo relatório. Tal decisão alicerçou-se no desejo de aquisição de experiência profissional, com vista à consolidação das competências desenvolvidas ao longo do ciclo de estudos. Ademais, esta vertente viabilizava a culminação natural de um percurso académico orientado, desde a Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (realizada igualmente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)), para o exercício de funções no meio editorial. Deste modo, estabeleceu-se que o estágio incidiria sobre o campo da Tradução Literária, com atuação na área dos Serviços Linguísticos.

Nesse sentido, procedeu-se à seleção de potenciais entidades de acolhimento, com base em critérios específicos, nomeadamente a compatibilidade da linha editorial com o tipo de obra visada para tradução, isto é, tendo como língua de partida (LP) o alemão e inserida, preferencialmente, nos géneros narrativo ou lírico; e a possibilidade de dedicação efetiva a atividades de tradução literária, integrando a tradução integral de, pelo menos, uma obra. O conjunto de empresas apurado englobava as seguintes editoras, por ordem de preferência: E-Primatur (chancela da Letras Errantes, Lda.), Guerra & Paz, Antígona, Alfaguara (do Grupo Editorial Penguin Random House), e Assírio & Alvim (do Grupo Porto Editora). Estas casas editoriais foram, então, contactadas por meio de uma mensagem de correio eletrónico, na qual se manifestava o interesse na realização de um estágio curricular, se descreviam os objetivos do mesmo e as competências da candidata (apresentadas, em detalhe, no *Curriculum Vitae* anexado à mensagem), e se questionava a viabilidade de acolhimento da estagiária.

Prontamente, foi recebida uma resposta positiva por parte da chancela E-Primatur, tendo o editor Hugo Xavier procedido à marcação de uma reunião, para apresentação das especificidades dos estágios desenvolvidos no seio da editora. Após

discussão das mesmas (apresentadas na secção 1.2.), o estágio curricular foi acordado e, posteriormente, formalizado¹.

1.1. Apresentação da Entidade de Acolhimento

A E-Primatur, chancela editorial que constituiu a entidade de acolhimento para o estágio curricular, foi fundada em 2015 pelos editores Hugo Xavier, Pedro Bernardo e João Reis, integrando, em conjunto com a Bookbuilders, a Livro B e a Bicho-do-Mato, a editora sob o nome jurídico Letras Errantes, Lda., com sede em Silveira, Torres Vedras. O sócio-gerente e supervisor do estágio, Hugo Freitas Xavier, é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) (variante de Estudos Portugueses e Ingleses) e, para além da atividade desempenhada como tradutor (inglês), foi um dos fundadores da Cavalo de Ferro, tendo exercido funções editoriais em diversas editoras, nomeadamente a Nova Vega, e funções de direção editorial na Ulisseia, Arcádia e K4 (integrantes do Grupo Babel). O editor, revisor e tradutor Pedro Bernardo, licenciado em Estudos Ingleses e Alemães pela FLUL, foi responsável editorial das Edições 70 (Grupo Almedina) e editor de não-ficção da Actual Editora (Grupo Almedina). O sócio João Reis, licenciado em Filosofia pela FLUP, cofundou, em 2010, a Eucleia Editora, na qual principiou o desempenho do ofício da tradução de línguas nórdicas (norueguês, sueco, dinamarquês e islandês), bem como de inglês; é autor de diversas obras, das quais destacamos *A Noiva do Tradutor* (2015), finalista do *Bare Fiction Prize*, e que conta com publicação nos Estados Unidos (pela Open Letter Books).

A fundação da editora, decorrente de uma ideia de Hugo Xavier e empreendida, como demonstrado, por meio de uma equipa editorial com uma vasta e valiosa experiência transdisciplinar, objetivou, de acordo com o website da editora, «preencher lacunas graves no panorama cultural e editorial português» (Bernardo et al., 2025). Deste modo, a linha editorial é composta maioritariamente por clássicos sem tradução

¹ Relativamente às restantes editoras, apenas se recebeu resposta da Guerra & Paz, tendo a mesma sido negativa e apenas emitida passados vários meses.

para o português europeu (ou esgotados), obras cujo impacto histórico-cultural lhes conferiu a consagração como tal no estrangeiro ou até de um ponto de vista internacional.

A editora distingue-se pela adoção da inovadora modalidade de *crowdpublishing*, que consiste no financiamento coletivo, por parte dos leitores, de projetos editoriais. É possível, através do website da E-Primatur, apoiar monetariamente livros em fase de votação (recebendo-se a obra por um valor de cerca de dois terços do custo em livraria); e, inclusive, realizar propostas à editora para publicação de um determinado título. Caso um certo projeto não atinja a meta de financiamento estabelecida, a equipa editorial pode decidir assegurar o montante remanescente e prosseguir com a publicação da obra; ou, alternativamente, o leitor recebe o reembolso do montante do seu apoio, podendo escolher, em vez disso, utilizar o valor para apoiar outro projeto em período de votação. Surge, destarte, como natural a designação «E-Primatur», derivada da palavra latina *imprimatur*, que, significando «imprima-se», era a inscrição presente no selo utilizado pela Inquisição para concessão de autorização para que um determinado texto fosse impresso. Neste caso, é dada a palavra aos leitores, permitindo-lhes participar ativamente no processo editorial.

Esta editora, ainda que seja uma empresa pequena, tem registado um grande sucesso no mercado editorial português, tendo o seu crescimento sido, em termos relativos, maior do que o de uma grande editora; verifica-se o aumento consistente dos leitores registados no website e das contribuições monetárias, bem como o financiamento de 70 a 80% dos livros editados pelo *crowdpublishing* (conforme Hugo Xavier, em entrevista a Jessica Kilpp (2021), cujos dados se mantêm válidos à data deste trabalho).

Paralelamente à publicação da mais alta literatura, a E-Primatur destaca-se ainda pela qualidade das suas edições, nomeadamente no que diz respeito ao mérito das suas traduções, levadas a cabo segundo padrões de qualidade rigorosos e operando a partir de um conjunto múltiplo e diversificado de línguas. Não se estranha, portanto, que diversas obras por si editadas tenham sido galardoadas com prémios no domínio da tradução, das quais destacamos, a título de exemplo, a *Contos de Cantuária*, de Geoffrey

Chaucer, com tradução de Daniel Jonas, distinguida com o Grande Prémio de Tradução Literária Francisco Magalhães 2022, promovido pela Associação Portuguesa de Tradutores (APT); e *Gargântua & Pantagruel* (2 volumes), de François Rabelais, com tradução de Manuel de Freitas, vencedora do Grande Prémio de Tradução Literária Francisco Magalhães 2024 (APT).

O reconhecimento do valor do ofício tradutório é, igualmente, o fator ocasionador da aceitação de estágios curriculares em tradução literária por parte da editora, uma iniciativa que constitui, em última instância, um projeto pessoal de Hugo Xavier, cujo acompanhamento aos estagiários se fundamenta na consciência da importância desta etapa formativa para o desenvolvimento de competências profissionais indispensáveis e para o aparecimento de novos tradutores num mercado em que o nível de qualidade tem vindo a decrescer significativamente (segundo o próprio, em entrevista à estagiária Jéssica Ricardo (2023)).

1.2. Descrição Geral do Estágio

O estágio curricular, com duração prevista de 375 horas e em regime de teletrabalho, acordou-se, inicialmente, para o período compreendido entre o dia 10 de fevereiro e o dia 30 de maio de 2025. Lamentavelmente, o cronograma delineado teve de ser reajustado em virtude de um problema médico que exigiu intervenção cirúrgica e subsequente período de recuperação, tendo esse intervalo temporal de suspensão das atividades sido restituído entre os meses de setembro e dezembro.

A supervisão do estágio curricular foi desempenhada pelo editor Hugo Xavier e, tal como descrito no Plano de Estágio (Apêndice 1), as atividades desempenhadas pela estagiária englobaram a tradução da obra *Die Rebellion*, do autor austríaco Joseph Roth, para o português europeu, entremeada de atividades de investigação pertinentes a tópicos relevantes para a atividade tradutória; e a revisão e edição do texto produzido, tarefa que incluiu a implementação de alterações propostas pelo supervisor. A distribuição horária das diversas atividades desenvolvidas encontra-se esquematizada na Tabela 1, com valores aproximados às unidades.

Tabela 1 - Distribuição horária das atividades desenvolvidas durante o estágio curricular

Atividades	Número de horas despendidas	Distribuição percentual
Tradução	315	75%
Investigação	63	15%
Revisão, edição	42	10%
Total	420	

Em relação à obra que constituiria o objeto do estágio, foi-nos permitido proceder à sua eleição dentre um conjunto de mais de 120 títulos, constantes de um documento facultado pela editora contendo obras em língua alemã compatíveis com a sua linha editorial e com os objetivos de um estágio curricular em tradução literária. A escolha da obra *Die Rebellion* assentou na conjugação de critérios de natureza logística e formativa: para além da adequação da extensão da obra ao âmbito do estágio curricular (31 393 palavras), o romance destacou-se pela multiplicidade e complexidade de fenómenos linguísticos e estilísticos registados, potencializadores de desafios tradutórios profundamente enriquecedores para a capacitação profissional da estagiária, de entre os quais se salientam, por exemplo, a predominância de terminologia de diversas áreas (militar, bélica, médica, anatómica, jurídica, religiosa, etc.), a utilização de regionalismos austríacos, a abundância de expressões idiomáticas e provérbios, bem como de outros itens lexicais culturalmente específicos, e a sofisticada arquitetura discursiva, sinalizadora da mestria, por parte do autor, dos mecanismos de significação literária.

Todas as atividades se pautaram pelo Livro de Estilo da editora, documento que estabelece um conjunto de diretrizes de ordem ortográfica, tipográfica e estilística, abrangendo, a título de exemplo, normas relativas ao uso de itálicos, negritos e versaletes, à grafia de estrangeirismos e marcadores temporais ou geográficos, às abreviaturas a adotar para as formas de tratamento, ou ainda referentes a princípios relacionados com a revisão da prova paginada.

Dentre as diretrizes estabelecidas no Livro de Estilo, com vista à coerência e uniformidade editorial, salienta-se a não adoção por parte da editora do Acordo Ortográfico de 1990 (AO90), o que requereu, entre outros, a consulta recorrente e aplicação rigorosa das regras ortográficas do Acordo Ortográfico de 1945 (AO45), assim como a utilização de meios de verificação linguística adaptados a essa circunstância.

A comunicação com o supervisor, efetuada quer por via eletrónica síncrona (reuniões através da plataforma *Zoom*) ou assíncrona (correio eletrónico), quer por via telefónica, constituiu um apoio fundamental ao processo de tradução, tendo englobado, para além do envio intercalar dos capítulos traduzidos para emissão de parecer por parte do editor, o esclarecimento de dúvidas e a comunicação de sugestões devidamente fundamentadas para a implementação de alterações ao texto traduzido. O processo de revisão efetuou-se tendo em conta quer o parecer do professor orientador do relatório, cuja proficiência na língua alemã viabilizou uma apreciação bilingue do texto de partida (TP) e do texto de chegada (TC) produzido, quer o do supervisor do estágio, cuja vasta experiência como tradutor e editor se revelou crucial para o aprimoramento do texto traduzido.

1.3. Metodologia de Trabalho

O estágio curricular segmentou-se em quatro fases. A primeira, em período anterior ao estágio, consistiu numa leitura rápida de um conjunto de obras, triadas dentre as mais de 120 elencadas na listagem fornecida pela editora, com vista à seleção do objeto de tradução; esta atividade, antecedida por uma breve pesquisa acerca dos respetivos autores e contextos de produção, envolveu uma aferição genérica das categorias de desafios de tradução com que nos depararíamos durante o processo de tradução de cada uma. A diversidade e complexidade do inventário derivado desta apreciação no caso da obra *Die Rebellion*, de Joseph Roth, determinou a escolha dessa obra para tradução.

A segunda fase correspondeu a uma releitura da obra, mais demorada e minuciosa, apoiada em tarefas de investigação mais aprofundadas, de modo a proceder à interpretação do texto e à inspeção das suas peculiaridades estilísticas. Neste

momento, ocupámo-nos, ainda, da criação de um ambiente digital de trabalho concebido especificamente para o exercício da tradução literária, a que dedicamos a subsecção 1.3.1.

A tradução da obra representou a terceira fase e, naturalmente, a mais prolongada, em que foram investidas cerca de 315 horas, ou, em dias de trabalho de cinco horas, 63 dias. O supervisor estabeleceu, na reunião inicial com a estagiária, que a experiência do estágio curricular, ainda que objetivasse, evidentemente, a reprodução da atividade profissional, priorizaria a qualidade do trabalho em detrimento da produtividade, que apenas deveria rondar os 60% daquela de um tradutor literário em condições análogas. A meta de palavras traduzidas por dia estabelecida pela estagiária rapidamente se revelou inexecutável, graças à densidade terminológica, à abundância de unidades lexicais e fraseológicas culturalmente específicas ou polissêmicas, à arquitetura sintática complexa, à presença significativa de partículas modais e recursos estilísticos, entre outros, constatadas na obra. Deste modo, embora tenha havido dias em que a meta inicial de 685 palavras foi não só alcançada, mas mesmo largamente ultrapassada, houve outros em que, pela natureza das passagens, não foi possível cumpri-la sem comprometer a qualidade do texto produzido². Este quadro requereu um dispêndio temporal considerável em atividades de investigação, bem como de formulação e avaliação crítica das possíveis soluções tradutórias.

Atuou-se, para esse efeito, com recurso, por um lado, a materiais de referência, como dicionários generalistas e especializados, enciclopédias, gramáticas e corpora linguísticos, e a outros instrumentos documentais de cariz histórico e cultural; e, por outro, a diversas fontes especializadas, incluindo estudos teóricos nos domínios da Linguística, Semiótica, Teoria da Literatura e Teoria da Tradução (Literária). Apresentam-se, na Tabela 2, algumas das obras de referência utilizadas, às quais se acrescentam ainda: o portal terminológico da União Europeia IATE (Interactive Terminology for Europe); o conjunto de dicionários e enciclopédias disponibilizados no

² Acrescente-se, ainda, que reconhecemos que a nossa experiência não pode ser propriamente representativa de uma situação profissional típica, devido à distribuição atípica e fragmentada do tempo de trabalho, que se impôs por motivos de ordem médica.

portal *Wörterbuchnetz* (projeto da Universidade de Trier; versão 01/25); corpora linguísticos alemães, como aqueles disponibilizados nos portais *Datenbank für Gesprochenes Deutsch* (Leibniz-Institut für Deutsche Sprache) e no portal do projeto *Wortschatz Leipzig* (Universidade de Leipzig); e um conjunto de recursos disponibilizados pela Linguateca, incluindo dicionários, enciclopédias e corpora linguísticos quer de português escrito (CETEMPúblico, DiaCLAV), quer de português falado (CORDIAL-SIN), bem como corpora de textos literários (Literateca) e corpora paralelos de tradução (CorTrad, COMPARA, etc.).

A utilização combinada destes instrumentos decorreu da consciência da necessidade de conjugação das ferramentas lexicográficas e gramaticais com materiais ilustrativos do uso da língua, e com noções de cariz teórico-prático relativas a campos do saber relevantes, como os Estudos Literários, em conformidade com o princípio segundo o qual,

dado todo o espectro do conteúdo posto à disposição por uma entrada de dicionário (mais uma razoável informação enciclopédica), o tradutor deve escolher a acepção ou o sentido mais plausível, razoável e relevante naquele contexto e naquele mundo possível. (Eco, 2003/2005, p. 45)

A quarta fase decorreu, em parte, de modo paralelo com a terceira, consistindo na revisão dos capítulos traduzidos de modo a implementar correções e sugestões do supervisor (e do orientador do relatório), resolver eventuais desafios cuja solução se tivesse, entretanto, encontrado, proceder ao controlo da consistência terminológica; e, em matéria de atividades que pertencem, na verdade, à esfera da edição, deu-se ainda a correção de erros ortográficos, tipográficos, de pontuação ou formatação, entre outros. Para além disso, teve lugar a produção de um prefácio e de um apêndice para o romance (abordados ulteriormente no presente relatório). Antes da publicação da obra, a mesma será revista novamente por um revisor selecionado pela editora para o efeito, cabendo a esta a decisão final em situações de desacordo entre as partes.

Tabela 2 - Obras de referência utilizadas (lista não exaustiva)

Dicionários Generalistas		
DE	PT	DE-PT/PT-DE
DUDEN (s.d.)	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss & Villar, 2005)	<i>Taschenwörterbuch – Portugiesisch/Dicionário de Bolso – Alemão</i> (Langenscheidt, 2015)
<i>Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache</i> (s.d.)	<i>Dicionário da Língua Portuguesa</i> (Academia das Ciências de Lisboa, s. d.)	<i>Dicionário de Alemão-Português/Português-Alemão</i> (Porto Editora, 2013)
<i>Deutsches Wörterbuch</i> (Wahrig & Wahrig-Burfeind, 1997)	<i>Grande Dicionário da Língua Portuguesa</i> (Silva et al., 2002)	<i>Dicionário de Alemão-Português e Dicionário de Português-Alemão</i> (2 vols.) (Porto Editora, 1978)
Dicionários Especializados		
DE	PT	DE-PT/PT-DE
<i>Lexikon deutscher Partikeln</i> (Helbig, 1988)	<i>Dicionário de expressões correntes</i> (Neves, 2000)	<i>Dicionário Idiomático Alemão-Português/Idiomatik Deutsch-Portugiesisch</i> (Schemann et al., 2012)
<i>Deutsche Idiomatik: Wörterbuch der deutschen Redewendungen im Kontext</i> (Schemann, 2011)	<i>Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos bem como de curiosidades verbais, frases feitas, ditos históricos e citações literárias de curso corrente na língua falada e escrita</i> (Magalhães Júnior, 1982)	
<i>Synonymwörterbuch der deutschen Redensarten</i> (Schemann & Birkenhauer, 2012)	<i>O Livro dos Provérbios Portugueses</i> (Costa, 1999)	<i>Dicionário Idiomático Português-Alemão/Idiomatik Portugiesisch-Deutsch</i> (Schemann & Dias, 2012)
		<i>Dicionário de provérbios: alemão, francês, inglês, português</i> (Silva & Quintão, 1990)
Gramáticas		
DE	PT	
<i>Deutsche Grammatik: Neubearbeitung</i> (Engel, 2004)	<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Mateus et al., 2003)	
<i>Die Große Grammatik: Deutsch</i> (Balcik et al., 2009)	<i>Nova gramática do português contemporâneo</i> (Cunha & Cintra, 2016)	
<i>Gramática da Língua Alemã</i> (Pires, 2002)	<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Ferreira & Figueiredo, 2002)	

1.3.1. Ecossistema de ferramentas digitais

Pode considerar-se que a produtividade de um tradutor é largamente influenciada pelo uso de CAT-Tools (Computer-Assisted Translation Tools), cujas funcionalidades – particularmente o recurso a Memórias de Tradução e a Bases de Dados Terminológicas (BDT) – permitem reduzir significativamente o tempo de execução das traduções, aumentar a consistência terminológica e otimizar o processo de revisão. No seio da tradução literária, contudo, tal correlação não se verifica necessariamente, uma vez que, por um lado, a segmentação automática do texto tende a ser pouco vantajosa, senão mesmo contraproducente, por determinar a contemplação fragmentada do texto literário; e que as Memórias de Tradução registam uma utilidade limitada, visto que dificilmente podem ser aplicadas num texto marcado pela singularidade das formulações. Face a estas considerações, desenvolvemos, num período anterior ao início do estágio, um ambiente digital de trabalho pensado para acomodar as especificidades da tradução literária, materializado num “ecossistema” de ferramentas digitais.

A interface central desse sistema foi o programa Scrivener (Versão 3.1.6.0). Este software, desenvolvido pela companhia Literature & Latte em 2007, é um processador de texto pensado originalmente para escritores – mas que é utilizado igualmente por profissionais da área da tradução –, que agrega funções de redação, edição, gestão de notas ou rascunhos, de formatação, e de incorporação de páginas *web*, entre outras (Literature & Latte, 2025). É possível experimentar o programa durante um período de 30 dias, sendo os mesmos contabilizados através de uso efetivo do *software*, e durante os quais todas as funcionalidades estão disponíveis. A licença do Scrivener tem um custo de 69,99€ para o público geral e de 59,49€ para membros do ensino superior (condições aplicáveis tanto a Windows quanto a macOS), conferindo a mesma acesso vitalício à versão do software adquirida, que pode ser utilizada simultaneamente em diversos computadores (Literature & Latte, 2025). O utilizador usufrui de atualizações regulares no interior da sua versão do programa e, aquando do lançamento de novas versões («major version updates»), pode optar por continuar a utilizar a versão que adquiriu do

produto ou, alternativamente, obter uma licença para o uso da nova versão, com um desconto significativo face ao preço da primeira aquisição (Literature & Latte, 2025).

Destacamos, de seguida, as funcionalidades do *software* mais relevantes para a tradução literária, que se acrescentam àquelas expectáveis em qualquer processador de texto, e que foram decisivas para a sua aquisição. A interface do programa segue uma estrutura modular, pelo que alberga, no seu interior, a multiplicidade de documentos que forem carregados (ou criados) pelo utilizador, permitindo oscilar entre documentos de modo mais automatizado e acelerado (Figura 1, painel lateral esquerdo). Esta função determina, igualmente, que a interface se revele particularmente adequada ao processo de tradução literária, já que permite contemplar os diferentes capítulos de forma segmentada no painel lateral, navegar agilmente entre eles, criar versões diferentes dos mesmos, etc. Para além disso, é neste painel que são apresentados os restantes documentos do projeto, podendo albergar desde arquivos de pesquisa, notas e materiais de referência a páginas *web* incorporadas no programa, todos imediatamente acessíveis. No nosso caso, a estrutura do projeto compreendia duas pastas principais, referentes ao TP e ao TC, nas quais se encontravam organizados os respetivos capítulos; outras pastas referentes a diferentes versões do TC (consoante submetidas a processos de revisão e edição), um documento em que se elencavam termos para adição à BDT, o Livro de Estilo da editora, entre outros (Figura 1, painel lateral esquerdo). Ainda que os capítulos sejam, tecnicamente, documentos independentes, o *software* oferece a opção de os compilar automaticamente, viabilizando a exportação num só documento, formatado de acordo com as preferências do utilizador e compatível com a maior parte dos processadores de texto.

A funcionalidade «Split Editor» constituiu, do mesmo modo, uma mais-valia fundamental, já que a divisão vertical do processador de texto permitiu a disposição lado a lado dos capítulos dos TP e TC, vinculados ao ambiente de tradução – diferentemente daquilo que sucede, por exemplo, no Microsoft Word, em que tal disposição requer configuração manual recorrente e a abertura individual de cada ficheiro em cada sessão de trabalho (Figura 1, painel central (Editor)). O Scrivener possibilita, para além da inserção de comentários em tudo semelhantes aos de outras

ferramentas, a introdução de um tipo especial de comentários, designados «inline comments», que permitem assinalar alternativas de tradução envolvendo a omissão das palavras seleccionadas, sendo destacadas pelo programa a vermelho (cor da fonte e forma envolvente) (Figura 1, painel lateral direito e painel central, respetivamente). Existe igualmente a opção de acionar, através de um conjunto de teclas, um bloco de notas em janela flutuante.

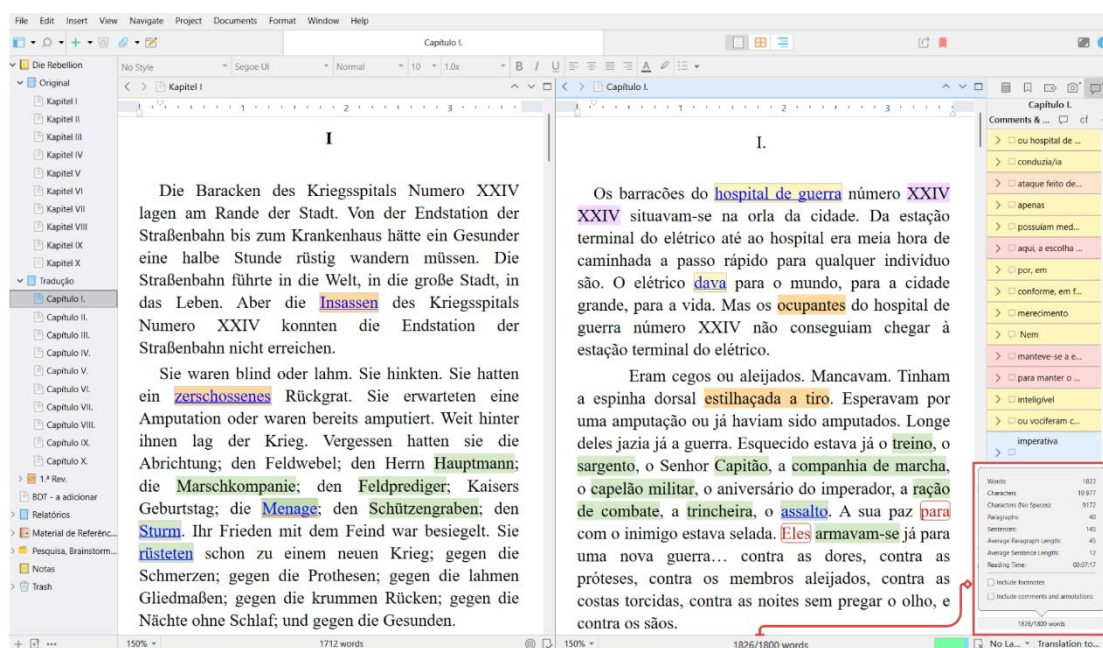


Figura 1 - Interface do programa Scrivener

A definição do estado de um documento também se revelou significativamente vantajosa, sendo utilizada por nós para categorizar os documentos quanto à fase em que se encontravam nos processos de tradução, revisão e edição (Figura 1, canto inferior direito). É exibido, em cada documento aberto, o número de palavras total, bem como o número de palavras a atingir, se o utilizador o tiver estabelecido, ao lado da respetiva barra de progresso; outras contagens calculadas são os parágrafos, as frases, a extensão média dos mesmos e, ainda, o tempo de leitura expectável (Figura 1, painel lateral direito, enquadrado a vermelho), assim como contagens referentes a todos os documentos de uma certa pasta, por exemplo. Destaca-se, por último, a funcionalidade «Snapshot», que consiste na criação de registos instantâneos (“fotografias”) do documento em diferentes momentos do processo de tradução ou revisão, permitindo

comparar versões entre si e, se necessário, restaurar integralmente uma versão anterior do texto.

Decidimos complementar as funcionalidades desta ferramenta com as de outras três, de modo a atingir um fluxo de trabalho o mais eficiente possível e aproximado, de certa forma, daquele proporcionado pelo uso de uma CAT-Tool.

Por meio da aplicação AutoHotKey (autohotkey.com), gratuita e de código aberto, procedemos à criação de atalhos de teclado – materializados num *script* elaborado por nós de forma intuitiva, em conformidade com as orientações do *software* –, destinados à inserção de sinais gráficos recorrentes no texto traduzido de forma otimizada em relação à utilização da codificação Unicode. Foi o caso de três caracteres especiais, prescritos pelo Livro de Estilo da editora: as reticências como sinal gráfico, e não uma sequência introduzida manualmente de três pontos finais (AltGr + . (ponto final)); a meia-risca (–), que liga elementos em série ou separa orações (AltGr + º (indicador ordinal masculino)); e o travessão (—), utilizado em diálogos (AltGr + ~ (til)).

Adicionalmente, fizemos uso do programa GoldenDict, uma ferramenta que funciona como um agregador de recursos lexicográficos, permitindo a consulta integrada e simultânea de diversas fontes online e offline. Este *software*, também gratuito e de código aberto, foi incorporado no nosso ambiente digital de trabalho pela sua possibilidade de funcionamento em janela flutuante, que possibilitou a pesquisa instantânea de termos selecionados em qualquer aplicação, devolvendo os resultados de todas as fontes em que existisse o verbete em questão (Figura 2). Esta função, acionada através do atalho Ctrl + C + C, otimizou o fluxo de trabalho ao permitir a integração da pesquisa lexical³ no processo tradutório e eliminar a necessidade de oscilação recorrente entre aplicações. Tanto o *script* da AutoHotKey quanto a aplicação GoldenDict foram configuradas para serem iniciadas no arranque do computador, pelo que se encontravam sempre funcionais logo que se iniciasse sessão.

³ Referimo-nos a uma pesquisa não aprofundada; a pesquisa aprofundada foi levada a cabo maioritariamente através de recursos lexicográficos em suporte físico.

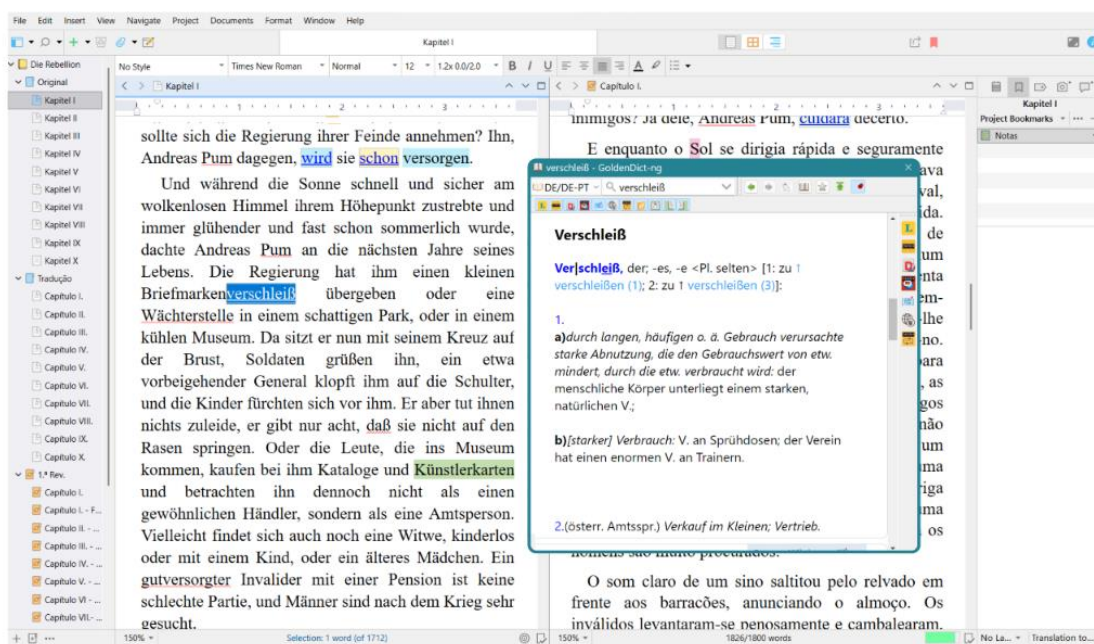


Figura 2 – Aspeto da janela flutuante do programa Goldendict

A gestão do projeto de tradução foi efetuada através da plataforma gratuita Notion (na sua versão para Windows). A mesma albergou os nossos registos de tempo de trabalho, de número de palavras traduzidas por dia, de progresso em relação à totalidade de palavras a traduzir, a listagem de desafios tradutórios encontrados e, em especial, a nossa Base de Dados Terminológica. A estrutura das bases de dados deste programa possibilitou a atribuição de categorias às entradas (por exemplo, «MIL» para terminologia militar; «REG» para assinalar regionalismos) e o registo do(s) capítulo(s) em que se desse a sua ocorrência, bem como a anexação às entradas da BDT de toda a investigação que realizássemos sobre as mesmas (Figura 3). O programa permite, igualmente, a organização das bases de dados segundo os mais variados critérios, possibilitando a filtragem e ordenação por uma determinada categoria ou capítulo.

A articulação entre os diferentes programas proporcionou, portanto, um fluxo de trabalho extremamente proveitoso, capaz de responder às exigências particulares da tradução literária com a eficiência técnica habitualmente associada à tradução assistida por computador.

▼ Base de Dados Terminológica

Aa DE	Aa PT	Notas	Cat.	Cap.
Baracken	barracões		MISC	1. 2.
Feldprediger	capelão militar		MIL	1.
Gefreite	segundo-cabo		MIL	1.
Heiden	pagãos		MISC	1. 2. 4. 6.
Künstlerkarten	bilhetes-postais de artista		MISC	1.
Menage	rancho, ração de combate		MIL	1.
Verschleiß [Áustr.]	venda de retalho, comércio de/a retalho		REG	1. 2.
Drehorgellizenz	licença para tocar realejo		REAL	2.
Zitterer	trememente		MED	2.
Rückwand	painel traseiro		REAL	3.
Spiritusmaschine, Spirituskocher	lâmparina de álcool		MISC	3.
Abfertigung	indenização por despedimento		JUR REG	7.

Figura 3 - Base de Dados Terminológica criada no programa Notion

2. Tradução Literária: Enquadramento Teórico

Tendo como objeto o texto literário, a Tradução Literária, subdisciplina da Tradutologia, situa-se num ponto de interseção disciplinar entre diversas áreas do conhecimento, de entre as quais se destacam a Linguística, os Estudos Culturais, a Semiótica e, diferentemente do que se verifica quanto aos restantes tipos de tradução, os Estudos Literários (Apel & Kopetzki, 2003). Destarte, os problemas inerentes ao exercício da tradução desta natureza são, em virtude da singularidade do texto literário, distintos daqueles que se registam, por exemplo, no âmbito da Tradução Técnica e Científica. Discorre-se, na próxima secção, acerca dessa particularidade textual, seguindo-se, então, a apresentação – não exaustiva, pela índole do presente trabalho – de alguns modelos de abordagem à Tradução Literária, nos quais se escorou a atividade tradutória realizada durante o estágio curricular.

2.1. A singularidade do texto literário

É medular à atividade tradutória e à investigação em Tradutologia o estabelecimento de tipologias textuais, em decorrência do modo como as mesmas condicionam a atuação do tradutor (Nord, 1997; Reiß & Vermeer, 1984). Tendo como objetivo o alcance da *equivalência de funções* entre o texto de partida e o texto de chegada, a tradução – que pode ser abreviadamente definida como a transferência de um signo ou conjunto de signos de um determinado sistema linguístico-cultural para outro – apenas pode aproximar-se desse fim se for instruída pelo tipo de texto sobre o qual incide (Reiß & Vermeer, 1984). Tal deve-se ao facto de a tipologia textual (*Texttyp*), decorrente da função comunicativa predominante, ser um fator determinante para a definição de uma hierarquia de níveis de equivalência (*Äquivalenzebenen*), que orienta o processo tradutório determinando a priorização da preservação de certos aspetos do TP em detrimento de outros, no sentido de cumprir o *Skopos*⁴ da tradução (Reiß &

⁴ No seio da *Skopostheorie*, entende-se por *Skopos* o propósito de uma atividade tradutória (e, consequentemente, de um texto de chegada), podendo verificar-se a existência de mais do que um *Skopos* em diferentes secções de um mesmo texto (ver Reiß & Vermeer, 1984). Nord (1997) sugere a

Vermeer, 1984, p. 156; ver também Nord, 1997). Assim, e adotando a categorização de Christiane Nord (1997), a função comunicativa predominante num determinado texto pode ser a referencial (que engloba as subfunções informativa e metalinguística), a expressiva, a apelativa ou a fática; e essa propriedade determina o tipo de equivalência que o tradutor deve ambicionar alcançar: se, por exemplo, se trata de um anúncio publicitário, em que a função dominante é a apelativa, o cume da hierarquia de níveis de equivalência requeridos deve ser ocupado pela equivalência pragmática, correspondente à preservação do efeito persuasivo, e não pela equivalência referencial, ou seja, pela preservação de aspetos denotativos do texto (Reiß & Vermeer, 1984, p. 157).

No texto de natureza literária, caracterizado pela dominância da função comunicativa expressiva, o aspeto informativo é complementado ou mesmo subjugado por uma componente estética, sendo codificado quer a nível de conteúdo, quer a nível de organização estética (Nord, 1997, pp. 38 e 41-42; Reiß & Vermeer, 1984, p. 206).

Para uma análise mais aprofundada da natureza do texto literário, demonstra-se necessária a abordagem de outros esquemas paradigmáticos, inseridos nos campos da Linguística, da Semiótica e dos Estudos Literários. Neste contexto, o modelo da comunicação proposto pelo formalista russo Roman Jakobson (1960) é incontornável, na medida em que é nele que se baseia a noção de *literariedade*, conceito matriz dos Estudos Literários. Segundo o linguista, a comunicação verbal pressupõe obrigatoriamente a interação de seis fatores inalienáveis, relacionados da seguinte forma: o **remetente** envia uma **mensagem** a um **destinatário**, referente a um **contexto** (aquilo de que se fala), utilizando um **código** (um idioma ou outro sistema semiótico) e através de um **contacto** (canal físico e conexão psicológica entre os agentes da comunicação) (Jakobson, 1960, p. 353). Cada um desses fatores está associado a uma diferente função da linguagem, como esquematizado na Figura 4; e em cada ato comunicativo, ainda que exista por norma mais do que uma função, uma delas é

distinção entre «intention», o propósito que um emissor pretende alcançar através do texto que produz; e «function» (aplicada ao contexto da Tradutologia), o propósito de um TC de acordo com a sua função para o recetor, segundo as suas expectativas, necessidades e circunstâncias (p. 28).

hierarquicamente superior às outras, determinando o pendor (*Einstellung*) ou orientação de uma dada mensagem verbal (Jakobson, 1960, p. 353).

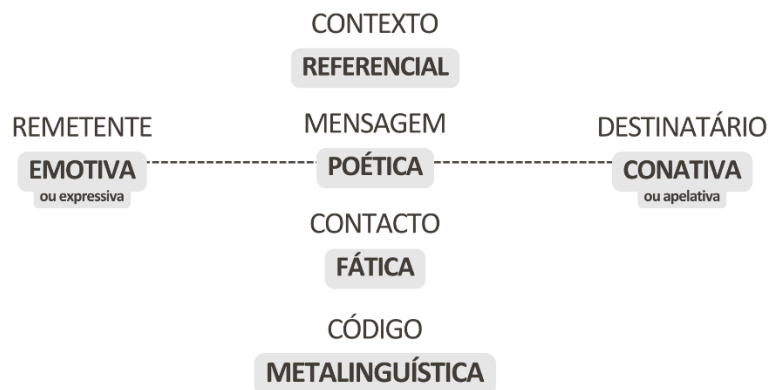


Figura 4 - Modelo de comunicação proposto por Jakobson (1960). A função da linguagem indica-se em fundo destacado imediatamente abaixo do elemento do esquema comunicativo ao qual está associada (por exemplo, a função conativa (ou apelativa) consiste na orientação da mensagem verbal para o destinatário).

No sentido de estabelecer, com rigor, o objeto dos Estudos Literários – tarefa reconhecida como uma necessidade pelo formalismo russo, pelo *new criticism* e pela estilística, importantes movimentos de teoria e crítica literárias da primeira metade do século XX –, Roman Jakobson concebeu o conceito de *literariedade*, postulando que

o objecto da ciência da literatura não é a literatura, mas a literariedade, isto é, o que faz de uma determinada obra uma obra literária. (Jakobson, 1921, como citado em Aguiar e Silva, 1988, p. 15).

Em busca desse conjunto de idiossincrasias da linguagem literária, começa-se por estabelecer que a mesma é o produto de uma determinada função da linguagem: a função poética⁵ (Jakobson, 1960). Verifica-se, assim, nos textos de cariz literário, a orientação para a mensagem «por ela própria», que ascende do estatuto de constituinte

⁵ Note-se que, nesta aceção, «poética» refere-se a toda a literatura enquanto arte verbal, e não unicamente ao texto poético.

subsidiário nas restantes atividades verbais a função dominante na arte verbal (Jakobson, 1960, p. 356).

Torna-se imprescindível, neste ponto, clarificar que, em sentido estrito, a aceção de «função expressiva» no seio da Teoria da Tradução engloba, dentre as funções da linguagem propostas por Roman Jakobson, quer textos em que predomina a função expressiva (ou emotiva) da linguagem, quer textos em que tem primazia a função poética. Note-se que Nord (1997) expande a classificação de texto expressivo proposta por Reiß⁶, fazendo-a passar a incorporar, para além do texto literário, todo o texto ou enunciado orientado para o emissor, veiculador da sua atitude em relação aos objetos e fenómenos do mundo (p. 41), podendo referir-se, por exemplo, a uma determinada troca dialógica, de cariz não literário, em que se expressam sentimentos ou opiniões do emissor. Esta demarcação é essencial para evitar a redução da função expressiva como empregada nestes modelos da Tradutologia à mera função emotiva da taxionomia jakobsiana, cenário erróneo em que se veriam excluídos desta tipologia textual os textos literários, em que é a função poética a que prevalece, ainda que a expressiva esteja presente.

A supremacia da função poética na linguagem literária é responsável pela promoção do «carácter palpável dos signos», pelo que se vê aprofundada a dicotomia fundamental entre signos e objetos (Jakobson, 1960, p. 356). Para compreender as implicações desta proposição, é imperativo contemplar a unidade basilar da linguagem literária: o signo linguístico. Como concebido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1916/2006), o signo linguístico é uma «entidade psíquica de duas faces» (inseparáveis), composta por um *significante*, isto é, uma imagem acústica, correspondente a um determinado material fonológico; e por um *significado*, ou seja, um conceito presentificado ou evocado pelo significante, podendo esse ser mais ou menos abstrato (pp. 79-83) (Figura 5). A relação entre o significante e o significado é arbitrária, o que quer dizer que, com exceção do signo onomatopaico, o laço entre as duas entidades não

⁶ Ver Reiß & Vermeer, 1984.

é motivado, razão pela qual, aliás, um dado significado é denotado através de diferentes materiais fonológicos em diferentes línguas (Saussure, 1916/2006, pp. 81-82).

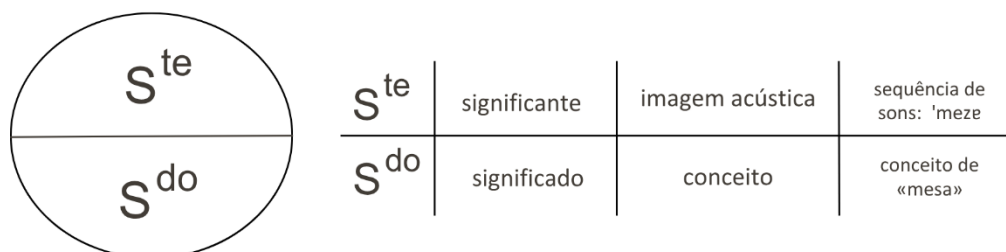


Figura 5 - Representação do signo linguístico como proposto por Saussure (1916/2006)

Posto isto, a promoção do «carácter palpável dos signos» no seio da literatura corresponde à valorização do significante linguístico, particularidade que não se verifica nas restantes utilizações da linguagem, nas quais se constata uma relação meramente instrumental do signo com a realidade extralinguística (Aguiar e Silva, 1988; Britto, 2012; Mendes, 1986). Para esse atributo aponta também Friedrich Schleiermacher (1813/2010), ao afirmar que

Ganz anders auf jenem der Kunst und Wissenschaft zugehörigen Gebiet, und überall wo mehr der Gedanke herrscht, der mit der Rede Eins ist, nicht die Sache, als deren willkürliches vielleicht aber fest bestimmtes Zeichen das Wort nur dasteht (p. 46) [*Bem diferente é a situação no domínio da arte e da ciência, e onde quer que impere o pensamento – que é uno com o discurso – e não a coisa, de que a palavra é apenas o signo arbitrário, ainda que talvez firmemente estabelecido*]

A tradução, cuja atividade costuma centrar-se na esfera do significado – pois os significantes são inevitavelmente substituídos na transferência interlinguística –, sofre uma complexificação quando o seu objeto é a literatura, graças ao valor autónomo e autotélico da mensagem literária, concebida como objeto estético (Aguiar e Silva, 1988,

pp. 52 e 62; Britto, 2012). Deste modo, como formula Aguiar e Silva (1988), a mensagem literária

enquanto organização formal, enquanto *textura de significantes* (“o lado palpável dos sinais”) – jogo de ritmos, aliteraões, eufonias, rede de paralelismos, anáforas, etc. –, constitui-se em finalidade de si mesma. (p. 62)

Depreende-se, então, que ambos os eixos sobre os quais os falantes operam, em qualquer ato comunicativo, assumem um papel proeminente no seio quer da produção quer da tradução literárias: o efeito de *literariedade* advém tanto do eixo paradigmático (ou, por outras palavras, da seleção lexical), quanto do eixo sintagmático (quer dizer, da combinação gramatical apoiada em princípios estilísticos) (Aguiar e Silva, 1988; Britto, 2012; Jakobson, 1960, p. 358; Saussure, 1916/2006, p. 95).

Contrariamente ao que se constata quanto ao discurso técnico, científico ou jurídico, por exemplo, em que os signos linguísticos tendem a automatizar-se – em que se verifica a associação de um significante a um significado estabelecido, tecendo-se enunciados idealmente monossignificativos, desprovidos de ambiguidade –, os signos linguísticos tendem a atualizar-se na literatura, estabelecendo-se a relação entre um significante e um significado “ampliado”, múltiplo (Aguiar e Silva, 1988, pp. 52-53 e 658-659). Sendo que o signo literário preserva, por um lado, os valores denotativos dos signos linguísticos, e, por outro, os transcende, criando uma complexa rede de dimensões de significado, veiculadas por fenómenos conotativos, estamos, portanto, perante um discurso em que reina a plurissignificação (Aguiar e Silva, 1988; Britto, 2012; Mendes, 1986).

Por conseguinte, se a tradução literária deve objetivar a conservação do efeito de *literariedade*, alicerçando-se na conservação da polissemia e da isotopia complexa, na recriação das escolhas lexicais e sintático-estilísticas, é fundamental que o tradutor reconheça a importância decisiva do processo hermenêutico e analítico no sucesso da atividade tradutória, prática que o mune de competências para a identificação das leituras possíveis de um organismo literário (Britto, 2012, pp. 49-50).

Pois a verdade é que, mesmo plurissignificante, o signo literário não permite leituras ilimitadas ou arbitrárias, porquanto a literatura, tal como a língua, é um sistema semiótico, ao qual o texto literário está circunscrito, encontrando-se este dependente dos seus princípios e particularidades (Aguiar e Silva, 1988, p. 34). Mais precisamente, o sistema semiótico literário, de que o texto literário é a realização concreta, pode ser considerado um sistema modelizante⁷ secundário (SMS), inscrito no sistema modelizante primário (SMP), a língua natural de expressão; dependente deste, aquele reflete a sua heterogeneidade, aproveitando as possibilidades da língua, mas operando no sentido de explorar os significados que esta “despreza” (Aguiar e Silva, 1988, pp. 94-96; Lotman, 1990) (Figura 6).

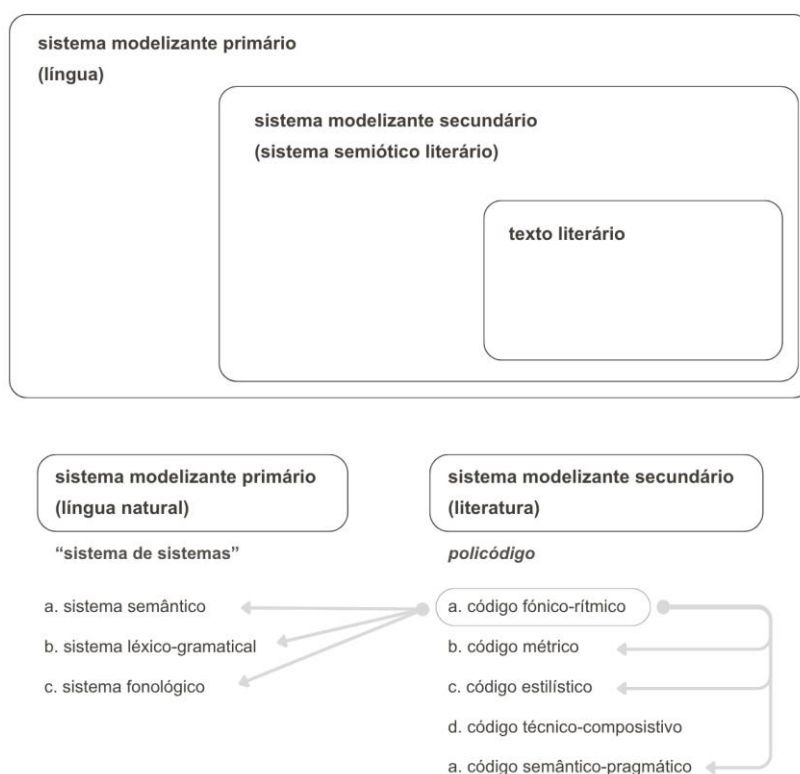


Figura 6 - Representação dos sistemas semióticos linguístico e literário, conforme descritos por Aguiar e Silva (1988, pp. 94-107; elaboração própria)

⁷ Ou, dito de outro modo, de modalização da realidade extralinguística.

Como apresentado por Aguiar e Silva (1988) (Figura 6), em jeito de condensação de teses de outros importantes teóricos da área como Yuri Lotman, Michael Halliday e Sydney M. Lamb, a língua é um «sistema de sistemas», que engloba, por ordem ascendente, o sistema fonológico, o sistema léxico-gramatical e o sistema semântico, sendo cada estrato responsável por realizar o estrato superior (por outras palavras, o sistema fonológico realiza o léxico-gramatical, que realiza o semântico)⁸. Nele inscreve-se o sistema semiótico literário, que é um «policódigo», resultante da interação entre a pluralidade de códigos pertencentes ao SMS constituído pela literatura, e que estabelecem uma relação de interdependência quer com códigos pertencentes ao SMP, quer com códigos de outros sistemas modelizantes secundários culturais, como é o caso da religião, do mito e do folclore (representa-se, na Figura 6, um exemplo ilustrativo das relações estabelecidas entre o código fónico-rítmico com outros códigos quer do SMS quer do SMP, às quais se acrescentariam, em casos concretos, outras relações com outros SMS)⁹.

De acordo como este paradigma, o SMS literário representa, da perspetiva saussuriana, uma *langue*, ao passo que o texto literário constitui uma *parole* desse sistema, uma «execução [...] individual» dos signos do mesmo (Saussure, 1916/2006; ver também Aguiar e Silva, 1988, pp. 95 e 96). Atendendo a esta configuração, o texto literário é, com efeito, sempre fruto de uma codificação plural: por um lado, é codificado numa determinada língua (o SMP), segundo as normas desse sistema semiótico e estabelecendo relações com outros SMS culturais que nele se inserem; e, por outro, é codificado de acordo com os princípios da semiose literária (o SMS) (Aguiar e Silva, 1988, pp. 96 e 106; Mendes, 1986).

Resulta daí que a tradução de um texto literário envolve o conhecimento dos sistemas semióticos em comunicação no seu interior, pressupondo a contemplação dos

⁸ Note-se que as variações sincrónicas da língua (diatópica, diastrática, diafásica) podem ser consideradas subcódigos ou subsistemas no interior da cada um dos sistemas do SMP (Ver Aguiar e Silva, 1988, pp. 99-100).

⁹ Esta conceção sistémica da literatura pode considerar-se um reflexo dos modelos propostos quer por Robert Scholes (*Structuralism in Literature*, 1974), quer por Even-Zohar (*Polysystem Studies*, 1990).

signos e macrossignos literários como produtos de uma dada realidade cultural, sendo que os mesmos exploram e atualizam um imaginário coletivo; como elementos integrantes de uma determinada tradição literária, condicionados pela intertextualidade que estabelecem com outros objetos literários¹⁰; e como fruto da criação artística de um autor que, num movimento de inovação, organiza os recursos linguísticos de forma *significante*, ao serviço da produção de certos efeitos estéticos (Aguiar e Silva, 1988; Britto, 2012; Mendes, 1986; Reiß & Vermeer, 1984).

2.2. Paradigmas de abordagem à Tradução Literária

A problemática da Tradução Literária prende-se, então, com os obstáculos que cruzam o curso do tradutor na sua procura pela preservação da *literariedade* do objeto textual, alcançável apenas por meio da identificação e reprodução dos elementos que são responsáveis pela sua edificação (ver Britto, 2012; Mendes, 1986) Ou, conforme sintetiza Umberto Eco (2003/2005),

Como num texto de finalidade estética se colocam subtis relações entre os vários níveis da expressão e do conteúdo, é na capacidade de identificar estes níveis, de dar um ou o outro (ou todos, ou nenhum), e saber pô-los na mesma relação em que estavam no texto original (quando possível), que se joga o desafio da tradução. (p. 57)

Resulta da alteridade fundamental entre os SMP e SMS de partida e os SMP e SMS de chegada que traduzir seja sempre uma atividade imperfeita, que a reescrita que a tradução constitui nunca possa ser exata, ou que envolva sempre «dizer quase a mesma coisa» (Eco, 2003/2005). Mas se é verdade que a reprodução integral de todas as particularidades de uma determinada obra se vê interdita pelas dificuldades de motivação cultural, linguística e estilístico-discursiva (abrangendo fenómenos de cariz fonético-fonológico, morfossintático, lexical, prosódico, retórico, semântico, etc.), é igualmente verdade que a tentativa falhada de alcançar essa utopia assume um valor

¹⁰ Objetos esses que, aliás, podem ser produtos de tradução; afinal, a literatura traduzida também exerce influência nas literaturas nacionais (Ver, por exemplo, Even-Zohar, 1990, p. 47).

heurístico, na medida em que é através dela que se torna viável a produção de uma tradução em que se dá a transferência, para a língua de chegada (LC), do maior número possível de peculiaridades e efeitos estéticos do TP (Mendes, 1986). Tal exercício deve ser orientado, pois, por um conjunto de princípios tradutológicos.

O trabalho desenvolvido durante o estágio curricular orientou-se, por um lado, pelo modelo proposto por Thomas Hüsgen (1999) para a Crítica da Tradução Literária (Figura 7), e, por outro, pelos princípios estabelecidos por Christiane Nord (1997) para uma abordagem funcionalista à Tradução Literária (Figura 8). Embora estejamos cientes da existência de um vasto panorama de modelos análogos e/ou complementares, estes paradigmas metodológicos constituíram os eixos estruturantes da reflexão teórico-prática, conjugados, em cada plano de análise, com instrumentos teóricos específicos desses domínios (cuja mobilização se encontra explícita ao longo do presente relatório).

O paradigma de Hüsgen (1999, p. 233; Figura 7), empregado como grelha analítica, delinea os seguintes planos de análise: o extratextual, composto, na esfera do emissor, pelo panorama biobibliográfico do autor do TP e do TC (tradutor) e por manifestações desses em relação ao TP e ao TC, respetivamente; e, na esfera do recetor, pela receção do TP e do TC, condicionadas por aspetos pertencentes quer à esfera da cultura quer da tradição literária (quer dizer, pelos sistemas modelizantes de partida e de chegada); e o intratextual, constituído pela exegese textual, isto é, pelo processo hermenêutico de compreensão do TP e do TC (influenciado, naturalmente, pelo enquadramento contextual) e pela confrontação textual, com vista à comparação de uma multiplicidade de aspetos léxico-semânticos e estilísticos, edificadores do perfil da expressividade dos textos em causa. Este modelo foi adotado em virtude do facto de que, embora não se apliquem, evidentemente, as considerações relativas ao emissor ou receção do TC, o mesmo mantém-se altamente produtivo no contexto da produção de uma tradução literária, encontrando, inclusive, reflexo direto nas fases do estágio curricular (secção 1.3.) e, conseqüentemente, na organização do presente relatório. Ora, a análise extratextual do enquadramento contextual foi levada a cabo, em conjugação com a exegese textual do TP, na segunda fase de trabalho; a terceira englobou a atuação com

base nessas ponderações e a confrontação textual realizada entre o TP e diferentes opções que poderiam figurar no TC, avaliadas minuciosamente; e, por fim, a quarta foi composta por uma análise final completa, contando com nova confrontação textual (entre o TP e uma versão consolidada do TC), desta vez da mesma natureza que aquela descrita pelo paradigma utilizado, na medida em que constituiu também uma crítica (ou, mais precisamente, uma autocrítica) da tradução produzida, tendo levado, muitas vezes, à implementação de alterações.

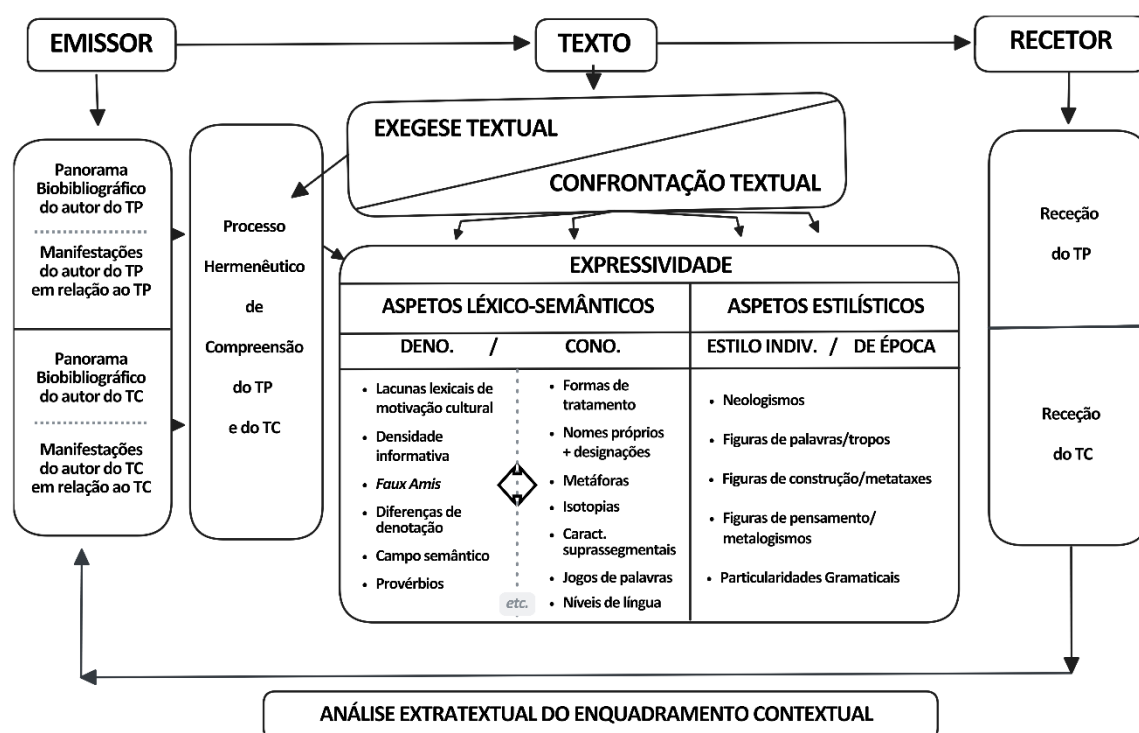


Figura 7 – Modelo dos planos de análise da Crítica da Tradução Literária proposto por Thomas Hüsgen (1999, p. 233; tradução nossa)

Adotaram-se, complementarmente, os princípios defendidos por Christiane Nord (1997) na sua abordagem funcionalista à tradução literária. De acordo com a autora, as quatro esferas centrais da comunicação transcultural literária são as seguintes: a relação entre a intenção do emissor e o texto, a relação entre a intenção do emissor e a expectativa do recetor, a relação entre o referente e o recetor, e a relação entre o recetor e o texto (p. 82). Partindo de suposições acerca destes domínios, Nord (1997)

firma requisitos de equivalência e formula, com base nos mesmos, um conjunto de sugestões norteadoras para o alcance da mesma (pp. 80-103), os quais se apresentam de forma esquematizada na Figura 8.

	Suposições	Requisitos de equivalência	Sugestões de <i>Skopos</i>
interpretação	1 O recetor do TC toma a interpretação do tradutor como a intenção do emissor	A interpretação do tradutor deve ser idêntica à intenção do emissor	O tradutor interpreta o TP não só em relação à intenção do emissor, mas também em relação à sua compatibilidade com a situação de chegada
função textual	2 A função do texto traduzido baseia-se na interpretação de uma interpretação da intenção do emissor e no conhecimento prévio da cultura de chegada e nas expectativas dos recetores do TC	O tradutor deve verbalizar a intenção do emissor de tal forma que o TC seja capaz de atingir a mesma função na cultura de chegada que o TP atingiu na cultura de partida	O TC deve ser composto de forma a cumprir, na situação de chegada, funções compatíveis com a intenção do emissor
distância cultural	3 Quer na situação de partida quer na situação de chegada, a compreensão do mundo textual depende do contexto cultural e do conhecimento do mundo dos recetores	O recetor deve compreender o mundo textual do TC da mesma forma que os recetores do TP compreenderam o mundo textual do original	O mundo textual da tradução deve ser selecionado de acordo com a função pretendida para o TC
efeito textual	4 Os elementos do código da literatura de chegada só podem ter sobre os seus recetores o mesmo efeito que os elementos da literatura de partida têm sobre os seus se a sua relação com a tradição literária for a mesma	O efeito que o TC tem nos seus leitores deve ser o mesmo que o TP tem ou teve nos seus leitores	Os elementos de código devem ser selecionados de forma a que o efeito textual do TC corresponda às funções textuais do TC pretendidas

Figura 8 - Princípios da abordagem funcionalista de Nord (1997) à Tradução Literária (elaboração própria)

Em conformidade com estes paradigmas, confirma-se a centralidade do processo hermenêutico na atividade tradutória e a sua ancoragem em fatores intra e extratextuais. Este procedimento, através do qual o tradutor procura determinar a intenção do emissor, assume, em comparação com aquele relativo a textos de outras tipologias, uma complexidade acrescida, em virtude da maior «abertura» do texto literário. Como propõe Umberto Eco na sua obra *Leitura do Texto Literário (Lector in Fabula)* (1979/1983), estamos perante um objeto incompleto, permeado de espaços em branco, que esperam pela descodificação por parte do leitor, mediante uma dinâmica de cooperação interpretativa (pp. 54-55). Cabe ao hermeneuta – coincidente, neste caso, com o tradutor (afinal, o mesmo constitui, em primeira instância, o leitor do

TP) – interpretação desses sentidos ocultos (Barrento, 2002, p. 188; Delille et al., 1986, p. 11). Mas se, por um lado, a iniciativa interpretativa de um texto literário é oferecida ao leitor, não se pode desconsiderar que esse terá sido composto, por outro lado, tendo em vista uma «margem suficiente de univocidade» de leituras (Eco, 1979/1983, p. 55; ver também Delille et al., 1986, pp. 14-15).

Quer isso dizer que, como constatado anteriormente, as potencialidades interpretativas são caracterizadas não pela sua infinidade ou arbitrariedade, mas por uma pluralidade alicerçada em motivações intra e extratextuais. É exemplo das segundas o enquadramento contextual da produção de uma determinada obra, incluindo considerações acerca do panorama biobibliográfico do emissor e de eventuais manifestações do mesmo acerca do texto em questão; e o contexto de receção deste, que engloba aspetos de ordem histórico-cultural (e literária) (Hüsgen, 1999; Nord, 1997). O estudo de tais elementos no âmbito da tradução desse texto literário contribui para o estabelecimento quer da intenção do autor – cuja apreensão depende, em grande parte, de elementos intratextuais –, quer das expectativas do recetor (Delille et al., 1986; Hüsgen, 1999; Nord, 1997). Dedicamos a tais fatores o capítulo «O Autor e a Obra» (secção 3.) e, em articulação com o plano de análise intratextual, o subcapítulo «Questões Culturais» (secção 4.1.).

O campo das motivações intratextuais compreende o domínio das particularidades discursivo-estilísticas do objeto literário, contempladas de modo individual (estilo autoral como uma *parole*), mas percecionadas de acordo com a sua inscrição no sistema semiótico literário e numa tradição literária (Hüsgen, 1999; Nord, 1997). A atuação por parte do tradutor literário nesta esfera almeja a identificação e avaliação dos efeitos estéticos edificados no discurso literário, a sua relação com a intenção do emissor e, paralelamente, o estudo da viabilidade da sua transferência para a LC, de acordo com as potencialidades da mesma no seio da situação de chegada (Delille et al., 1986; Eco, 2003/2005; Hüsgen, 1999; Mendes, 1986; Nord, 1997). É neste

domínio que se inserem as deliberações apresentadas nos restantes subcapítulos do capítulo 4 deste trabalho¹¹.

Em suma, a nossa atuação durante o estágio estruturou-se em torno do processo hermenêutico de compreensão da obra literária e do estudo aprofundado das possibilidades oferecidas pela língua e cultura de chegada para a tradução dos efeitos textuais e para a preservação da intenção do emissor, levados a cabo de acordo com o conjunto de princípios descritos no presente capítulo (cuja aplicação se explicita nas secções subsequentes). O *Skopos* da tradução pode ser formulado da seguinte forma: transportar para o texto de chegada a identidade do organismo literário, atendendo à sua singularidade estilística, sem tornar a obra inacessível ao recetor. A preservação de referências culturais significantes e dos efeitos textuais provocados pelos recursos linguístico-literários utilizados operou-se sempre que tal foi possível sem envolver o compromisso da compreensibilidade do TC, ocasionando, em casos absolutamente inevitáveis, a opção pontual pelo recurso a notas de rodapé (informativas, não interpretativas). Mobilizou-se, assim, o princípio da *lealdade* defendido por Nord (1997), que prescreve um comportamento consciente, por parte do tradutor, da sua responsabilidade para com os restantes agentes da interação tradutória, não desconsiderando nem a esfera do emissor, nem a do recetor, e exercendo ponderadamente o seu papel de mediador da cooperação interpretativa entre os dois (p. 125).

Por muito que diversos autores critiquem a abordagem funcionalista à tradução literária, as questões levantadas pelos mesmos não se colocam no âmbito desta atividade tradutória em concreto, uma vez que o nosso *Skopos* se alinha com as intenções comunicativas do texto de partida, não havendo lugar ao compromisso da autonomia e autotelicidade do texto de partida nem ao apagamento das suas características distintivas (Cf. Newmark, 1990).

¹¹ Note-se que, não obstante a organização referida, tratar-se-ão também nestas secções, naturalmente, questões de natureza extratextual, atendendo à sua interdependência.

Em última análise, as escolhas metodológicas e estratégicas de tradução adotadas procuraram alcançar a única equivalência possível na tradução literária, a equivalência aproximativa (Delille et al., 1986); o quesito que João Barrento (2002) descreve como a essência da atividade tradutória:

a peculiaridade deste modo específico de representação num outro material, código e contexto é a de nele sermos confrontados com um tipo de relação que não é, nem o da identidade (ser «o mesmo» do outro), nem o da alteridade (ser o outro de si), mas o da ipseidade (ser o mesmo, sendo outro [...]). (p. 20)

3. O Autor e a Obra

Joseph Roth, nascido em 1894, na cidade de Brody, na Galícia (outrora integrante do Império Austro-Húngaro, atualmente da Ucrânia), foi um proeminente escritor e jornalista austríaco de origem judaica (Köster, 1982; Falk, 2022). Tendo estudado Língua e Literatura Alemãs, primeiro na Universidade de Lemberg (1913) e posteriormente na Universidade de Viena (1914 a 1916), Roth dedicou-se desde cedo à escrita, começando por publicar poesia, contos e ensaios em jornais vienenses e praguenses (Köster, 1982; Preuße, 2014). Em 1916, em plena Primeira Guerra Mundial, Roth interrompeu os seus estudos e alistou-se no serviço militar: após a formação na capital austríaca, foi destacado para a Galícia, onde também desempenhou funções no serviço militar de imprensa na Frente Oriental (Köster, 1982; Lunzer & Lunzer-Talos, 2005; Preuße, 2014).

De volta a Viena após o fim do conflito armado e a derrota das Potências Centrais, o autor testemunhou a queda do Império Austro-Húngaro e colapso da monarquia de Habsburgo – regime monárquico que perdurara por vários séculos –, resultado de um prolongado período de declínio político-territorial iniciado na segunda metade do século XIX, marcado por graves tensões internas e movimentos nacionalistas (Köster, 1982; Sanger, 1966). Foi neste cenário de grande instabilidade política que Roth iniciou o seu percurso como jornalista (Köster, 1982). Ao longo da sua vida, escreveu para diversos jornais, entre os quais figuram o *Prager Tageblatt*, o *Neue Berliner Zeitung*, o *Wiener Arbeiter Zeitung*, o *Der neue Tag* e o *Frankfurter Zeitung* (Köster, 1982; Preuße, 2014). Tendo sido um dos jornalistas mais requisitados nos anos 20 do século XX nos países de língua alemã, o autor procurava, através do seu trabalho de reportagem, dar forma às transformações de uma Europa que se reinventava sobre as ruínas da guerra (Holmes, 2017; Köster, 1982; Sanger, 1966; Tonkin, 2008).

A sua atividade de reportagem marca, com efeito, o início de uma consciência literária moldada pelo vivenciamento do colapso da ordem social estabelecida, de um verdadeiro cataclismo (Holmes, 2017; Sanger, 1966). De facto, e segundo o seu camarada Józef Wittlin, a «curiosidade literária pouco saudável» do escritor desempenhou um papel importante no seu alistamento militar, pela convicção de que

só na frente de combate se poderia conhecer verdadeiramente a vida e a morte (Köster, 1982, p. 16; Sanger, 1966, p. 18). A sua experiência, sintetiza-a ele assim, numa carta a uma prima sua:

[...] Hauptsache ist das Erleben, die Intensität des Fühlens, das starke sich Hineinbohren in das Ereignis. Ich habe furchtbare Momente erlebt, Momente grausiger Schönheit. (Roth, 1917, como citado em Sanger, 1966, p. 21) [*O mais importante é o vivenciar, a intensidade do sentir, o entranhar-se profundamente no acontecimento. Vivi momentos terríveis, momentos de uma beleza horrenda*]

Essa postura observacional, desenvolvida no exercício do jornalismo e potencializada pelas múltiplas deslocações que realizou nesse âmbito, manifesta-se também no conjunto da sua obra, onde a objetividade e minúcia próprias de um repórter são postas ao serviço da análise da condição humana no quadro geopolítico e social da sua época (Tonkin, 2008; Sanger, 1966).

Se as primeiras obras de Roth, inseridas naquele que é considerado o primeiro período da sua produção literária, exploram temas relacionados com o *presente*, quer dizer, com a situação política da Europa do pós-guerra, tematizando a alienação social e a busca de identidade por parte das vítimas da guerra, a precariedade económica das suas vidas, e o fanatismo nacionalista que precedeu a ascensão do fascismo e antisemitismo (*Das Spinnennetz* (1923), *Hotel Savoy* (1924), *Die Rebellion* (1924), por exemplo); essa focalização dá lugar, na segunda fase do seu trabalho, à do *passado*, em que se retrata a nostalgia dos tempos do Império Austro-Húngaro (como *Radetzkymarsch* (1932), o seu *magnum opus*) e a diáspora judaica (*Hiob: Roman eines einfachen Mannes* (1930), bem como o seu ensaio *Juden auf Wanderschaft* (1927)) (Köster, 1982; Newman, 2006; Tonkin, 2008). Esta viragem temática, que costuma associar-se à publicação de *Hiob* (1930), terá sido provocada, segundo diversos investigadores, pela visita de Roth à União Soviética, em 1926, a qual marcou o fim da sua adesão ao socialismo, por ter deixado de o ver como uma solução para os problemas da modernidade (Newman, 2006, p. 9; Tonkin, 2008, p. 2).

Com a tomada de poder por Adolf Hitler em 1933, Joseph Roth, que vivia entre Viena e Berlim, deixou a Alemanha e autoexilou-se na capital francesa, onde se tinha estabelecido em 1925 e onde acabou por falecer em 1939 (Köster, 1982; Sanger, 1966). O autor, que se encontrava, há já alguns anos, numa condição de crise financeira e espiritual que Rudolf Köster (1982), na sua biografia de Roth, equipara metaforicamente a um «estado de sítio» ou de emergência governamental (*Belagerungszustand*) (p. 67), viu a sua existência ameaçada também pela política radical do nacional-socialismo alemão, que logo censurou as suas obras. Ciente disso, escreve a Stefan Zweig:

[...] Inzwischen wird es Ihnen klar sein, daß wir großen Katastrophen zutreiben. Abgesehen von den privaten – unsere literarische und materielle Existenz ist ja vernichtet – führt das Ganze zum neuen Krieg... Machen Sie sich keine Illusionen. Die Hölle regiert. (Roth, 1933, como citado em Köster, 1982, p. 67) [*Entretanto, estará já claro para si que estamos a caminhar para grandes catástrofes. Para além das privadas – a nossa existência literária e material encontra-se, de facto, aniquilada – tudo isto conduz a uma nova guerra... Não se iluda. O Inferno governa.*]

Torna-se evidente, através da análise do panorama biobibliográfico do autor e de manifestações do mesmo acerca dos mais variados assuntos, que estamos perante um caso em que se poderia argumentar a favor da compreensão do homem à luz do seu meio envolvente (fatores ambientais, raciais e históricos, como proposto pelo Método de Taine) já que, como confirma Curt Sanger (1966), este exerceu uma influência inegável na obra de Joseph Roth (ver também Hughes, 2006). Observem-se, em última instância, as circunstâncias de morte do autor, que, num episódio que poderia pertencer ao seu último romance, *Die Legende vom heiligen Trinker* (1939) (A Lenda do Santo Bebedor), sucumbiu no seguimento de uma pneumonia associada a um quadro de *delirium tremens* (manifestação severa da abstinência alcoólica) (Köster, 1982, p. 87; Preuße, 2014).

Quanto à obra *Die Rebellion*, objeto de tradução do estágio curricular, a mesma foi pré-impressa no jornal berlinense *Vorwärts* (do partido *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*) entre julho e agosto de 1924 e publicada nesse ano pela editora alemã

Die Schmiede (Köster, 1982, p. 37; Falk, 2022). A versão do texto utilizada para a tradução é aquela que se encontra disponível em acesso público através do *Projekt Gutenberg*¹² (Roth, 1924). Note-se que todos os excertos constantes deste relatório dizem respeito a esta referência bibliográfica, sendo que as traduções que se lhes seguem são as da nossa autoria (Roth, no prelo).

Neste romance, narra-se a história de Andreas Pum, um veterano de guerra que, tendo perdido uma perna no conflito, acredita piamente que será recompensado pelo Estado, que se limita a conceder-lhe uma licença para tocar realejo nas ruas, atividade que se torna o seu meio de subsistência. Convicto de que a ordem social se rege por princípios de justiça e mérito, o protagonista vê-se confrontado com uma série de infortúnios: um conflito insignificante leva à perda da licença, à miséria e à prisão. Aos poucos, a sua fé na autoridade desmorona, levando-o à revolta contra o sistema que outrora venerava.

O circunscrito sucesso literário de Roth ao longo da sua vida consolidou-se principalmente após a sua morte, tendo-se transmutado no manifesto reconhecimento do seu génio literário, muito graças aos esforços de reedição da sua obra após 1945 (Falk, 2022; Tonkin, 2008). Destacam-se também as adaptações cinematográficas de alguns dos seus trabalhos, em que se inclui precisamente *Die Rebellion*, adaptada ao grande ecrã em 1993 por Michael Haneke; e as traduções que deram a conhecer Joseph Roth aos mais variados públicos. É possível encontrar uma grande parte dos trabalhos do autor, sobretudo romances e novelas, em língua portuguesa¹³. Embora algumas edições tenham surgido já nas últimas décadas do século XX, a maior parte das traduções foi publicada apenas a partir da segunda década do século XXI, demonstrando um interesse mais recente pela obra do autor no espaço lusófono (ver Apêndice 2).

¹² Preservou-se, em todas as citações do presente relatório, a ortografia original da obra, correspondente àquela anterior à reforma ortográfica de 1996 (*Reform der deutschen Rechtschreibung von 1996*).

¹³ Insere-se neste conjunto, como constante do Apêndice 2, a primeira tradução portuguesa de *Die Rebellion*, escrita por Paulo Osório de Castro e publicada pela Cavalo de Ferro. Por se revelar contraproducente para a experiência do estágio, que visava simular a tradução sem recurso a outras edições, a mesma não foi lida nem será discutida neste relatório, ainda que reconheçamos a relevância do seu estudo futuro para a avaliação da receção desse texto de chegada.

A consagração póstuma de Joseph Roth como autor canónico da literatura de língua alemã deve muito ao seu estilo – à sua *parole* –, que, ao contrário da sua predileção temática, se manteve notavelmente inalterado ao longo da sua carreira literária (Newman, 2006, p. 10). Apesar de a obra de Roth ter sido associada por alguns à *Neue Sachlichkeit* (Nova Objetividade), corrente literária alemã contrária aos valores do Expressionismo e voltada para a representação objetiva da realidade social da época, o autor contestava tais pressuposições, criticando fortemente o movimento literário no seu ensaio *Schluß mit der »Neuen Sachlichkeit«* (1930) e postulando a primazia, nas suas obras, da *verdade* sobre o mero *esforço factual* da literatura documental (Tonkin, 2008, p. 106). Verifica-se, com efeito, que o aparato literário de Roth não é caracterizado pela objetividade narrativa, mas pela tensão entre passagens de tom quase clínico, marcadas pela impassibilidade e distanciamento, e passagens de intensa expressividade, em que os efeitos estéticos se apoderam do leitor – oscilação que reflete, aliás, o contraste entre *Dokument* (documento) e *Kunstwerk* (obra de arte) que Roth estabelece no ensaio referido (Tonkin, 2008, p. 106).

Em *Die Rebellion*, instrumento de crítica social com uma dimensão religiosa, Roth trata a experiência da vida quotidiana dos “retornados” (*Heimkehrer*) nos primeiros anos do pós-guerra, numa tentativa de reflexão acerca de uma Europa Central tintada pelo caos, pela instabilidade e pela impotência das instituições (Köster, 1982; Tonkin, 2008). Integra-se esta obra na procura, por parte do autor, de uma resposta para os problemas do mundo moderno, tão radicalmente mudado – busca que se prolongaria entre convicções firmes e hesitações cétricas (Tonkin, 2008).

4. *Die Rebellion*: da exegese textual às estratégias de tradução

4.1. Questões Culturais

A história de Andreas Pum desenrola-se numa cidade inominada, mas claramente pertencente ao espaço de língua alemã. Esta constatação é motivada por fatores intratextuais, num primeiro nível, e extratextuais, num segundo.

Em termos intratextuais, ocorrem diversas referências culturais que permitem concluir que se trata de uma cidade presumivelmente alemã ou austríaca. Em primeiro lugar, verifica-se a referência direta a uma rua de nome *Pestalozzi* ([1]). Este nome, conferido em homenagem ao pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi, designa ruas em múltiplas cidades do espaço de língua alemã, incluindo uma em Linz, na Áustria, e uma em Berlim, na Alemanha. Ainda que se presuma geralmente que o cenário é vienense, vários investigadores notam que o mesmo se assemelha também, em diversas passagens, a uma cidade grande alemã, nomeadamente Berlim (Hughes, 2006, p. 86).

[1] (a) Es geschah in der **Pestalozzistraße**, an einem heißen Donnerstag und im Hof des Hauses Nummer 37 (der Kirche aus gelben Ziegelsteinen gegenüber, die, rings um sich, mitten in der Straße einen grünen Rasen geschaffen hatte, als hätte sie ihre Besonderheit vor allen anderen Häusern hervorheben wollen), daß Andreas Pum das Verlangen überwältigte, einen Marsch zu spielen, vielleicht, weil die wachsende Mattigkeit des Tages und Andreas' eigene eine aufrüttelnde Unterbrechung notwendig machten.

(b) Foi na **rua Pestalozzi**, numa quinta-feira cálida e no pátio da casa n.º 37 – em frente à igreja de tijolos amarelos, que tinha assentado um relvado verde em seu redor, no meio da rua, como que para acentuar a sua singularidade em relação a todas as demais casas –, que Andreas Pum foi arrebatado pelo desejo de tocar uma marcha, talvez porque quer a languidez do dia quer a sua própria tornavam necessária uma interrupção estimulante. (Capítulo IV, negritos nossos)

Há, adicionalmente, referências a realidades culturalmente específicas, como é o caso do estabelecimento de venda de iguarias finas e petiscos designado *Delikatessenladen*. Difundido posteriormente para inúmeros países, entre os quais Portugal, este tipo de estabelecimento comercial teve origem em Munique, em 1700, com a importação de produtos estrangeiros “exóticos” pela companhia Dallmayr (Federal Industries, 2020). Na narrativa, o termo refere-se a uma loja com as

características das *Delikatessenläden* tradicionais judaicas, onde se comercializavam carnes curadas e fumadas, o que vai ao encontro das circunstâncias dos furtos da personagem Willi (ver Anexo 1, exemplo A.) (Merriam-Webster, s. d.). Usou-se na tradução o item lexical «delicatésen», derivado precisamente do termo alemão, tendo sido acompanhado ainda por uma breve nota de rodapé na sua primeira ocorrência (Houaiss & Villar, 2005, Tomo VI, p. 2677).

De modo geral, os elementos referentes a aspetos culturais foram preservados no texto de chegada, não havendo lugar à tradução de nomes próprios de ruas ([1]), companhias («Dreccoli & Co», «Arnold & Hahn»), estabelecimentos («Rokokó-Varieté»), canções ou personagens (ver Anexo 1). Quanto aos nomes de companhias e estabelecimentos, que se grafaram em itálico no texto de chegada, procedemos, por vezes, à adição de elementos que, não comprometendo a identidade do texto de partida, permitissem uma compreensão facilitada ao leitor português, sem que esta tivesse de ser interrompida por notas de rodapé. Exemplificamos esta estratégia através da precedência do nome do estabelecimento «Rokokó-Varieté», em que decorriam espetáculos de variedades, por um substantivo designativo do tipo de estabelecimento em questão, o que pretendeu evitar o desdobramento do nome próprio («teatro de variedades *Rokoko*»); preservou-se, ainda assim, em «cabaré», o valor de «Varieté», ou seja, de «estabelecimento público onde [...] se assiste a espetáculos de variedades» (Academia das Ciências de Lisboa (ACL), s.d.) ([2]).

[2] (a) Hier aber unterbrach Luigi Bernotat, ein Tierstimmenimitator aus dem **Rokoko-Varieté**, Herrn Arnolds zuversichtliche Laune.

(b) Mas eis que Luigi Bernotat, um imitador de sons de animais do cabaré Rokoko-Varieté, veio pôr fim ao ânimo confiante do Sr. Arnold. (Capítulo VII, negritos e sublinhado nossos)

Deram-se casos, não obstante, em que a preservação dos nomes próprios se afigurou problemática, de que destacamos três instâncias. Em [3], a preservação do nome próprio da personagem Veronika Lenz implicava a introdução de ruído na comunicação literária, já que se torna impossível para o leitor português compreender as conotações do seu apelido, a que se faz menção direta no discurso narrativo. Para a

solução desta dificuldade, que passou ainda pela procura fracassada de apelidos portugueses que pudessem ser equivalentes, decidimos privilegiar a coerência da não tradução de nomes próprios e introduzir uma nota de rodapé elucidativa, aproveitando a equivalência dos sentidos figurados de «Lenz» e de «primavera» e viabilizando a interpretação dessas considerações por parte do recetor do TC. No excerto [4], a ideia de Andreas para o nome a dar ao seu burro é retratada como inadequada, o que advém de um pressuposto cultural que não se sustenta na realidade portuguesa, pelo que procedemos à substituição do nome «Lux» por um nome de cão efetivamente comum em Portugal.

[3] (a) [...] weil Arnold die Briefe der jungen Veronika **Lenz**, die geradezu absichtlich diesen Namen trug, zu diktieren pflegte.

(b) [...] porque Arnold costumava ditar as cartas a Veronika **Lenz***, que, francamente, não tinha esse nome por acaso. (Capítulo VII, negritos nossos)

*Sendo um apelido relativamente comum na Áustria e na Alemanha, a palavra alemã «Lenz» significa «Primavera» e, em sentido figurado, «juventude». [N. T.]

[4] (a) Wie konnte man einen Esel nennen? »**Lux**« war ein Hundename.

»Muli«, schlug Katharina vor. »Muli« war großartig.

(b) Que nome se pode dar a um burro? »**Max**« era nome de cão.

— Muli — propôs Katharina.

«Muli» era magnífico. (Capítulo VII, negritos nossos)

A última instância relacionada com nomes próprios em que reconhecemos que se deu, com efeito, a perda de valores conotativos foi a dos nomes das canções que Andreas tocava no seu realejo (Anexo 1, ex. H. a N.). Tal prende-se com o facto de que a maior parte dos mesmos tem um valor denotativo culturalmente específico, já que é possível estabelecer correspondências com canções da época, facto que sugere que a sonoridade das mesmas pudesse ser adivinhada pelos leitores da obra no período da sua publicação. No entanto, se é verdade que não se pode presumir que mesmo os leitores atuais do original estabeleçam essa ligação em todos os casos – por se tratar de canções dos séculos XVIII a XX –, a situação da edição portuguesa é ainda mais complexa, pois a inacessibilidade denotativa e conotativa é motivada não só por aspetos

diacrónicos, mas também pela ausência de valor referencial que ocorre irremediavelmente quando se efetua a tradução.

Com exceção de «Lorelei», não era desejável a não tradução dos nomes das canções, pois tal eliminaria definitivamente qualquer capacidade interpretativa por parte do leitor do TC. Realizou-se, então, a tradução dos títulos, objetivando-se a criação de opções que respeitassem estilisticamente os títulos originais – evidente na tradução de «Ich hatt' einen Kameraden» como «Eu tinh'um camarada» – e surgissem naturalmente como nomes de canções populares – visível em «Não chores, menina!» (Anexo 1). Com vista à atenuação desta perda, redigimos um apêndice à obra em que se estabeleceu a correspondência entre os nomes traduzidos por nós e os constantes do original, de modo a restituir-lhes os seus valores referenciais. Este suplemento permitirá ao leitor a eventual audição das músicas (para além da «Lorelei», cujo valor referencial se manteve, complementado por uma breve nota de rodapé) e o desfrute da paisagem musical associada aos episódios da história. Deliberámos acerca da possibilidade de adicionar informações referentes aos compositores das canções que estarão a ser presentificadas na obra, mas concluímos que tal exercício não passaria de uma especulação, ainda que relativamente fundamentada, e que, aliás, não seria possível determinar com rigor o referente de *Nationalhymne* (Hino Nacional), cujo valor deíctico permanece ambíguo devido à inexistência de referências geográficas explícitas de sentido inequívoco.

Ainda na esfera intratextual, não foi necessário proceder a adaptações relacionadas com referências religiosas, visto que esse sistema modelizante secundário é apresentado como tendo características em tudo pariformes às expectativas do recetor de chegada ([5]).

[5] (a) Andreas faltete die Hände, kniete nieder und sagte mit der dünnen Stimme, mit der er als Schulknabe vor dem Unterricht gebetet hatte, drei, vier, fünf Vaterunser auf.

(b) Andreas juntou as mãos, ajoelhou-se e recitou, com a mesma voz fraca com que rezava antes das aulas, nos seus tempos de escola, três, quatro, cinco pais-nossos. (Capítulo X)

A evocação do espaço de língua alemã opera-se, igualmente, por fatores extratextuais como o contexto histórico e sociopolítico de produção (e receção coetânea) do TP. O universo literário reflete, em grande medida, a realidade extralinguística, pelo que, de acordo com os paradigmas orientadores da nossa análise, se poderia afirmar que os recetores do TP foram capazes de o fazer corresponder à sua realidade, e os do TC não (Nord, 1997, p. 87). Discorremos, no resto deste subcapítulo, acerca dos motivos que nos levam a considerar que esta constatação, cujos fundamentos se expandem de seguida, não corresponde à necessidade de adaptação do texto.

Principiando pela exploração da relação entre o texto e a realidade extralinguística (na perspetiva do recetor da primeira metade do século XX), gostaríamos de ampliar o enquadramento contextual traçado na secção 3. Apesar de não existir, na obra, referência explícita à «Primeira Guerra Mundial» ou à data dos eventos do enredo, a referência à guerra era presumivelmente associada, pelo recetor do TP, ao conflito armado que decorreria entre 1914 e 1918 na Europa. A única passagem que parece apontar para uma localização temporal relativa fá-lo dando a entender que o enredo principia antes do fim da guerra em questão, possivelmente nas últimas semanas da mesma ([6]).

[6] (a) Am Abend lag der Ingenieur auf dem Bett in Kleidern und sagte: »Wenn die Grenzen wieder offen sind, fahre ich weit weg. Es wird nichts mehr zu holen sein in Europa.«

»Wenn wir nur den Krieg gewinnen«, sagte Andreas.

»Alle werden ihn verlieren«, erwiderte der Ingenieur. Andreas Pum verstand es nicht, aber er nickte achtungsvoll, als müßte er dem Lang recht geben.

(b) Ao entardecer, o engenheiro, deitado na cama ainda vestido, disse:

— Quando as fronteiras abrirem novamente, vou-me embora para bem longe. Não haverá nada mais que colher aqui na Europa.

— Se ao menos ganhássemos a guerra — disse Andreas.

— Todos a irão perder — retrucou o engenheiro. Andreas Pum não compreendeu, mas assentiu com a cabeça respeitosamente, como se tivesse de dar razão a Lang. (Capítulo I)

O recetor do TP era capaz, ainda, de reconhecer no retrato desencantado da vivência dos retornados um reflexo direto das condições enfrentadas por esse grupo

social no período do pós-guerra. Na situação particular da sociedade austríaca, o Estado prestou, inicialmente, apoio aos veteranos de guerra em situação de invalidez, promulgando a lei *Invalidenentschädigungsgesetz*, de 27 de abril de 1919 (StGBI 1919/245), que dizia respeito a «Kriegs-Invaliden, -Witwen und -Waisen» (inválidos, viúvas e órfãos de guerra) e previa a indemnização de soldados (e das suas famílias, em caso de morte) que tivessem combatido pelo antigo Império Austro-Húngaro (Österreichische Nationalbibliothek, s. d.). Esta lei estabelecia a concessão, a custo do Estado, de tratamento médico, próteses e recursos ortopédicos, formação profissional, pensão de invalidez, entre outros (Österreichische Nationalbibliothek, s. d., Nr. 3). À data da produção do texto de partida, no entanto, este sistema de proteção social havia entrado progressivamente em crise e a sua centralidade de outrora nas preocupações da jovem república austríaca (Primeira República Austríaca/*Republik Österreich*) desvaneceu, tendo este grupo social passado a ser perçecionado não como um «parceiro indispensável» na consolidação do novo regime político, mas como um encargo financeiro (Hsia, 2022, p. 192).

A leitura de certas passagens da obra à luz deste quadro contextual torna ainda mais evidente que o retrato do descaso das instituições terá motivações extralinguísticas. Comparem-se, por exemplo, os excertos [7] e [8] com o facto de que, segundo a lei em causa, as próteses e recursos ortopédicos deveriam ser adaptadas às circunstâncias pessoais e profissionais do lesado, que tinha direito também à sua restauração e renovação livre de custos (Österreichische Nationalbibliothek, s. d., Nr. 6-7). Ou, ainda, a ausência de qualquer esforço de reabilitação profissional efetiva, espelhada na figura de Andreas, a quem o Estado diegético, em vez de indemnizar, concede apenas uma licença para que este possa garantir a própria subsistência como músico ambulante (sobre uma perna de pau).

[7] (a) Andreas denkt, ehe er einschläft, an die Prothese, die ihm der Oberarzt versprochen hat. Es wird eine tadellose Prothese sein, wie sie der Hauptmann Hainigl trägt. [...] Die Prothese kam nicht.

(b) Antes de adormecer, Andreas pensa na prótese que o médico-chefe lhe prometeu. Será uma prótese impecável, como a do capitão Hainigl. [...] A prótese não veio. (Capítulos I e II)

[8] (a) Das längst begrabene Bein tut ihm weh. Die Stelle am Knie, an der es abgesägt wurde, läuft blau an. Das Kissen in der Kniehöhle der hölzernen Krücke ist nicht mehr weich genug. Es ist mit Roßhaaren gefüttert und schon durchgetreten. Es müßte mit Daunen gefüttert sein, oder mit Pelz. An solchen Tagen muß Andreas einige Taschentücher, in die Kniehöhle der Krücke legen. Sie sind kein richtiger Ersatz.

(b) Dói-lhe a perna há muito sepultada. A região do joelho em que este foi serrado fica roxa. O estofado da cavidade para o joelho da perna de pau já não é suficientemente macio. O forro é de crina e está já gasto. Havia de ser de penugem, ou de pele. Em tais dias, Andreas tem de colocar alguns lenços de bolso na cavidade da perna de pau. Não são substituto que se preze. (Capítulo III)

Relativamente ao recetor do texto de chegada, pressupõe-se que o seu conhecimento prévio abrange a Grande Guerra, que comunica agora com a Segunda Guerra Mundial e mesmo com a Guerra Colonial Portuguesa. Ainda que tenha participado na Grande Guerra apenas nos últimos dois anos, Portugal mobilizou, através do Corpo Expedicionário Português (CEP), mais de cem mil homens (Caetano, 2022; Rollo et al., 2017). Esteve, portanto, igualmente envolvido no conflito em que cerca de 67 mil combatentes alemães foram amputados (Anderson, 2017), tendo registado, do seu lado, pelo menos 7 280 mutilados e cerca de 1 570 inválidos, para além de um número de mortes superior a 7 500 (Tavares, 2020). Deste modo, o impacto da Primeira Guerra Mundial, em particular no que diz respeito ao sofrimento e à marginalização dos veteranos, foi transversal (ainda que em diferentes escalas) às várias nações participantes, incluindo Portugal (Caetano, 2022).

Criaram-se, no panorama português, institutos específicos para a reabilitação dos mutilados, nomeadamente o Instituto de Reeducação dos Mutilados da Guerra (Caetano, 2022); neste âmbito, era avaliada, durante um período de internamento, a condição física do mutilado, que passava posteriormente por uma fase de adaptação à sua prótese e recebia reeducação profissional, sendo aconselhável o exercício do ofício anterior à guerra ou, quando tal não fosse viável, a aprendizagem de uma nova profissão (Silva, 2018). Não obstante estes esforços estatais, a situação dos mutilados era precária, marcada pela indiferença da sociedade e pela insuficiência da proteção estatal, podendo ser certamente resumida pelas palavras constantes do primeiro número do jornal *O Mutilado* (1920): «Não teem fortuna. Não teem influencia política. Teem apenas

algumas medalhas a esmaltar-lhes os peitos de portugueses liais» (como citado em Ribeiro & Silva, 2018, pp. 12-13).

É evidente que o leitor português tem conhecimento da realidade típica do pós-guerra, vivenciada, num primeiro momento, na Grande Guerra e, mais recentemente, na Guerra Colonial Portuguesa, pelo que não seria descabido presumir que estas noções façam parte, de modo geral, da percepção do recetor do TC, mesmo aquele que não seja particularmente versado na História. São essas as noções que consideramos essenciais à leitura e interpretação do texto, à compreensão do enredo e da intenção de crítica social que se, por um lado, é profundamente condicionada pelo contexto de produção, é, por outro, apreciada na sua universalidade, na sua condição de alegoria (Heath, 2004).

Afinal, está-se numa cidade relativamente incógnita, num período temporal indefinido, a assistir a um processo de rebelião social e espiritual simbólico (contra um *Sistema* e um *Criador*), pelo que o desconhecimento das circunstâncias extratextuais não se afigura como impeditivo da leitura da obra, pois procede-se, na mesma, à descrição explícita das peculiaridades do mundo textual, o que acaba por aproximar a experiência do leitor contemporâneo do TP daquela do leitor do TC ([9]) (Köster, 1982, p. 40) ver Nord, 1997, p. 87). É esse o caso da consciência cultural da *Ordnung* alemã, leitmotiv da narrativa, que é veiculada perfeitamente pela obra em si, não sendo necessária mediação adicional àquela que se obrou no caso da tradução do provérbio «Ordnung muß sein» (ver, a este propósito, a secção 4.5.1.).

[9] (a) Die Baracken des Kriegsspitals Numero XXIV lagen am Rande der Stadt. Von der Endstation der Straßenbahn bis zum Krankenhaus hätte ein Gesunder eine halbe Stunde rüstig wandern müssen. Die Straßenbahn führte in die Welt, in die große Stadt, in das Leben. Aber die Insassen des Kriegsspitals Numero XXIV konnten die Endstation der Straßenbahn nicht erreichen.

(b) Os barracões do hospital de guerra número XXIV situavam-se na orla da cidade. Da estação terminal do eléctrico até ao hospital era meia hora de caminhada a passo rápido para qualquer indivíduo são. O eléctrico dava para o mundo, para a cidade grande, para a vida. Mas os ocupantes do hospital de guerra número XXIV não conseguiam alcançar a estação terminal do eléctrico. (Capítulo I)

A única instância em que nos pareceu importante interferir no sentido de garantir a percepção da implicatura presente no original foi aquela que se apresenta em [10], em que, em vez de opções como «governar», «reinar» ou «dominar», se fez questão de empregar o termo «imperar», de modo a presentificar, para o leitor português, que o contraste implícito será face a uma antiga estrutura imperial, não se tornando essa leitura, todavia, forçosa.

[10] (a) Die Prothese kam nicht. Statt ihrer kam die Unordnung, der Untergang, die Revolution. Andreas Pum beruhigte sich erst zwei Wochen später, nachdem er aus den Zeitungen, den Vorgängen, den Reden der Menschen entnommen hatte, daß auch in Republiken Regierungen über die Schicksale des Landes **walteten**.

(b) A prótese não veio. Em seu lugar veio a desordem, o declínio, a revolução. Andreas Pum só se aquietou passadas duas semanas, depois de ter concluído, através dos jornais, dos acontecimentos, das falas das pessoas, que também nas repúblicas os governos **imperavam** sobre os destinos do país. (Capítulo II, negritos nossos)

Não descuramos, naturalmente, a importância do enquadramento contextual da escrita da obra, pelo que o leitor da edição portuguesa terá ainda a possibilidade de ler, se assim entender, o prefácio, em que se apresentam algumas destas informações biobibliográficas relevantes.

4.2. Discurso Narrativo

Enquanto *significante*, o discurso narrativo, correspondente ao enunciado do narrador, é responsável pela edificação da diegese, que designa a realidade evocada pelo mesmo (Courtés, 1979, p. 48; Genette, 1979, p. 25; Aguiar e Silva, 1988, p. 695). De facto – e sendo o texto narrativo, ao contrário do lírico e do dramático, caracterizado pela sua natureza mediada («Mittelbarkeit des Erzählens») (Stanzel, 1991, pp. 15-21), isto é, pela presença forçosa de uma entidade que oferece a história –, é possível constatar que, como afirma Aguiar e Silva (1988),

A diegese é um *construto tropológico*, só adquire existência através do discurso de um narrador e por isso essa existência é indissociável das estruturas textuais, das microestruturas estilísticas como das macroestruturas técnico-compositivas. (p. 717)

Assim, o discurso narrativo, no qual se vê materializada uma determinada língua, objeto primário da atividade tradutória, constitui um elemento de relevância central no âmbito do processo hermenêutico que precede a tradução (Barrento, 2002). Pelo papel de mediador exercido pelo tradutor, Hermans (1996) argumenta que pode mesmo considerar-se que a sua “voz” constitui uma «segunda voz» do texto narrativo traduzido, cuja presença é mais ou menos aferível dependendo das estratégias de tradução empregadas (pp. 27-28).

A diegese é constituída não só por uma sequência de eventos, mas também pela edificação de retratos de personagens, de objetos, de estados e de um contexto temporal e espacial (Aguiar & Silva, 1998, p. 719). As narrativas operam, portanto, segundo três eixos fundamentais: o do relato, o da descrição e o do diálogo – categorias que, naturalmente, não se encontram calafetadas (Aguiar & Silva, 1998; Britto, 2012, p. 106). E na técnica narrativa que caracteriza *Die Rebellion*, o discurso indireto livre (DIL) (*erlebte Rede*), estes elementos contaminam-se mutuamente (Famira-Parcsetich, 1968).

Está-se, nesta obra, perante um narrador estranho à história, não participante na mesma ou, mais precisamente, heterodiegético e de “grau zero”, fundido com o autor textual (Aguiar e Silva, 1988, p. 761; Famira-Parcsetich, 1968, p. 42; Genette, 1979; p. 244); de focalização onisciente, capaz de percorrer a interioridade das personagens e lançar o olhar sobre os seus passados e futuros (Aguiar e Silva, 1988, p. 776; Famira-Parcsetich, 1968, p. 42); mas a voz de um narrador que o faz enevoando as fronteiras entre si e a voz da personagem (Aguiar e Silva, 1988, p. 764; Famira-Parcsetich, 1968, p. 42). Este narrador classifica-se, como confirma Helmut Famira-Parcsetich (1968), como um *auktorialer Erzähler* (narrador heterodiegético onisciente) cuja presença, ainda que apagada – isto é, não vinculada a um “eu” explícito – pode ser sentida em cada parágrafo (p. 42). A diegese é, então, oferecida por uma entidade que se coloca num nível superior ao dos acontecimentos, numa «perspetiva do Olimpo», para a qual convida o leitor através das suas intromissões mais ou menos subtis, ricas em tonalidades irónicas e críticas (Famira-Parcsetich, 1968; ver também Herz, 2016).

O narrador desta obra, enquanto locutor da comunicação literária que mantém com o narratário, elege para a reprodução do discurso no discurso uma técnica híbrida e obscura – que teve de se preservar no texto traduzido –, em que se embacia a mediação do narrador, ou seja, desaparecem das falas e dos pensamentos das personagens as marcas linguísticas distintivas das mesmas, como o uso de aspas e verbos *discendi* (formas verbais como «disse», «respondeu» e «pensou», designativas das ações do ato comunicativo), e emergem no discurso narrativo características do discurso direto, como as formas pronominais de primeira pessoa gramatical e a conservação dos pontos de interrogação e exclamação, representativas da forma como o discurso teria sido formulado pelas figuras em discurso direto (Amorim & Sousa, 2012, p. 69; Cunha & Cintra, 2016, p. 656). Queira ler-se o excerto [11], ilustrativo do ponto de vista narrativo a partir da interioridade do protagonista.

[11] (a) Weshalb straft [Gott] **uns** mit plötzlicher Ungnade? **Wir haben** nichts verbrochen und nicht einmal in Gedanken gesündigt. Im Gegenteil: **wir waren** immer fromm und ihm ergeben, den **wir** gar nicht **kannten**, und **priesen** ihn **unsere** Lippen auch nicht alle Tage, so **lebten wir** doch zufrieden und ohne frevelhafte Empörung in der Brust als bescheidene Glieder der Weltordnung, die er geschaffen. **Gaben wir** ihm Anlaß, sich an **uns** zu rächen? Die ganze Welt so zu verändern, daß alles, was **uns** gut in ihr erschienen, plötzlich schlecht ward? Vielleicht wußte er von einer verborgenen Sünde in **uns**, die **uns** selbst nicht bewußt war?

(b) Porque **nos** castiga Ele com súbita desgraça? Nada **transgredimos** e nem em pensamentos **pecámos**. Antes pelo contrário: a Ele **fomos** sempre devotos e a Ele sempre dedicados, Àquele que não **conhecíamos** de todo, e se os **nossos** lábios não O louvavam todo o santo dia, **vivíamos**, ainda assim, satisfeitos e sem revolta sacrílega no peito, como humildes membros da ordem mundial por Ele criada. **Demos**-Lhe azo para se vingar de **nós**? Transformar assim o mundo inteiro a ponto de tudo quanto nele se **nos** afigurava bom se tornar repentinamente mau? Talvez Ele soubesse de um pecado oculto em **nós**, um que **nós** próprios **desconhecíamos**? (Capítulo IX, negritos nossos)

Este mecanismo narrativo permite uma maior fluidez do discurso, estando também ao serviço da aproximação do leitor ao organismo literário (Amorim & Sousa, 2012, p. 69; Famira-Parcsetich, 1968). Mas se, por um lado, a imersão do narratário na intensidade emotiva dos pensamentos das personagens potencia a vivacidade da experiência de leitura e favorece o envolvimento empático do leitor – tática utilizada

para a edificação do cariz universal e alegórico da diegese, como visível em [11] –, a verdade é que a eleição do DIL é profundamente motivada pelo *distanciamento* que distingue o narrador de *Die Rebellion* ([12]) (Lazaroms, 2012, pp. 121-122; ver também Köster, 1982, p. 37).

[12] (a) Er glaubte an einen gerechten Gott. Dieser verteilte Rückenmarkschüsse, Amputationen, aber auch Auszeichnungen nach Verdienst. **Bedachte man es recht, so war der Verlust eines Beines nicht sehr schlimm und das Glück, eine Auszeichnung erhalten zu haben, ein großes. Ein Invaliden durfte auf die Achtung der Welt rechnen. Ein ausgezeichneter Invaliden auf die der Regierung.**

(b) Acreditava num Deus justo. Um Deus que distribuía tiros na medula espinal, amputações, mas também condecorações mediante o mérito. **Pensando bem, a perda de uma perna não era muito grave, e a sorte de ter recebido uma condecoração era grande. Um inválido podia contar com o respeito do mundo. Um inválido condecorado, com o do governo.** (Capítulo I, negritos nossos)

Verifica-se, com efeito, uma espécie de *distanciamento pela aproximação*: o discurso indireto livre, ao obstaculizar a atribuição inequívoca das opiniões e pensamentos veiculados pela passagem narrativa em causa à voz da personagem ou à do narrador, propicia a leitura dos mesmos sem o afastamento percetivo que as marcas enunciativas tradicionais instituiriam, o que desvenda a *corrente de consciência* (*stream of consciousness*) das personagens e imprime aos conteúdos proposicionais dos enunciados um valor de legitimidade imediata, que, em seu turno, patenteia o absurdo intrínseco à cosmovisão do protagonista e à organização do mundo diegético (Famira-Parcsetich, 1968, pp. 41-42; Lazaroms, 2012, pp. 121-122; ver também Aguiar e Silva, 1988, p. 748).

Com efeito, a perspetiva dupla proporcionada pelo DIL é uma expressão particular da mediação (*Mittelbarkeit*) na prosa, que desempenha importantes funções estéticas e contribui de forma decisiva para a unidade temática do texto como um todo (Zhou, 2019, pp. 21-23). O DIL perpetua a ambiguidade textual ao nível pragmático, por sobrepor várias instâncias de *consciência* – a da personagem e a do narrador –, e dessa particularidade emergem os significados projetados pela voz narrativo-autoral, ancorados na postura crítica, irónica e satírica do narrador-autor face aos caracteres do

universo diegético (Lazaroms, 2012; Zhou, 2019, p. 20). Nas palavras de Ilse Lazaroms (2012),

The author detaches himself from his own narratives, and hides behind a multiplicity of voices that all belong to him yet elude him all the same. (pp. 121-122)

Esse distanciamento, idiossincrasia-mãe da voz autoral de Joseph Roth, deriva amplamente do seu uso magistral da ironia, que Nord (1997) reconhece como uma subfunção possível da função expressiva inerente a esta tipologia textual (p. 41); e da sátira, mecanismos através dos quais, como descrevem Reiß e Vermeer (1984), o narrador-autor intenta convencer o narratário-leitor das suas interpretações e perspectivas, contrastantes com as das figuras da diegese, acrescentando-se assim à composição estética do texto a configuração persuasiva do mesmo (p. 207).

O perfil do narrador impacta, evidentemente, a multiplicidade de componentes de um texto literário e, por isso, as estratégias de tradução praticadas no sentido da preservação da voz autoral englobam, em última instância, toda a atividade tradutória desenvolvida e discutida no presente relatório, de acordo com o princípio segundo o qual se revela imperativo, na tradução literária, «traduzir o marcado pelo marcado, o não marcado pelo não marcado» (Meschonnic, 1973, p. 343, como citado em Britto, 2012, p. 67), quer dizer, preservar ora o comportamento natural das formas linguísticas, ora o não natural, que acarreta a sinalização de uma determinada propriedade (Jakobson, 1957).

Ainda assim, decidimos tratar brevemente um dos aspetos que não se discute nas restantes secções deste trabalho. Para além do cuidado estilístico para a conservação das marcas de discurso indireto ([11]), da ambiguidade quanto à autoria de certas asserções ([12]), da integridade dos comentários atribuíveis ao narrador ([13]), entre outros, destacou-se a identificação e resguardo de recorrências textuais *significantes*, quer dizer, paralelismos a nível macroestrutural ([14] e Anexo 6).

[13] (a) Andreas hob mit eiliger Beflissenheit seine heruntergefallene Krücke auf und humpelte munter hinter den Kameraden, um sie zu überholen. Er glaubte nicht recht an ihre Schmerzen. Auch er mußte leiden. Und dennoch – **seht** – wie flink er sein kann, wenn ihn die Glocke ruft!

(b) Andreas apanhou com apressada diligência a sua muleta, que lhe caíra ao chão, e coxeou vivazmente atrás dos camaradas, para os ultrapassar. Não acreditava deveras nas dores deles. Também ele tinha de sofrer. E, todavia – **vejam só** –, como consegue ser ágil quando o sino o chama! (Capítulo I, negritos nossos)

[14] (a1) Nur Andreas Pum war mit dem Lauf der Dinge zufrieden. **Er hatte ein Bein verloren und eine Auszeichnung bekommen.** Viele besaßen keine Auszeichnung, obwohl sie mehr als nur ein Bein verloren hatten.

(a2) **Er besaß eine Krücke und eine Lizenz und eine Auszeichnung.** Alle sahen, daß er invalid war, ein Soldat, der fürs Vaterland geblutet.

(a3) Daß ihm so etwas geschehen mußte! Ihm, Andreas Pum, den die Regierung ausgezeichnet hatte! **Er besaß eine Lizenz, er hatte ein Bein verloren und ein Kreuz bekommen.** Er war ein Kämpfer, ein Soldat!

(b1) Apenas Andreas Pum estava satisfeito com o curso das coisas. **Tinha perdido uma perna e recebido uma condecoração.** Muitos não tinham recebido condecoração alguma, ainda que tivessem perdido mais do que uma mera perna.

(b2) **Ele detinha uma perna de pau e uma licença e uma condecoração.** Toda a gente via que ele era um inválido, um soldado que sangrara pela pátria.

(b3) Que uma coisa destas tivesse de lhe acontecer a ele! A ele, Andreas Pum, a quem o governo havia condecorado! **Ele detinha uma licença, ele tinha perdido uma perna e recebido uma cruz.** Ele era um combatente, um soldado!

(Capítulos I, III e VIII, respetivamente; negritos nossos)

A coesão semântica textual do texto literário produz-se através da *textura*, isto é, da «organização formal que possibilita instituir conexidade, relações coesivas, entre as entidades textuais, suturando adequadamente a sucessão dos enunciados, assegurando a continuidade e progressão informativas, construindo a ‘tessitura’ que o texto (*textus*) é» (Aguiar e Silva, 1988, p. 635). Em *Die Rebellion*, a iteração de certos elementos discursivos, através de paralelismos de cariz macroestrutural, é central à construção dessa *textura*, constituindo um *estilema* de Roth (isto é, uma marca distintiva da voz ou estilo autoral) (Aguiar e Silva, 1988, p. 636). Através desse, o autor coloca os capítulos do livro em diálogo, tecendo uma verdadeira *teia de ecos* sobre a qual se arquitetam as

matizes tragicómicas da história, marcada pela circularidade e pela inelutabilidade (Lazaroms, 2012) (ver Anexo 6).

Com a repetição, o narrador-autor ameaça a validade das afirmações ou ações e, acima de tudo, satiriza a simplicidade das paixões e lemas do protagonista (Anexo 6, ex. C.), a fixação do mesmo com a sua «harmonia plena com as leis divinas e terrenas» (Anexo 6, ex. D.) e a ingenuidade submissiva ([14]) que o acomete. Deste modo, o leitor vê novamente presentificadas sequências textuais passadas, e apercebe-se então de que está a “ouvir” uma divisa do “herói-inválida”, condicionado a organizar meticulosamente o mundo à sua volta segundo princípios de rigor militar e a legitimar puerilmente a sua condição, agarrando-se equivocadamente a um sentido de causalidade e justiça totalmente fabricado (Heath, 2004; Lazaroms, 2012).

Reina na voz autoral, portanto, o sarcasmo áspero da circularidade imutável da história, d’*A Rebelião* que se materializa enfim após a morte do protagonista, de uma alegoria destinada a repetir-se *ad aeternum*, qual Mito de Sísifo; reflexo da natureza cíclica da História que Roth procurava explorar, da impossibilidade de salvação com que o autor se debatia em meio à instabilidade causada pelos recentes eventos sociais e políticos (Heath, 2004; Lazaroms, 2012).

4.3. Particularidades Lexicais

Como anteriormente estabelecido, para o efeito de *literariedade* de uma obra contribui notoriamente a ação linguística efetuada no eixo paradigmático da comunicação, ou seja, relativa à seleção dos itens lexicais, pautada por certas intenções estilísticas. Debateremos, neste subcapítulo, as particularidades lexicais que sobressaem na obra que se traduziu, categorizadas em dois campos: o das unidades terminológicas (4.3.1.) e o das unidades lexicais (4.3.2.). Este traço constitui uma singularidade do estilo autoral, da *parole* que esse é, e o seu estudo justifica-se precisamente porque, como recorda Halliday (2004),

Since language is a semiotic potential, the description of a language is a description of choice. (p. 193)

4.3.1. Terminologia Especializada

A abundância de terminologia especializada, isto é, de termos pertencentes a uma determinada ciência, atividade profissional ou grupo social (Cabré, 1999; Pavel, 2001), constitui um traço profundamente relevante na paisagem estilística da obra *Die Rebellion*. Estes signos, provenientes do discurso técnico e circunscritos a um certo domínio especializado, são caracterizados pela padronização da relação entre as suas duas faces, ou seja, entre os significantes e os significados, sendo o seu sentido idealmente unívoco (Cabré, 1999).

A diferença entre palavras e termos é definida por M. Teresa Cabré (1999) a partir de quatro critérios fundamentais: os seus utilizadores, as situações em que são utilizados, os tópicos que comunicam e o tipo de discurso em que ocorrem (p. 36). Os termos são, então, utilizados por profissionais da área em causa, em situações de comunicação em círculos profissionais, para comunicar acerca de tópicos especializados e em discursos tipicamente técnicos e científicos (Cabré, 1999). Assim, a natureza destes é, em comparação com o léxico generalizado, mais objetiva, sistemática e marcada não pela ambiguidade e irregularidade, como as palavras no geral, mas pelas regularidades estruturais e conceptuais (Kageura, 2012, pp. 12-13). Posto isto, a linguagem especializada, ainda que seja natural, encerra uma certa artificialidade, sendo um sistema semiótico significativamente deliberado (Kageura, 2012, pp. 12).

Neste sentido, a infiltração deste tipo de linguagem no discurso literário opera uma notável ampliação semiótica: o rigor referencial do discurso especializado é preservado (visto ser essencial para a denotação dos aspetos caracterizadores do enredo), mas a sua onipresença é colocada ao serviço da intenção estética e discursiva do autor. Ao apropriar-se de léxico integrante de domínios técnicos, mais especificamente dos domínios militar e bélico, médico e anatómico, jurídico e prisional, religioso (entre outros), Joseph Roth esboça o universo diegético como percecionado pelo protagonista, cuja visão do mundo é inexoravelmente regida por princípios instaurados pelas instituições estatais. Essa cosmovisão é ilustrada por inúmeras passagens, das quais é exemplo o excerto [15], em que se dá a enunciação das qualidades de Andreas, tal como entendidas pelo próprio.

[15] (a) Reich an Vorzügen war Katharina Blumich. Aber nicht viel ärmer erschien in manchen Stunden Andreas sich selbst. Er war ein Mann von seltenen Gaben des Gemüts. Fromm, sanft, ordnungsliebend und in vollendeter Harmonie mit den göttlichen und den irdischen Gesetzen. Ein Mensch, der den Priestern ebenso nahestand wie den Beamten, von der Regierung beachtet, man konnte sagen: ausgezeichnet, niemals vorbestraft, ein tapferer Soldat, kein Revolutionär, ein Hassler und Verächter der Heiden, der Trinker, der Diebe und der Einbrecher.

(b) Katharina Blumich era rica em virtudes. Mas, em certas horas, não muito mais pobre se via Andreas a si próprio. Era um homem de raros dotes de carácter. Devoto, terno, amante da ordem e em harmonia plena com as leis divinas e terrenas. Um homem tão próximo dos padres quanto dos funcionários públicos, respeitado – ou, poder-se-ia dizer, condecorado – pelo governo, sem antecedentes criminais, um soldado valente, nada revolucionário, que abominava e desprezava os pagãos, os alcoólicos, os ladrões e os assaltantes. (Capítulo VI)

A objetividade e sistematicidade próprias da linguagem especializada convertem-se, assim, em matéria-prima para a veiculação da conceptualização do mundo por parte de Andreas, por um lado, e da inadequação dessa conceptualização, por outro: a cosmovisão espelhada no discurso narrativo opõe-se fundamentalmente à dinâmica das peripécias do enredo, expondo a dissonância trágica entre a fé cega do protagonista nas autoridades e a realidade efetiva do desprezo institucional.

Por reconhecermos a sua centralidade como instrumento de denotação da realidade do protagonista e de transmissão de outros significados conotativos, todas as unidades terminológicas foram traduzidas como tal, procurando-se preservar ambas as dimensões de significação que lhes eram inerentes.

No campo da terminologia militar e bélica (Anexo 2), que reflete o modo de vida pautado pela regra e pela sujeição à autoridade das figuras hierarquicamente superiores, típico da carreira militar, a pesquisa terminológica prendeu-se com o estabelecimento de correspondências aproximadas entre as patentes militares alemãs da época (Exército do Império Austro-Húngaro (*Landstreitkräfte Österreich-Ungarns*)) e as patentes militares do Exército Português (Apêndice 3); e com o estudo dos efeitos causados pelo uso de outras unidades terminológicas deste domínio, de modo a procurar, na língua portuguesa, termos que contivessem, igualmente, uma aceção

militar e que fossem capazes de transportar toda a dimensão significativa dos termos originais (Anexo 2).

Destacamos, a nível de terminologia militar culturalmente específica, o termo «Tornister», que denota, neste caso, a mochila dos soldados do Exército Imperial austro-húngaro, tendo a particularidade de ser preparada de acordo com diretrizes extremamente rigorosas, que estipulavam não só o que a mesma deveria conter, especificado ao mais ínfimo detalhe, como também a disposição dos artigos nos diversos compartimentos da mochila (Menzel & von Wurmb, 1916, pp. 18-23; ver Apêndice 4, Paine 1). Apesar de não ter sido possível aceder a fontes documentais que permitissem comparar o nível de detalhe das regulamentações das mesmas, foi-nos possível averiguar a existência de mochilas militares com características semelhantes às da *Tornister* no seio do exército português. É o caso da mochila de modelo MML02048, de 1859 – em que se basearam as que se desenvolveram mais tarde –, a qual, para além da relativa semelhança visual (ver Apêndice 4, Paine 2), partilha com a *Tornister* o facto de que, como confirma André Fernandes (2020), também ela era preparada de acordo com um conjunto de princípios reguladores, prescrevendo um «número específico de artigos, dispostos de um modo pré-determinado» (p. 157). Ademais, a *Tornister* era geralmente fabricada a partir de couro, que era sobreposto a uma armação de ripas de madeira (Storz, 2018), à semelhança deste modelo português (Fernandes, 2020).

Esta investigação extratextual objetivou simplesmente a avaliação das capacidades denotativas e conotativas do termo alemão e a sua comparação com aquelas oferecidas pela opção «mochila militar». Como se demonstrou, esta expressão, utilizada no âmbito do discurso militar português, denota um equipamento significativamente similar à *Tornister*¹⁴, e ainda que não encerre em si toda a extensão da denotação da palavra alemã, simboliza igualmente a vida disciplinada do soldado. Ademais, e como se nota no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Silva, 2002), este termo pode denotar «espécie de saco para levar provisões, roupa, etc., que os soldados

¹⁴ Ver Paine 3, 4 e 5 do Apêndice 4 para uma comparação iconográfica do equipamento pessoal utilizado pelos soldados do Exército Austro-Húngaro e do Corpo Expedicionário Português.

de infantaria transportam às costas» (Vol. 5, p. 64). Assim, a sua ocorrência no texto traduzido (ver [16]) preserva a sua carga semântica, permitindo a compreensão do tipo de equipamento denotado, mas também a isotopia imagética que articula o realejo e o equipamento militar ([16] e [17]).

[16] (a) An zwei Riemen trägt Andreas seinen Kasten auf dem Rücken, wie einen **Tornister**.

(b) Andreas carrega o seu realejo às costas com duas correias, como uma **mochila militar**. (Capítulo III, negritos nossos)

[17] (a) Er straffte die Kopfhaut, die Stirn, rief die zwei kleinen imponierenden Falten an der Nasenwurzel hervor und brachte so den Adlerblick zustande, den er immer in den entscheidenden Augenblicken seiner militärischen Laufbahn angelegt hatte. Dann gelang es ihm, mit einer solch vornehmen Bewegung den Leierkasten umzuhängen, daß er fast einem Rechnungsfeldwebel glich, der seinen Säbel umschnallt.

(b) Tensionou a testa e o couro cabeludo, trouxe à tona as duas pequenas rugas impressionantes na base do nariz e o olhar aquilino que ostentava sempre nos momentos decisivos da sua carreira militar. Depois, logrou pôr o realejo às costas com um movimento de tal forma sublime que quase parecia um sargento de contabilidade a afivelar o seu sabre. (Capítulo IV)

Em [16], a comparação explícita dos dois convoca, simultaneamente, a ideia de continuidade e a de rutura: se outrora a mochila militar assegurava a sobrevivência e a prontidão do soldado – permitindo-lhe cumprir as suas funções –, é o realejo que assume agora esse papel de instrumento de subsistência, constituindo o novo escudo simbólico perante o meio envolvente hostil.

No excerto [17], amplifica-se esta isotopia sob um registo escarnecedor, decorrente do distanciamento crítico do narrador. Ao comparar-se o movimento com que Andreas coloca o realejo às costas, o qual «logra» em meio à sua repetição cerimoniosa de gestos ritualizados pelo seu passado militar, com aquele movimento executado por um sargento de contabilidade ao afivelar o seu sabre, reveste-se o ato de uma dignidade marcial, provocando a exposição do carácter patético e anacrónico do comportamento do protagonista. Afinal, este simulacro de honra não passa de um eco grotesco do antigo esplendor militar, o que é transmitido implicitamente, por um lado, pela comparação a um sargento do domínio administrativo, que usufrui de autoridade

e prestígio militar sem exercer funções combativas na guerra; e, por outro lado, pelo facto de este movimento se referir, na verdade, ao seu instrumento musical, símbolo da dignificação da precaridade promovida pelas instituições governamentais.

Evidencia-se, portanto – como em tantas outras instâncias textuais –, a ingenuidade do protagonista, que «nessa harmonia plena com as leis terrenas e divinas» (Roth, no prelo, Capítulo VII) se alheia dos seus semelhantes e se identifica com os seus opressores, não se apercebendo da sua marginalidade até ao momento em que dela resulta o seu encarceramento.

Os efeitos duradouros da participação na guerra na cosmovisão das personagens espelham-se, igualmente, através de outros recursos linguísticos, como a utilização de verbos polissémicos que, pertencendo ao domínio especializado, são utilizados no seio da linguagem geral por meio de processos de significação metafórica. Dá-se o exemplo de «rüsten» ([18a]), que significa, na aceção militar, «equipar-se com armas» e, num sentido daí derivado, «preparar-se (para algo)» (Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache (DWDS), s. d.). Esta plurissignificação encontra reflexo direto no verbo reflexivo português «armar-se» [18b] (Houaiss & Villar, 2005, Tomo III, p. 835; Silva, 2002, Vol. 1, p. 262). O mesmo sucede com «überfallen» ([19a]), que denota a ação militar de invasão de um território e, paralelamente, um assalto (sentido derivado de «assalto» na sua aceção militar), utilizado de modo figurado no excerto transcrito (DWDS, s. d.). Optámos, para a obtenção do mesmo efeito estético, pelo emprego do verbo «invadir» ([19b]), capaz de comportar essa particularidade polissémica: «penetrar num determinado lugar e ocupá-lo pela força» e, em sentido figurado, «tomar conta de; avassalar» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo XI, p. 4709).

[18] (a) Ihr Frieden mit dem Feind war besiegelt. Sie **rüsteten** schon zu einem neuen Krieg; gegen die Schmerzen; gegen die Prothesen; gegen die lahmen Gliedmaßen; gegen die krummen Rücken; gegen die Nächte ohne Schlaf; und gegen die Gesunden.

(b) A sua paz com o inimigo estava selada. **Armavam-se** já para uma nova guerra... contra as dores, contra as próteses, contra os membros aleijados, contra as costas torcidas, contra as noites sem pregar olho, e contra osãos. (Capítulo I, negritos nossos)

[19] (a) Ein freudiger Schrecken **überfiel** ihn. Er humpelte davon. Seine Muskeln beruhigten sich. Sein Augenlid flackerte nicht mehr.

(b) Foi **invadido** por um temor jubiloso. Coxeou dali para fora. Os seus músculos aquietaram. A pálpebra parou de trepidar. (Capítulo II, negritos nossos)

Paralelamente, e como ilustram os excertos [18] e [19], a terminologia dos campos médico e anatómico evidencia as repercussões do conflito armado, comunicando quer as de ordem física e psicológica – a doença, a mutilação, o trauma –, quer as de ordem social e simbólica, traduzidas na desumanização e redução do indivíduo à sua condição de «inválido» [20].

[20] (a) Plakate sind an den Litfaßsäulen zu sehen. Die Invaliden sind wieder einmal unzufrieden.

(b) Veem-se cartazes nas colunas publicitárias. Os inválidos estão outra vez insatisfeitos. (Capítulo VI)

Reflete-se, deste modo, no plano da linguagem a realidade diegética (e também a extralinguística), pelo que a sobriedade do discurso ancorada neste campo temático se afigura como um aspeto de relevância central na identidade estilística do TP, tendo-se procedido, por conseguinte, à sua conservação rigorosa (ver Anexo 2). Este esforço tradutório, orientado pelos materiais de referência terminológica mencionados na secção 1.3., determinou a escolha dos termos que mais se distanciassem do léxico comum e que fossem mais diretamente percecionados como pertencentes aos domínios da comunicação especializada. Tal princípio determinou, a título de exemplo, a escolha de «sãos» em detrimento de «saudáveis» ou de «espinha dorsal» no lugar de «coluna vertebral», situações em que as nuances, embora ténues, permitem a recriação do discurso marcado, caracterizado pelo estranhamento linguístico e distância dos discursos técnico e literário.

Por fim, a reprodução do discurso jurídico e prisional operou-se de acordo com os mesmos preceitos (Anexo 2). Visámos, com esse procedimento, respeitar a utilização sistemática das unidades terminológicas destas áreas para representar a natureza excessivamente burocrática dos processos jurídicos, o que contribui para conferir

verosimilhança ao retrato diegético do aparelho estatal e, simultaneamente, para contrapor a sua aparente licitude à sua efetiva crueldade.

[21] (a) Hätte Andreas eine Ahnung von der **Jurisprudenz** gehabt, so hätte er gewußt, daß die **Gerichte** sich bereits mit ihm beschäftigten. Denn sein Fall gehörte zu jenen sogenannten »**eiligen Fällen**«, die nach einem **Erlaß** des modernen **Justizministers** sofort **in Behandlung genommen wurden** und **zur Erledigung kamen**. Schon hatten die großen, rollenden Räder des Staates den Bürger Andreas Pum in die Arbeit genommen, und ohne daß er es noch wußte, wurde er langsam und gründlich zermahlen.

(b) Se Andreas houvesse tido a mais vaga noção da **jurisprudência**, teria sabido que já os **tribunais** dele se ocupavam. Isso porque o seu caso pertencia àqueles chamados «**casos urgentes**», que, conforme o **decreto** do actual **Ministro da Justiça**, eram imediatamente **admitidos a tramitação** e **levados a despacho**. Já as grandes rodas giratórias do Estado entranhavam o cidadão Andreas Pum, e, sem que ele o soubesse ainda, estava a ser lenta e minuciosamente triturado. (Capítulo IX, negritos nossos)

Tal como se observa na passagem [21], a terminologia jurídico-administrativa assume uma função crítica: sob a égide da ordem e da legalidade, revela-se a verdadeira natureza arbitrária da Justiça – fazendo-se, dessarte, uso do discurso jurídico, manifestação suprema da autoridade do Estado, como instrumento para a denúncia da insuficiência e ineficácia das estruturas sociais e políticas do universo diegético (e, entenda-se, do pós-guerra (ver Hsia, 2022)).

4.3.2. Escolhas lexicais estilísticas

A presença em abundância de terminologia especializada na obra corresponde apenas a uma das facetas do funcionamento estilístico da seleção vocabular (eixo paradigmático), que abrange, naturalmente, a esfera das unidades lexicais (em oposição a terminológicas), acerca da qual se debruçará a presente secção (ver também Anexo 3).

Se, como se estabeleceu, o uso recorrente de terminologia médica e anatómica está ao serviço do retrato das repercussões da guerra, também o uso de certas unidades lexicais contribui para a construção da “atmosfera” da diegese. O quadro da desumanização dos veteranos mutilados e enfermos perpetuada pelo meio envolvente é colorido, ao longo da obra, por escolhas lexicais estilísticas como as materializadas nos

substantivos «(der) Zitterer» e «(die) Zweibeinigen», que aprofundam e complexificam a *dialética da doença*, ao concretizarem, através do processo metonímico de designação do todo pela parte, a redução identitária do indivíduo ao seu sintoma ou à sua integridade corporal, respetivamente.

Segundo o dicionário enciclopédico disponibilizado pelo museu histórico *Haus der Geschichte Österreich* (s.d.), o termo *Kriegszitterer*, predominante no modo oral da língua, designava os soldados que, durante e após a Primeira Guerra Mundial, sofriam de tremores involuntários e perda de controlo motor resultante do trauma psicológico severo causado pela experiência na linha da frente do conflito (equivalente ao inglês «shell shock»). Quanto ao item lexical «(der) Zitterer», recorrente na obra, este faz parte de um esquema de significação constituído por palavras derivadas do verbo «zittern» («tremar»). As suas ocorrências englobam, para além das formas finitas desse verbo ([22]), os substantivos deverbais «Zitterer» (indivíduo) ([23]) e «Zittern» (ação) ([24]), bem como o participio presente (*Partizip Präsens*) «zitternd» ([25]), que funciona como um adjetivo.

[22] (a) Von den hundertsechsfünfzig Kranken des Kriegsspitals Numero XXIV **zitterte** nur einer.

(b) Dentre os 156 doentes do hospital de guerra número XXIV, apenas um **tremia**. (Capítulo II, negritos nossos)

[23] (a) Das Gerücht, aus anderen Krankenhäusern herüberflatternd, wollte wissen, daß nur die **Zitterer** bleiben würden.

(b) A acreditar no rumor que até ali tinha esvoaçado de outros hospitais, apenas aos **tremes** seria permitido permanecer. (Capítulo II, negritos nossos)

[24] (a) Wer konnte wissen, ob nicht in seine Glieder, in seinen Körper, in sein Blut der Keim des **Zitterns** gelegt war, ob er nicht zur un rechten Zeit sprießen und stark würde, den armen Andreas überwältigend und ihn vernichtend?

(b) Quem poderia saber se nos seus membros, no seu corpo, no seu sangue não estava plantado o germe do **tremor**, se não iria brotar e florescer em má hora, avassalando e aniquilando o pobre Andreas? (Capítulo VI, negritos nossos)

[25] (a) Eine große Traurigkeit befiel jeden, der den **zitternden** Schmied sah. Er war wie ein schwankender Koloß auf unsicherm Grunde.

(b) Uma grande tristeza acometia todos os que viam o ferreiro **tremes**. Era como um colosso titubeante em terreno instável. (Capítulo II, negritos nossos)

A tradução deste agrupamento teve de ser estabelecida de forma sistemática, de modo a assegurar a consistência e a preservação do efeito estético provocado pela leitura do mesmo, ancorado na *estranheza* advinda da marcação linguística (Jakobson, 1957). Para esse fim, começámos por listar as opções de tradução viáveis para o substantivo deverbal «Zitterer» (indivíduo), em que figuravam: a. (um) tremedor; b. (um) trémulo; c. o que tremia e d. (um) tremente. A eleição desta última opção para o seu uso quer como substantivo denotador do indivíduo ([23]), quer como forma não finita de particípio presente ([25]) escorou-se nas seguintes considerações:

1. este adjetivo, que significa «que treme» e pode referir-se quer a indivíduos quer a objetos, é um resquício do particípio presente latino, denotando uma ideia de ação contínua em tudo semelhante àquela presente no TP (ACL, s.d.; Houaiss & Villar, 2005, Tomo XVII, p. 7897);
2. a sua utilização como substantivo surge como plausível para o leitor português, o que se atesta observando substantivos como «viajante», de estrutura morfológica [tema verbal + vogal temática + sufixo *-nte*], derivados do particípio presente latino (ACL, s.d.); mas causa *estranheza* na leitura, por a sua rara utilização enquanto substantivo realizar igualmente a marcação linguística;
3. em termos de interpretação semiótica, esta alternativa ecoa outras palavras da língua de campos conceptuais associados, que podem ser tanto adjetivos quanto substantivos, como, por exemplo «doente», «deficiente», «convalescente» (também todas, aliás, derivadas de particípios presentes do latim), e que envolvem, do mesmo modo, um processo de metonímia (ACL, s.d.; Houaiss & Villar, 2005);
4. em termos fonéticos, preserva em maior grau os fonemas do verbo de que deriva: [tri.'mer] e [tri.'mẽ.ti], contra as alternativas ['trẽ.mu.tu] ou [tri.mi.'dor].

Determinámos, posteriormente, que o substantivo deverbal «Zittern» (ação) corresponderia a «tremor», e não a «tremura», por algumas das mesmas razões apontadas, a saber: proximidade fonética entre a palavra e o verbo ([tri.'mer] e

[tri.'mor]); e, significando «agitação involuntária do corpo ou de parte dele» (ACL, s.d.), pode designar ainda um «abalo violento», nomeadamente no relativo a um «tremor de terra», pelo que viabilizava a preservação de isotopias diegéticas, como em [25].

Como exemplo ilustrativo da inviabilidade de aplicação de um processo deste tipo a todas as seleções paradigmáticas desta natureza, apresenta-se o item «die Zweibeinigen», que tivemos de traduzir como «os de duas pernas». Nesta instância, as diferenças morfológicas entre o alemão e o português obstaculizaram a preservação integral do efeito provocado por este substantivo deadjetival. Este constitui uma palavra composta determinativa (*Determinativkomposita*) obtida através da combinação de um quantificador discreto (ou numeral cardinal) («zwei»), à esquerda, e de um nome («Bein») sufixado por *-ig*, afixo utilizado na composição de adjetivos (Rodrigues, 2005). Como sistematiza Rodrigues (2005, p. 5 e 145), a fórmula [Numeral + Adjetivo_[Substantivo +*-ig*]] não se pode replicar na língua portuguesa, vendo-se transmutada na fórmula [*de* + Numeral + Substantivo]. Assim, «die Zweibeinige» traduziu-se como «os de duas pernas», refletindo essa sistematicidade, sendo uma opção que consideramos que, contudo, constitui um equivalente funcional, capaz de proteger a *estranheza* do TP. Não se utilizou o composto morfológico «bípede», de origem latina, pois consideramos que, para além de privilegiar conotações animais não presentes no original, o mesmo neutraliza o componente concreto *perna*, o que dilui o efeito simbólico e quase grotesco do termo original.

Mas se a linguagem de *Die Rebellion* se estrutura em torno de campos semânticos recorrentes — nomeadamente os da doença, da fragilidade física e da alienação —, cujo funcionamento simbólico e metonímico contribui para a caracterização global do universo da obra, o seu estilo é caracterizado, como referido anteriormente, pela tensão entre duas tonalidades, pela alternância entre passagens analíticas e desapaixonadas e passagens em que tem primazia a dimensão estético-expressiva, manifestada em escolhas lexicais motivadas pela sua musicalidade, densidade imagética ou valor poético intrínseco. Neste segundo eixo de análise, a seleção paradigmática não corresponde a um imperativo temático, mas a um impulso de afirmação da *literariedade* (Aguar e Silva, 1988).

[26] (a) — [...] Ach, Sie wissen ja nicht, wie eine ganz allein, **mutterseelenallein** stehende Frau in dieser bösen Welt lebt.

(b) — [...] Ah, o senhor não faz a menor ideia de como vive uma mulher sozinha, completamente **órfã de amparo**, neste mundo cruel. (Capítulo V, negritos nossos)

Na frase [26], o apelo expressivo à empatia do interlocutor surge mediado pela palavra composta «mutterseelenallein», adjetivo que evoca um sentimento de solidão profunda, equiparada ao abandono absoluto (DUDEN, s.d.), um desamparo que se estende até à esfera da *mãe*, dessa *casa-primeira*. Face à impossibilidade de tradução literal, que resulta completamente agramatical, ponderou-se a tradução semântica através de uma opção como «totalmente desamparado», mas tal implicaria a perda de qualquer valor conotativo associado à esfera da *mãe*. Tirou-se proveito, então, das potencialidades do lexema «órfã», que denota alguém «que perdeu o pai e/ou a mãe», mas cuja aceção metafórica veicula o significado «carente ou privado (de algo)» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo XIII, p. 5949). Ainda que reconheçamos que é uma estrutura mais marcada do que a do TP, consideramos que a construção metafórica «órfã de amparo» logrou a equivalência semântica, discursiva e também, na medida do possível, a estética, pelo que a firmámos como congruente com o *Skopos* da tradução.

[27] (a) Sie fuhr mit der rechten Hand durch die Luft und streifte eine Blumenvase aus bemaltem Gips, die mitten auf dem Tisch gestanden hatte. Das Wasser rann aus und gurgelte leise und **plinkte** in einzelnen wehmütigen Tropfen vom Rand der Wachstuchdecke auf den Boden.

(b) Ela atravessou o ar com a mão direita e tocou ao de leve numa jarra de gesso pintado que se encontrava no meio da mesa. A água entornou, e gorgolejou baixinho, e foi **lacrimando** em gotas isoladas, melancólicas, da borda da toalha de oleado para o chão. (Capítulo VIII, negritos nossos)

Por último, destacamos a utilização estética do verbo «plinken» numa passagem descritiva de grande emotividade ([27]), que se segue ao momento em que Katharina, a mulher de Andreas, chega a saber aquilo que se passou no elétrico, quer dizer, o conflito que viria a marcar *o início do fim* do protagonista. A fúria e melancolia desta personagem são transmitidas, num primeiro momento, através da descrição do ambiente, que confere aos objetos um ritmo refletor da intimidade das personagens. Desta forma, o verbo utilizado tem um efeito claramente onomatopaico, já que ecoa o *plink* das gotas

individuais, que pontuam o silêncio que se faz de repente, após o primeiro brado da personagem feminina, e que prenuncia as invetivas subsequentes. Sugere-se assim a primazia não da ira que é exteriorizada, mas da melancolia e desilusão que a motivam. Para proteger a carga emotiva e o perfil prosódico desta passagem, preservou-se, por um lado, a coordenação ou polissíndeto e, por outro, a escolha marcada do verbo em questão, concretizada em português através da plurissignificação do verbo «lacrimejar», que presentifica a intensidade da melancolia ao denotar, no objeto, o «cair em gotas» e, na personagem, o «verter lágrimas» (ACL, s.d.).

4.4. Partículas Modais

Como já se estabeleceu, o esforço inerente à tradução literária é diretamente condicionado pela complexidade das particularidades linguísticas do texto de partida. Neste sentido, a problemática da tradução de partículas modais (PMs) (*Modalpartikeln*) da língua alemã, objeto de estudo deste subcapítulo, revela-se especialmente pertinente, por ilustrar tanto a noção de «intraduzibilidade» quanto a necessidade de adoção de estratégias de tradução multiformes. Abordamos, de seguida, o estatuto das partículas modais como elementos linguísticos (e pragmáticos) que constituem um desafio significativo na tradução do alemão para a maioria das línguas de chegada.

O objeto de análise desta secção inscreve-se no domínio da Pragmática, ramo da Linguística dedicado ao estudo do uso da língua em contexto, isto é, das relações entre os signos linguísticos, os interlocutores e a situação comunicativa (Lopes, 2018, p. 13; Waltereit, 2006, p. 9). As partículas modais (*Modalpartikeln* ou *Abtönungspartikeln*), empregadas predominantemente no modo oral da língua, distinguem-se pela sua função de modalização discursiva, ou seja, a expressão, no enunciado, de atitudes, juízos, emoções, suposições ou expectativas por parte do locutor (Helbig & Buscha, 1991, p. 476). Deste modo, a interpretação das PMs depende fortemente do contexto de enunciação, da relação interlocutiva e da entoação que lhes é conferida (Franco, 1991; Ali, 1930).

No âmbito da Teoria dos Atos de Fala, formulada por Austin, segundo a qual cada ato de fala envolve simultaneamente três dimensões — o ato locutório (ato de *dizer*), o ato ilocutório (o ato de *querer dizer*) e o ato perlocutório (ato de criar, no ouvinte, determinados efeitos) —, pode-se afirmar que as partículas modais se situam entre as esferas ilocutória e perlocutória (Austin, 1962). Deste modo, estas partículas atuam como «marcadores ilocutórios» (*illokutive Indikatoren*), responsáveis por modular o ato de fala e o conteúdo proposicional do enunciado (Helbig & Buscha, 1991, p. 480; Thurmair, 1989, p. 26; Welker, 1990, pp. 7–8).

Esta classe de palavras abrange lexemas como *aber, auch, bloß, denn, doch, eben, eigentlich, etwa, halt, ja, mal, nun, nur, ruhig, schon, vielleicht* e *wohl*, entre muitos outros (Bublitz, 1978; Brünjes, 2014; Engel, 2004; Helbig & Buscha, 1991; Weydt, 1979). Estas palavras são homógrafas de outras unidades lexicais, de que derivam, provenientes de diferentes classes gramaticais da língua alemã (Engel, 2004, p. 442). Apresentamos, de seguida, uma esquematização das funções dos respetivos homógrafos.

PM	Função dos homógrafos (Linguística Alemã)
aber	conjunção coordenativa adversativa
auch	advérbio; parte de conjunção coordenativa ou concessiva; partícula focalizadora
denn	conjunção coordenativa causal; partícula de comparação
doch	conjunção coordenativa adversativa; partícula de resposta; advérbio
eben	advérbio de tempo, adjetivo
ja	partícula de resposta (afirmativa)
mal	advérbio de frequência, conjunção
nun	advérbio de tempo
ruhig	adjetivo, advérbio de modo
schon	advérbio de tempo
wohl	advérbio de modo; partícula separável de verbo

(Adaptado de Welker, 1990, com dados adicionais de Helbig, 1988)

De entre as principais características gerais das partículas modais, destacam-se as seguintes:

- a. Não flexionam em género, número ou pessoa nem declinam em caso, pelo que são invariáveis enquanto PMs (Bublitz, 1978, p. 37; Brünjes, 2014, p. 18; Engel, 2004, p. 442; Helbig & Buscha, 1991, p. 476; Meibauer, 1994, p. 30; Thurmair, 1989, p. 22);
- b. Não são constituintes frásicos, não podendo, enquanto PM, figurar isolados numa frase, ou seja, ser o seu único elemento (Bublitz, 1978, p. 35; Brünjes, 2014, p. 18; Franco, 2012; Helbig & Buscha, 1991, p. 475; Meibauer, 1994, p. 30; Thurmair, 1989, p. 24);
- c. Não podem ocupar a posição inicial absoluta de uma frase (Bublitz, 1978, p. 35; Helbig & Buscha, 1991, p. 476; Engel, 2004, p. 442; Laurer, 2020, p. 4; Meibauer, 1994, p. 31; Thurmair, 1989, p. 25);
- d. São facultativas, funcionando como «indicadores ilocutórios» (Brünjes, 2014, p. 11; Franco, 2012; Helbig & Buscha, 1991, p. 480; Meibauer, 1994, p. 29; Thurmair, 1989, p. 26).

As PMs são caracterizadas pelo predomínio da sua função comunicativa, sendo que, em relação aos seus homónimos, sofreram um ganho de complexidade pragmática, tendo passado a veicular inúmeros significados em função do contexto em que são empregadas – valores esses que podem, ou não, conservar ligação com o significado original dos seus correspondentes lexicais (Aquino & Arantes, 2020, p. 170; Helbig & Buscha, 1991, p. 478). O seu emprego quase exclusivo na oralidade parece decorrer, por um lado, das particularidades sintáticas do alemão e, por outro, da propensão do discurso oral para a ocorrência de perdas informacionais (Aquino & Arantes, 2020, p. 170; Bublitz, 1978, p. 40). Assim, a presença destes elementos linguísticos no modo escrito está associada à maior aproximação do texto ao modo oral e coloquial, sendo uma ferramenta importante na veiculação de nuances comunicativas (Helbig & Buscha, 1991, p. 478).

Dada a dimensão pragmático-funcional das PMs, o estabelecimento de equivalentes de tradução constitui uma tarefa complicada, marcada pela falta de sistematicidade. No domínio da Linguística Portuguesa, não se pode afirmar que seja reconhecida a existência de partículas modais. Não obstante, tem havido esforços por parte de alguns linguistas no sentido da descrição e classificação de determinados lexemas da língua portuguesa como partículas modais, por desempenharem funções pragmático-modais similares; é o caso de *sempre* (em instâncias do tipo «Sempre telefonaste ao teu avô?») ou *lá* (em frases como «Diz-me lá!»). Entre esses contributos, destacam-se os de António Franco, de cujos estudos se transcrevem algumas passagens particularmente elucidativas:

Embora a (sub-)categoria das PMs não seja como tal conhecida dos gramáticos portugueses, a língua faz uso destas unidades linguísticas [...]. (Franco, 2012, p. 155)

[As partículas modais] são elementos que têm habitualmente sido classificados [...] como se fossem advérbios [...] ou “partículas ou palavras de realce” [...] [mas] é possível [...] uma destrição segura entre os lexemas agora descritos como PMs e os advérbios e advérbios de frase. (Franco, 1990, p. 196)

Apresenta-se, de seguida, um quadro que compendia, de modo não exaustivo, as “partículas modais portuguesas”, elaborado segundo o estabelecido por parte de diversos investigadores deste campo.

PM	Função dos homógrafos (Linguística da Língua Portuguesa)
aí	advérbio de lugar (com valor deítico)
acaso	advérbio de dúvida
afinal	advérbio de tempo
bem (que)	advérbio de modo (“bem”); locução conjuncional (“bem que”)
cá	advérbio de lugar (com valor deítico)
então	advérbio de tempo; (valor análogo ao de uma conj. coordenativa conclusiva)
e	conjunção coordenativa copulativa

é que	partícula de realce
já	advérbio de tempo
lá	advérbio de lugar (com valor deítico)
mas	conjunção coordenativa adversativa
não	advérbio de negação
se calhar	locução de valor hipotético
sempre	advérbio de tempo
também	advérbio de inclusão

(Elaboração baseada em Ali, 1930; Aquino & Arantes, 2020; Franco, 1990; Franco, 2012; Welker, 1990)

As palavras da língua portuguesa que podem ser classificadas como PMs distinguem-se, não obstante, por corresponderem a um «espectro por vezes largo de equivalências funcionais em alemão» (no sentido português-alemão) e por, todavia, não poderem ser utilizadas como tradução das PMs alemãs na maior parte das suas ocorrências (Franco, 2012, p. 138). Assim, a tradução destas últimas para o português implica inevitavelmente o recurso a estruturas linguísticas de natureza muito diversa, dependente de uma interpretação precisa das funções desempenhadas pelas partículas no texto de partida, de modo a permitir a sua reprodução, ou compensação, no texto de chegada.

Dentre as partículas modais que figuram no livro, iremos discutir algumas ocorrências de *auch*, *doch*, *etwa*, *ja* e *schon* (ver Anexo 4 para listagem contínua).

A partícula modal **ja**, homónima da partícula de resposta afirmativa da língua alemã, figura entre as mais estudadas, devido tanto à sua elevada frequência de ocorrência, quanto à multiplicidade de significados que pode veicular. Uma das funções que esta partícula pode adotar é a de constituição de consenso entre os falantes através da referência a conhecimento partilhado pelos mesmos (Helbig, 1988, p. 165; Thurmair, 1989, p. 105). Pode tratar-se, nesse âmbito, da alusão ao conhecimento geral, que é tido como evidente e incontestável (Helbig, 1988, p. 165; Thurmair, 1989, p. 105), de que é exemplo o excerto [28].

[28] (a) Da kam der Gefreite Lang, ein Ingenieur, dem der rechte Arm fehlte und vor dem auch Andreas Respekt hatte, und sagte: »Reg dich nicht auf, Andreas, wir sind **ja** alle arme Teufel!¹⁵«

(b) Foi então que veio o segundo-cabo Lang, um engenheiro a quem faltava o braço direito e por quem também Andreas nutria respeito, e disse:

— Não te incomodes, Andreas, todos nós somos **deveras** uns pobres diabos! (Capítulo I, negritos nossos)

Nesta fala, Lang apresenta a sua afirmação como verdade amplamente aceite pelos envolvidos (os inválidos de guerra presentes no barracão) e consequentemente irrefutável, o que funciona como fundamentação para a advertência anterior. Está implícita, igualmente, a noção de que «não poderia ser de outra forma», ou seja, que por muito que Andreas se recuse a reconhecer a sua condição, ela é inegável. Na tradução, o valor de validade absoluta da afirmação é transmitido pelo advérbio «deveras», que reforça o carácter verdadeiro dos enunciados em que ocorre (Houaiss & Villar, 2005, Tomo VII, p. 2945); preservando-se assim o mecanismo retórico presente no enunciado de partida, que não só estabelece consenso, como também o impõe ao apresentar a proposição como a única perceção legítima dos factos.

[29] (a) Indessen nahm er sich vor, im Lande zu bleiben und künstlerische Postkarten in einem Museum zu verkaufen. Er sah **ja** ein, daß für Gebildete vielleicht kein Platz war.

(b) Quanto a si, Andreas propôs-se a ficar no país e a vender bilhetes-postais de artista num museu. **Bem que** reconhecia que para os instruídos talvez não houvesse lugar. (Capítulo I, negritos nossos)

Na frase [29], que surge no seguimento do excerto [6] (p. 55), o emprego da partícula modal *ja* ocorre fora do domínio do diálogo, encontrando-se incorporada no discurso do narrador. A função de constituição de consenso entre os interlocutores opera-se, neste caso, na esfera não do locutor, mas do alocutário (e no seu plano íntimo): Andreas resigna-se, por um lado, com a perceção do engenheiro de que «Não haverá nada mais que colher [...] na Europa», a que confere um grau de verdade relativamente elevado, limitando a sua validade, por outro lado, à situação das pessoas

¹⁵ Sobre a expressão idiomática «arme Teufel», ver secção 4.5.2.

instruídas (de que ele próprio não faz parte). Adicionalmente, visto que o consenso é apenas parcial, veicula-se assim um valor concessivo, que está ao serviço do distanciamento entre o protagonista e *os outros*, comportamento que lhe permite alienar-se das implicações do juízo de Lang e firmar a sua confiança na sua própria asserção (de que a sua situação será diferente, excecional). A utilização de *ja* funciona, portanto, em dois níveis: o primeiro, respeitante aos pensamentos de Andreas e com as funções mencionadas; e o segundo, pertencente à esfera da voz que narra, responsável por colocar em evidência a ingenuidade do protagonista, ao disputar o carácter universal de uma constatação que, em rigor, também o abrangia, vendo nela apenas uma confirmação da sua excecionalidade.

Para a tradução destes valores, empregámos a locução conjuncional «bem que», que expressa, neste contexto, uma concordância parcial («Até que é verdade que» (Aulete & Valente, s.d.)): o reforço enfático daquilo que é dito e da sua validade (ACL, s.d.; Houaiss & Villar, 2005, Tomo III, p. 1227) estabelece o valor de evidência e de consenso, que é, contudo, parcial, por recair sobre a resignificação de Andreas e não sobre aquilo que Lang, de facto, disse. Transmite-se, simultaneamente, o valor concessivo implícito no original, sendo que o sentido subjacente pode formular-se sob o enunciado «Ainda que reconhecesse, naturalmente, que para os instruídos não haveria lugar, para si haveria», que expande o sentido da frase imediatamente anterior e insiste na singularidade do protagonista. Enquanto marcador discursivo, para o qual Marcelli Aquino e Poliana Arantes (2020) e Herbert Welker (1990) sugerem mesmo o estatuto de PM do português, esta locução tem uma função de reforço do valor epistémico e, neste contexto, de modalização das informações implícitas no ato ilocutório.

Antes de prosseguirmos com a análise de outros valores de *ja*, repare-se, ainda, na incorporação da PM ***etwa*** na frase imediatamente a seguir à que acabou de ser examinada ([30]).

[30] (a) Sollte der Ingenieur ***etwa*** Parkwächter werden?

(b) **Acaso** ia o engenheiro tornar-se guarda de um parque?

(Capítulo I, negritos nossos)

Estamos perante uma interrogativa total (ou global) (*Entscheidungsfrage*) retórica, ou seja, uma pergunta que, pertencendo à classe das interrogativas que objetivam uma resposta geralmente binária (*sim/não*), se coloca, todavia, sem expectativa de resposta, apenas com a intenção de causar um certo efeito retórico (Helbig & Buscha, 1991, p. 493; Mateus et al., 2003, p. 461). Neste tipo de interrogações, a utilização de *etwa* indica ao alocutário (ou, melhor, ao narratário) que o locutor considera a ideia absurda ou improvável, visando a rejeição ou negação, por parte daquele, da proposição deste (Helbig, 1988, pp. 141-142; Helbig & Buscha, 1991, p. 493). Desta forma, perpassa um tom de desarmonia na interação verbal, decorrente da tensão entre a forma interrogativa, aparentemente aberta, e a orientação avaliativa negativa que o locutor imprime ao enunciado, ao sugerir implicitamente a rejeição da hipótese formulada (Helbig, 1988, pp. 141-142).

Seleccionámos, para a replicação deste objetivo ilocutório, o advérbio de dúvida «acaso», cujo estatuto como PM é defendido por António Franco (1991). O investigador postula que esta PM desempenha a função de conferir retoricidade ao enunciado, orientando a interpretação do alocutário (Franco, 1991). A modalidade deste enunciado é influenciada, igualmente, pelo uso do *Konjunktiv II*, modo da morfologia alemã utilizado para a expressão de situações irreais ou hipotéticas (Balcik et al., 2009, p. 289). Em português, a veiculação do valor deste enunciado, poderia efetuar-se por duas vias: de um lado, o modo Condicional («tornar-se-ia» ou «iria tornar-se»), do outro, o Pretérito Imperfeito do Indicativo da conjugação perifrástica [*ir* + infinitivo] («ia tornar-se»). A eleição desta última alicerçou-se no facto de o Imperfeito, na sua interpretação modal, ser utilizado com maior frequência na esfera da oralidade; e de, ao contrário do Condicional, cuja interpretação modal pode ver-se despojada de qualquer valor temporal, a construção [*ir* + infinitivo] pressupor necessariamente a preservação das suas conexões temporais, mais especificamente, «a presença de uma relação de prospetividade no passado» (Cunha, 2017, p. 86). É precisamente esse valor de “fazer ver adiante” associado ao tempo e modo verbais por nós selecionados, bem como ao emprego da PM «acaso», que é responsável pela edificação do carácter absurdo da hipótese colocada na pergunta retórica do enunciado [30], pelo que se vê reproduzido

com sucesso, através das escolhas tradutórias praticadas, o ato ilocutório do TP, nomeadamente um diretivo de resposta não verbal e de natureza avaliativa negativa.

[31] (a) »Sehen Sie«, sagte der Fremde, »was fang ich mit so einem Tier an? Ich will **ja** damit nicht gesagt haben, daß ich es überhaupt nicht brauche, aber was fang ich mit einem Tier an?

(b) — Veja lá — disse o estranho —, o que hei-de eu fazer com um animal destes? **Não é que esteja** com isto a dizer que não preciso dele para nada, mas que hei-de eu fazer com um animal destes? (Capítulo X, negritos nossos)

A PM *ja* pode adquirir, para além dos valores discursivos discutidos anteriormente, a função de atenuação de um ato de fala potencialmente conflituoso. De acordo com a *Teoria da Face* de Erving Goffman (1967) e a *Teoria da Polidez* de Penelope Brown e Stephen Levinson (1978/1987), inseridas no domínio da Cortesia Linguística, a polidez (ou cortesia) constitui um elemento de reparação de *atos ameaçadores de face* (*face threatening acts*), ou seja, de atos de fala que colocam em perigo a *face* dos interlocutores na interlocução. A definição avançada pelo sociólogo Goffman (1967) esclarece:

The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. (p. 5)

In each of these contacts [with other participants of social encounters], [the speaker] tends to act out what is sometimes called a *line* – that is, a pattern of verbal and nonverbal acts by which he expresses his view of the situation and through his evaluation of the participants, especially himself. (p. 5)

Em suma, a *face* corresponde à autoimagem social que cada indivíduo constrói e projeta nas interações conversacionais, cujo foco primário é o de preservar essa *face* (Brown & Levinson, 1978/1987; Goffman, 1967).

Estamos, neste caso, perante um ato de cortesia negativa ou polidez mitigadora, isto é, de atenuação de um *ato ameaçador de face* (Brown & Levinson, 1978/1987; Rodrigues, 2005, p. 657), mais especificamente a frase «Veja lá, o que hei-de eu fazer

com um animal destes?». Esta descortesia – que ocorre no âmbito da venda do *Muli*, o burro de Andreas – é imediatamente mitigada através do emprego da PM *ja*, que forma uma ação reparadora (*redressive action*) do ato ameaçador de *face* cometido (Brown & Levinson, 1978/1987, p. 69; Waltereit, 2006) e procura evitar o conflito entre o locutor, que se debate com a aquisição do animal, e o alocutário (Katharina), com quem o locutor se comprometera a concretizar a transação comercial. A manutenção de *face* efetuou-se, em português, através da atenuação veiculada pela expressão [*Não é que* + conjuntivo], associada a uma certa entoação de enunciação [31b]. Segundo Blanco (2016), esta negação predicativa oracional constitui precisamente um movimento concessivo-opositivo que mitiga a desconformidade dialógica, surgindo normalmente no início de uma intervenção reativa e estabelecendo-se uma reação de acordo inicial para veicular imediatamente um desacordo parcial (ou mesmo total) na oração subsequente («mas») (p. 53). Tal sustenta o estatuto modalizador desta construção como constituinte de *polidez mitigadora*, já que o conteúdo proposicional se mantém – a negação é modalizada pelo modo Conjuntivo, que produz o efeito de hipotético –, mas se negocia a preservação da *face* do locutor (Ribeiro, 2014; Neves, 1999).

[32] (a) Das war **ja auch** eine schöne Bande! Bettler, Diebe und Einbrecher.

(b) **Mas** que belo bando **este também!** Mendigos, ladrões e assaltantes!
(Capítulo VII, negritos nossos)

Nesta ocorrência da PM *ja*, a constatação de uma asserção apresentada como evidente (estabelecimento de consenso) encontra-se aliada à função de continuidade discursiva exercida pela PM *auch*, que se lhe justapõe (Thurmair, 1989). Transmite-se, através desta combinação de PMs, o valor cumulativo das avaliações negativas tecidas pelo Sr. Arnold (em discurso indireto livre) às «tendências corrosivas deste [...] presente maldito» (Roth, no prelo, Capítulo VII), que principiam num momento anterior a esta passagem e se estendem para lá dela. Este enunciado é incorporado, portanto, numa espécie de “inventário da decadência” que o Sr. Arnold vai construindo enquanto caminha pela cidade, circunstância em que, aliás, se chega a repetir o uso desta combinação («Da ist **ja auch** das Versammlungslokal!»).

Para recriar os valores da combinação *ja auch* no enunciado [32], empregámos, por um lado, a conjunção coordenativa adversativa «mas» na sua função modal, que, tendo escopo sobre toda a frase, veicula não uma oposição, mas uma amplificação de «impressões ora agradáveis, ora desagradáveis» (Ali, 1930, p. 54), que, neste caso, serve para a negociação de significado com o interlocutor (Aquino, 2019), que percecione o tom irónico e crítico inculcado ao ato de fala. Por outro lado, de modo a preservar o valor de adição discursiva de *auch* no contexto descrito, considerámos adequada a utilização do advérbio de inclusão «também» posposto ao pronome demonstrativo «este», que, como se nota no *Dicionário da Língua Portuguesa da ACL*, pode indicar, em frases exclamativas, uma atitude de reprovação face ao enunciado. Assim, através da formulação da frase como uma exclamativa-Q parcial elíptica (Mateus et al., 2003, pp. 485-487) precedida da PM portuguesa «mas», consideramos que foi possível preservar os efeitos retóricos do TP, reconhecendo, todavia, que se trata de uma construção marcada de valor enfático, cuja aceitabilidade decorre precisamente do facto de o enunciado se inscrever na esfera expressiva da oralidade.

[33] (a) Und an der Haltestelle sagte er zwischen den Zähnen: »Viel Glück **auch**, Andreas!«

(b) E, na paragem, disse entre dentes:

— **Vá**, tudo de bom, Andreas! (Capítulo VI, negritos nossos)

No caso da passagem [23], a PM **auch** surge no âmbito da concretização de uma expectativa social decorrente do contexto partilhado pelos interlocutores, mais particularmente uma situação de despedida, a que estão associados certos «rituais interpessoais», quer dizer, certas fórmulas cerimoniais de expressão que pressupõem a cooperação linguística (Goffman, 1967, p. 57). Neste sentido, a expressão cristalizada de despedida «*Viel Glück!*» é modalizada pela PM *auch*, veiculando uma certa tonalidade de suavização do enunciado que simboliza a separação dos companheiros de quarto, aquando da mudança de Andreas para a casa da sua futura esposa. A equivalência funcional do TP e do TC foi assegurada através de uma forma de despedida efetivamente cristalizada em português e que denotasse o desejo de “tudo o que há de melhor” («Tudo de bom!»), associada ainda a uma tonalidade de encorajamento materializada

na interjeição «Vá» (ACL, s.d.), que, atuando como marcador discursivo de encerramento, demarca a fronteira temporal que se firma entre a realidade partilhada pelos interlocutores, prestes a findar, e a nova trajetória do protagonista.

[34] (a) Wie sollte sich die Regierung ihrer Feinde annehmen? Ihn, Andreas Pum dagegen, wird sie **schon** versorgen.

(b) Porque haveria o governo de cuidar dos seus inimigos? Já dele, Andreas Pum, cuidará decerto. (Capítulo I, negritos nossos)

Como observa Helbig (1988), a PM **schon** ocorre em frases declarativas com valores futuros e

serve para exprimir a confiança do falante de que a suposição enunciada está correta e de que os factos ocorrerão, expressando assim, para além da constatação, esperança, tranquilidade, consolo, advertência, etc. (p. 201, tradução nossa)

Transmite-se por meio desta PM, na asserção presente em [34], a convicção forte do enunciador na veracidade da proposição, acompanhada, neste caso, de um valor concessivo face à implicatura conversacional decorrente da pergunta retórica imediatamente anterior. Por outras palavras, o efeito retórico da frase em questão concretiza-se, por um lado, pela comunicação da expectativa confiante que o protagonista imprime à asserção – processo mediado pelo DIL, que sinaliza o otimismo ingénuo desta – e, por outro, pela dimensão concessiva argumentativa que lhe está subjacente, manifestando-se o contraste entre *inimigos do governo* e *Andreas Pum*, pelo que se infere que [*Andreas Pum* = *protegido do governo*]. Consideramos, adicionalmente, em conformidade com Helbig e Buscha (1991), que está envolvida uma espécie de limitação neste tipo de sentenças, não se manifestando, neste caso, na esfera da personagem, mas na do narrador, que deixa transparecer através do DIL e do carácter categórico da afirmação o valor de *dúvida*, que serve para sugerir a alteridade entre a perceção de Andreas e aquilo que irá, de facto, suceder (p. 493).

Para a preservação destes valores, foi necessário recorrer à conjugação de duas estratégias: o uso do advérbio «decerto», que, transmitindo a noção de «sem dúvida;

com toda a probabilidade» (ACL, s.d.), conserva a segurança do enunciador na veracidade da suposição, que contrasta com a anterior, e veicula o consolo que este nela encontra; e da opção pela forma verbal «cuidará», do futuro do indicativo, que ao contrário das construções perifrásticas de expressão temporal do futuro, expressa o valor temporal de posterioridade face ao tempo de enunciação, a par da expectativa de «ver concretizados no futuro» os factos; mas também a modalidade epistémica de incerteza de que o narrador tira proveito (Amorim & Sousa, 2012, p. 175; Mateus et al., 2003, p. 158).

Sendo uma das mais utilizadas e, conseqüentemente, estudadas do seu domínio, a partícula **doch** é caracterizada por uma grande variedade de funções ilocutórias e significados, assim como pelo seu carácter deítico (Helbig, 1988; Helbig & Buscha, 1991; Thurmair, 1989). Uma das funções desta partícula corresponde à evocação de conhecimento partilhado pelos interlocutores, sendo que, em contraste com *ja*, é marcada por um tom predominante de oposição (Helbig, 1988). Desta forma, uma das funções desta PM é a de presentificar um assunto que deveria ser conhecimento do interlocutor, quer por ter sido previamente mencionado, quer por ser conhecimento geral e, conseqüentemente, considerado evidente (Thurmair, 1989, p. 111). É precisamente esse último o caso no seguinte excerto:

[35] (a) »Ich sagte Ihnen ja¹⁶: ein Esel«, erwiderte mit resoluter und schriller Stimme, die nichts Gutes verhieß, Frau Katharina.

»Gewiß, gewiß«, sagte der Mann mit niedergeschlagenen Augen, »ein Esel, gewiß. Aber so ein kleines Eselchen!«

»Ein Esel ist **doch** kein Kamel!« schrie Frau Katharina.

(b) — Eu bem lhe disse: um burro — retrucou com voz resoluta e estridente, que nada de bom prometia, a Sr.^a Katharina.

— Certo, certo — disse o homem, com olhos abatidos —, um burro, certo. Mas um burro assim tão pequeno!

— Um burro **também** não é **nenhum** camelo! — gritou a Sr.^a Katharina.

(Capítulo X, negritos nossos)

¹⁶ Note-se aqui, por exemplo, a equivalência funcional estabelecida entre *ja* e *bem* [35b], constante do quadro apresentado de potenciais PMs portuguesas.

Em [35], o locutor da PM *doch* evoca uma verdade irrefutável, da esfera do conhecimento geral, e força o alocutário a reconhecer a erroneidade do seu juízo (individual) e a validade daquilo que lhe está a ser contraposto (saber partilhado), estando subjacente a noção de “Toda a gente sabe que X” (Thurmair, 1989, p. 111). Para a preservação deste valor, subjugado ao efeito de discórdia crítica entre os interlocutores, optámos por utilizar o advérbio «também» que, em aliança com os elementos da prosódia sugeridos pelo ponto de exclamação (nomeadamente a entoação), veicula o valor contrastivo do original, bem como a sua tonalidade escarnecedora, ao indicar enfaticamente um valor análogo a «realmente» (*evidência*) (Houaiss & Villar, 2005, Tomo XVII, p. 7618). Assumimos, não obstante, que este valor modal de «também» permanece insuficientemente descrito na literatura, destacando-se maioritariamente esforços teóricos que, embora válidos, se limitam a um determinado contexto de ocorrência e não permitem a delineação de um perfil das funções desempenhadas por esta unidade linguística (Cf. Welker, 1990). Consideramos que a modalidade foi conservada a partir da agregação do valor deste advérbio com o determinante indefinido «nenhum», que «indica reforço de uma negação em correlação com o advérbio *não*» (ACL, s.d.), sendo essencial para a expressão da tonalidade do enunciado.

[36] (a) Er ärgerte sich mit Recht über die Versammlung. Waren es **doch** Tagediebe, Rebellen, Gottlose, sie wollten die Regierung stürzen, und sie verdienten ihr Schicksal.

(b) Tinha razão em ficar incomodado com a reunião. Eram **pois, convenhamos**, mandriões, rebeldes, pagãos, queriam derrubar o governo e mereciam a sina que tinham. (Capítulo IX, negritos nossos)

Neste contexto, a PM *doch* está igualmente associada à constatação de uma verdade irrefutável com contornos contrastivos, mas, desta vez, o contraste sucede não entre locutores, mas no campo íntimo do locutor, que se debate com a incongruência, decorrente de fatores diacrónicos, dos seus próprios juízos (Helbig, 1988, pp. 112-113; Helbig & Buscha, 1991, p. 492). Opera-se, destarte, a refutação, por parte do protagonista (expressa através de DIL), da sua perceção anterior de que haviam sido inadmissíveis as provocações do Sr. Arnold na viagem de eléctrico – provocações que

viriam a culminar no conflito central e no encarceramento de Andreas; e a retificação da mesma segundo a noção de que aquele tinha, afinal de contas, razão nas suas ofensas. Este reparo imprime-se no discurso graças à PM *doch*, que confere ao enunciado um valor de validade universal, oposta à visão anterior dos acontecimentos, o que estabelece fundamentos para a aceitação da factualidade do conteúdo proposicional (Helbig, 1988, pp. 112-113; Karagjosova, 2004, p. 134; Thurmair, 1989, p. 113)). O ato perlocutório corresponde, naturalmente, à persuasão do leitor, sendo o narratário convidado a adotar uma atitude de cumplicidade para com o protagonista (Amorim & Sousa, 2012).

Propomos que este apelo à anuência se encontra, com efeito, ao serviço de um impressionante efeito estético-cognitivo: esse movimento de ressignificação dos eventos ocorre, num primeiro plano, de forma intradieética e, ao declarar-se esse indiscutível, através da PM *doch*, o plano extradiegético de interpretação deixa-se contaminar. É por meio desse mecanismo literário, tornado possível pelo uso do DIL, que o leitor se apercebe do absurdo subjacente ao raciocínio de Andreas, a saber: a sua adesão devota a uma cosmovisão segundo a qual ele próprio não pertence ao grupo dos seus semelhantes, mas se equipara antes às autoridades, não se vê efetivamente abalada pela vivência de uma situação em tudo contrária à veracidade dessa percepção. Agredido pelas *autoridades* e por membros da sociedade por pertencer aos *inválidos*, Andreas, em vez de se resignar com a falsidade da sua cosmovisão – como, aliás, faz brevemente durante o episódio do conflito¹⁷ –, convence-se novamente da sua excecionalidade, alienando-se dos *inválidos* e dando razão às *autoridades* e aos membros da sociedade. A função discursivo-pragmática desempenhada pela PM é, no nível da macro-análise, a de focalizar o carácter recursivo dos pensamentos do protagonista – que, aliás, nem mesmo depois da sua metamorfose posterior ao encarceramento chegam a culminar em qualquer tipo de *rebelião* efetiva.

¹⁷ «Es war ihm, als machte er jetzt erst die Entdeckung, daß er ein Krüppel und die andern Menschen gesund waren» / «Era como se só agora estivesse a descobrir que era um aleijado e as outras pessoas eram sãs.» (Capítulo VIII)

Orientada pelo conjunto de particularidades analisadas, a eleição da expressão «pois, convenhamos» [36b] como equivalente funcional alicerçou-se no facto de, por um lado, o advérbio «pois» indicar «afirmação, reiteração, concordância, assentimento» (ACL, s.d.) e os valores «por certo que sim», «sem dúvida» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo XIV, p. 6429); e de, por outro lado, a introdução de uma oração parentética constituída pelo verbo «convir» na primeira pessoa do plural do presente do conjuntivo («convenhamos»; valor de imperativo) funcionar como um comentário argumentativo feito pela voz do protagonista (e, em segundo plano, do narrador) e uma interpelação direta ao leitor, realizando-se um ato de fala diretivo com o efeito pretendido de estabelecer cumplicidade e consenso entre as partes (Mateus et al., 2003, p. 80).

Procurou-se demonstrar nesta discussão que a tradução de partículas modais do alemão para o português representa um desafio significativo para o tradutor, que deve analisar – e questionar – meticulosamente as funções e significados das mesmas nos seus contextos altamente variáveis de enunciação, e estabelecer, posteriormente, correspondências caso a caso com estruturas da língua portuguesa. Estas, como se ilustrou, são de diversas naturezas gramaticais, pelo que o estabelecimento de correspondências sistemáticas entre uma PM alemã e uma determinada fórmula linguística da língua portuguesa se revela geralmente impraticável. Estando a tradução destas unidades de carácter pragmático dependente do conhecimento aprofundado do tradutor das particularidades, limitações e nuances da LP e da sua língua materna, esta atividade envolve, portanto, um aumento do esforço cognitivo e temporal do tradutor.

4.5. *Como diz o Outro: a tradução de fraseologias*

As fraseologias, que podem ser sucintamente definidas como as combinações fixas de, pelo menos, dois lexemas que mantêm entre si uma relação sintagmática (Baker, 1992, p. 63; Jakobson, 1987, p. 98; Jorge, 2014, p. 102), encerram dois subtipos fraseológicos: as expressões idiomáticas e os provérbios¹⁸. Estas unidades polilexicais

¹⁸ Não obstante a diversidade (e significativa imprecisão) terminológica associada a este campo de estudo, optou-se, para os efeitos do presente trabalho, pelo emprego dos termos «expressão idiomática»

dispõem de um significado idiomático, compreensível à luz de um determinado contexto, composto de elementos das esferas linguística, situacional, social e histórica (Schemann, 2011, p. 11; Schemann et al., 2012, p. XIX), estando as mesmas intrinsecamente vinculadas a uma determinada cultura – noção que Hernâni Donato (1982) condensa ao proclamar que este tipo de sentenças é um «fruto coletivo» e «doméstico» (p. 8). Assim, a transferência deste tipo de construções para outra língua apresenta-se como uma atividade de particular complexidade.

Mas se é verdade que sem se conhecer a cultura e História portuguesas não é possível compreender a expressão idiomática «Inês é morta!», é certo também que a existência de fraseologias é transversal a todas as línguas, pois decorre do ímpeto criativo do Homem, que procura dar uma forma linguística, mais ou menos cristalizada, à sua experiência e sabedoria (Jorge, 2014, p. 299; Schemann et al., 2012, p. IX). Por conseguinte, o exercício de procura de equivalentes interlinguísticos de unidades fraseológicas (incluindo locuções e expressões idiomáticas, bem como provérbios) mostra-se, em grande parte dos casos, produtivo – podendo o seu resultado, com efeito, ser apresentado de forma sistematizada em dicionários idiomáticos bilingues ou plurilingues. Contudo, o processo de “fraseologização”¹⁹ através do qual um conjunto de palavras passa a deter um novo significado fraseológico envolve a abstração de uma situação concreta, como esclarece Mário Vilela (2002),

por meio da transposição/transferência metafórica, metonímica, entre outras, do significado: a metáfora [...] através de um traço comum (*tertium comparationis*) entre os sememas de dois denotados [...], que é designado tradicionalmente como conceito base e conceito transposto ou como esfera de base e esfera imagética; a metonímia [...] baseada numa relação de contacto ou contiguidade entre sememas de dois denotados ou de duas classes de denotados. (p. 162)

e «provérbio». Para uma reflexão aprofundada sobre a pluralidade de termos utilizados para designar os vários tipos de fraseologias, ver Jorge, 2014.

¹⁹ Para uma descrição mais aprofundada dos mecanismos envolvidos neste processo, consulte-se Schemann, 2011.

A interpretação das fraseologias implica, portanto, a compreensão das metáforas latentes, originadoras da leitura imagética que lhes conferiu o seu significado; e essas são, naturalmente, distintas em cada língua, em cada “modo de dizer” (Jorge, 2014, pp. 299 e 305). Observem-se, por exemplo, as diferentes imagens associadas a um mesmo provérbio em diferentes línguas: em português, *grão a grão, enche a galinha o papo*; em francês, pouco a pouco, faz o pássaro o seu ninho (*petit à petit, l’oiseau fait son nid*); em inglês, pequenos golpes abatem grandes carvalhos (*little strokes fell great oaks*); e em alemão, gado miúdo também faz estrume (*Kleinvieh macht auch Mist*).

Perante a heterogeneidade e complexidade destas unidades polilexicais, signos marcados pela fixidez (ainda que em diferentes graus), idiomaticidade e polissemia, assim como por um perfil prosódico particular e por uma forte capacidade comunicativa (Vilela, 2002, pp. 162-163), a tarefa de transferência interlinguística dos valores e efeitos associados a cada fraseologia poderá ser levada a cabo através de diversas estratégias, dependendo do tipo de fraseologia e do seu uso.

Deste modo, revela-se indispensável estabelecer algumas diferenças entre os dois subtipos fraseológicos em questão. Como disposto na Tabela 3, apesar de ambos os subtipos constituírem combinações polilexicais codificadas que funcionam como itens lexicais simples (lexicalidade), as expressões idiomáticas admitem variações morfológicas e não resultam necessariamente de uma lexicalização total, ao contrário dos provérbios; estes são caracterizados por uma maior transparência semântica, aquelas por uma maior opacidade, o que redundará numa acrescida dificuldade de reconhecimento e processamento das mesmas por parte do falante; e o carácter mais particular das expressões idiomáticas, relativas a um determinado sujeito, contrasta com o cunho universal dos provérbios, veiculadores de moralidades ou aforismos (Coelho, 2021, pp. 43-45; Dias, 2015, p. 52; Jorge, 2014, pp. 310-311).

Tabela 3 - Semelhanças e diferenças entre expressões idiomáticas e provérbios

Semelhanças	
Expressão idiomática/Provérbio	
Lexicalidade	
Restrições distribucionais e sintáticas	
Não composicionalidade/Idiomaticidade	
Anonimato	
Diferenças	
Expressão idiomática	Provérbio
Não possui autonomia sintática (depende de um sujeito) nem textual (é um sintagma)	Possui autonomia sintática e textual (constitui um enunciado autónomo, “completo”)
Admite variações morfológicas	Não admite variações morfológicas
Detentora de maior opacidade semântica	Detentor de maior transparência semântica
A sua lexicalização pode ser total ou parcial	A sua lexicalização é total
Maior dificuldade de reconhecimento e processamento por parte do falante	Maior facilidade de reconhecimento e processamento por parte do falante
Construção de carácter mais particular	Construção de carácter mais universal, com valor de verdade geral

É precisamente nestes traços inerentes a cada um dos tipos de fraseologias que residem os motivos de divergência das estratégias de tradução mais adequadas para cada um dos subtipos fraseológicos. Afinal, ainda que as fraseologias possuam significados que, geralmente, não podem ser deduzidos através da soma do significado individual dos elementos que as constituem (Baker, 1992, p. 63; Jakobson, 1987, p. 98; Vilela, 2002, p. 162), a opacidade semântica é consideravelmente maior no que diz respeito às expressões idiomáticas. Tal obstaculiza a sua tradução literal ou palavra por palavra, o que não sucede necessariamente no caso dos provérbios. Como adianta Guilhermina Jorge (2014), «o provérbio pode ser visto como fraseologia universal» (p. 312) e, não raras vezes, é justamente através da tradução literal que um determinado provérbio adentra uma certa língua. Ademais, os valores universais próprios deste tipo de sentenças implicam a possibilidade da existência de um mesmo provérbio (ou seja,

de provérbios com valores equivalentes) em diversas línguas, o que pode facilitar a tarefa tradutória (Jorge, 2014, p. 313).

As estratégias de tradução de fraseologias encontram-se classificadas de acordo com as categorias compendiadas por Guilhermina Jorge (2014), baseando-se nos principais trabalhos desenvolvidos no campo de estudo. Para os efeitos do presente trabalho, é relevante clarificar as seguintes estratégias de tradução de fraseologias, cujos exemplos práticos constam das secções posteriores do presente subcapítulo:

- a. **Tradução por equivalência:** consiste na tradução da fraseologia através de uma expressão, de natureza idiomática, que seja equivalente do ponto de vista semântico; divide-se em **equivalência total** (equivalência semântica e lexical) e **parcial** (equivalência semântica, mas alteridade lexical);
- b. **Literalidade** ou **tradução palavra a palavra:** estratégia que envolve a tradução literal dos itens lexicais presentes na fraseologia original, implicando a perda do cariz idiomático;
- c. **Tradução semântica:** consiste na priorização do valor semântico, acarretando, tal como a literalidade, a anulação da idiomaticidade associada à expressão, não sendo restringida, ao contrário dessa, pelos itens lexicais da fraseologia do TP;
- d. **Invenção-reconstrução:** estratégia de natureza criativa que consiste na composição de novas unidades fraseológicas, os ditos «falsos provérbios»;
- e. **Omissão:** consiste na supressão da fraseologia, como resultado da falta de equivalência e da impossibilidade de utilização de outras estratégias de tradução.

Apesar de ser, com efeito, uma estratégia válida em determinadas circunstâncias nos mais diversos domínios da tradução, a omissão considera-se ainda mais fortemente prejudicial no seio da tradução de fraseologias. Tal prende-se com o facto de as mesmas lexicalizarem «as emoções, as atitudes, as interpretações subjectivas, os comportamentos» e oferecerem uma maior expressividade do que outras construções tecnicamente equivalentes (Vilela, 2002, p. 161). O emprego, no texto literário, de

fraseologias, predominantes no domínio da oralidade, constitui um marcador estilístico e assume uma série de funções, dentre as quais se destacam a edificação da identidade discursiva das personagens, dos seus idioletos, e a sua integração num certo estrato social, com a consequente impressão de autenticidade dos diálogos ou pensamentos; a reprodução da cor local de uma determinada comunidade e a expressão da consciência nacional; a veiculação de certas conotações (Kozlova & Tsareva, 2020) e, como no caso de *Die Rebellion*, até mesmo evocação de *leitmotives*. Por estarem ao serviço do enriquecimento semiótico do organismo literário, as unidades fraseológicas não devem, portanto, ser suprimidas, visto que tal pode resultar na deturpação do discurso das personagens, da configuração das relações entre as mesmas e do ponto de vista do narrador sobre os acontecimentos, comprometendo a identidade estética do autor e da obra (Turchaninova, 2017, como citado em Kozlova & Tsareva, 2020).

Em *Die Rebellion*, figuram diversas fraseologias, dentre as quais se selecionaram quatro provérbios (*Sprichwörter*) e oito expressões idiomáticas (*Redewendungen*) (Anexo 5), ilustrativos das estratégias adotadas, para discussão no presente relatório. Em termos metodológicos, o exercício tradutório segmentou-se em três partes: procedeu-se, primeiramente, à identificação das unidades fraseológicas no TP, acompanhada do trabalho analítico das mesmas, alicerçado quer em dicionários generalistas (ver 1.3.), quer em dicionários idiomáticos monolíngues (como Schemann, 2011), bem como em outros materiais científicos relevantes (como corpora linguísticos); em segundo lugar, levantaram-se potenciais equivalentes semânticos no corpo fraseológico português, processo que seu deu ora por inferência analógica da nossa parte, ora por recurso a dicionários idiomáticos bilingues (Schemann et al., 2012; Schemann & Dias, 2012; Silva & Quintão, 1990); e, num terceiro momento, estudou-se o inventário de propostas produzido com o apoio de dicionários generalistas e idiomáticos (Costa, 1999; Machado, 2011; Magalhães Júnior, 1982; Neves, 2000; entre outros) da língua portuguesa, tendo as mesmas passado, desse modo, por uma filtragem regida por um conjunto de critérios (de natureza lexical, semântica, imagética, prosódica, estilística e cultural) que nos permitiram aferir o grau de equivalência das expressões em causa no contexto do seu uso na obra a traduzir.

4.5.1. Provérbios

[37] (a) Dafür belohnte ihn das Schicksal mit einem musterhaften Weibe. **Jeder ist seines Glückes Schmied**. Er verdiente das Gute.

(b) Por isso o recompensava o destino com uma mulher exemplar. **Cada qual é artífice da sua sorte**. Ele merecia o bem. (Capítulo VI, negritos nossos)

O provérbio alemão «**Jeder ist seines Glückes Schmied**» ([37a]), presente no capítulo VI da obra, terá derivado do provérbio latino «fabrum esse quemque fortunae», atribuído ao cônsul romano de 307 a.C., Ápio Cláudio (Magalhães Júnior, 1982, p. 55; Tsvetaeva, 2012, p. 401). Existente em inúmeras línguas, esta fraseologia, que veicula a ideia de se controlar o próprio destino, fá-lo, na língua alemã, através da imagem do ferreiro ou forjador («Schmied»), que forja, como o metal, o seu fado ou sorte (Tsvetaeva, 2012, p. 402). Mas ainda que, no seu uso moderno, a palavra alemã «Schmied» denote, de facto, o artesão que trabalha o metal, em especial o ferro (DWDS, s.d.), a verdade é que o panorama etimológico do lexema torna evidente que o mesmo sofreu uma redução semântica. De facto, e como assegura Elena Tsvetaeva (2012), a palavra designava, em sentido primitivo, o “criador” (*Bildner*) de alguma coisa, podendo designar, portanto, desde ferreiros e carpinteiros a armeiros e oleiros (pp. 403-404). Aliás, esta aceção vai ao encontro do significado do lexema latino *faber*²⁰, detentor de uma semelhante extensão semântica (Faria, 1962, p. 384). E é precisamente no seu sentido originário que a palavra «Schmied» é utilizada no provérbio em questão (Tsvetaeva, 2012, p. 408).

Por estes motivos, após a avaliação de provérbios potencialmente equivalentes na língua portuguesa – entre os quais figuravam, por exemplo, «Cada um colhe aquilo que semeia», «Cada um tem aquilo que merece» e «Cada um é filho de suas obras» –, optou-se pelo provérbio «**Cada qual é artífice da sua sorte**»²¹ ([37b]), que corresponde a uma tradução por equivalência total. Para além do valor semântico, este provérbio conserva também os efeitos causados pelo perfil imagético da expressão em causa, bem

²⁰ Presente no provérbio latino na sua forma de acusativo singular («fabrum»).

²¹ Registado, entre outros, em Costa, 1999, p. 445.

como a sua valoração metafórica, visto que o lexema «artífice» denota, assim como «Schmied», «pessoa que exerce um ofício ou arte manual ou mecânica» e «aquele que é [...] inventor [...] de alguma coisa» (ACL, s.d.). Similarmente, a unidade lexical «sorte» abrange os sentidos comunicados pelo lexema *Glück*: este pode significar, como refere Tsvetaeva (2012), «Schicksal, Geschick, Ausgang eines Geschehens oder einer Angelegenheit» (p. 403) ou, de modo mais restrito, «günstiger Verlauf oder Ausgang eines Geschehens»; tal como «sorte» pode constituir quer um sinónimo de «destino» ou «fado», referir o desfecho (positivo ou negativo) de um acontecimento ou, ainda, um «acaso feliz, contingência favorável» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo XVII, p. 7469). Consideramos, ademais, que a preservação do valor do lexema «Schmied» não inviabiliza, ao contrário das alternativas, as possíveis leituras decorrentes do uso, por parte do autor, de um provérbio em que figura um artesão com o mesmo ofício que Bossi, o ferreiro, na medida em que é possível reconhecer uma evocação subtil dos pontos de convergência e divergência entre Bossi e Andreas: quer um, quer o outro foram agraciados por uma licença para tocar realejo (fator determinante do destino de Andreas), mas apenas Bossi era efetivamente «trememente».

[38] (a) Ich gehöre dem Wohltätigkeitskomitee vom Silbernen Kreuz an. Der Herr Reschofsky ebenfalls. Alle Herren aus meiner Gesellschaft. Jeder tut, was er kann. Sie sind unzufrieden. **Undank ist der Welten Lohn.**

(b) Eu pertenço ao Comité da Caridade da Cruz de Prata. O Sr. Reschofsky também. Todos os senhores da minha sociedade. Cada um faz o que pode. E eles estão insatisfeitos. **Há mais ingratos que sapatos.**

(Capítulo VIII, negritos nossos)

O segundo provérbio que seleccionámos foi «**Undank ist der Welten Lohn**» ([38a]), que se insere no capítulo VIII, numa passagem referente aos pensamentos do Sr. Arnold quanto aos «inválidos». Significando literalmente «A ingratidão é o pagamento do mundo», esta fraseologia, inserida na linguagem literária, é marcada, a nível estilístico, pelo seu carácter enfático, concretizado através do seu valor patético (Schemann et al., 2012, p. 1050). Atentando a esse facto, bem como à especificidade do perfil prosódico deste tipo de sentenças, marcado, entre outros, pelo ritmo, cadência acentual e rima

(Serenó, 2003, p. 309), optámos pelo provérbio «**Há mais ingratos que sapatos**»²² ([38b]), que constitui uma tradução por equivalência parcial. Por poder ser considerada mais aproximada do original, avaliou-se, primeiramente, a alternativa «A ingratidão é moeda corrente» e a sua variação «A ingratidão é moeda corrente para muita gente», mas, confrontados com o menor uso (e, conseqüentemente, maior dificuldade de reconhecimento por parte do leitor) da primeira, bem como com a inerente alteridade rítmica, e com a imprecisão da segunda – afinal, «muita gente» confere ao provérbio português um valor mais atenuado do que aquele veiculado pelo original –, constatou-se que a sua adequação era apenas aparente. De outro modo, o provérbio eleito, ainda que não preserve o nível de língua do original (por se inserir na linguagem informal) e que não replique as imagens que lhe estão associadas (do domínio das transações económicas), conserva, sem embargo, o seu valor expressivo e enfático, através da hipérbole que encerra; aproxima-se do perfil prosódico do original, contando adicionalmente com rima; e é facilmente reconhecido pelo leitor, aspetos estes a que decidimos dar primazia, por considerarmos que o provérbio em questão é a solução que satisfaz o maior número de critérios de aferição de equivalência.

[39] (a) Auch Klara hörte mit großer Verwunderung Andreas Pums Geschichte. »So hast du Weib und Kind und alles auf einmal verloren!« sagte sie. Denn sie hatte ein weiches Herz²³. »**Wie gewonnen, so zerronnen**«, sagte Willi. Dann sang er die erste Strophe eines Gassenhauers.

(b) Também Klara escutou, com grande espanto, a história de Andreas Pum.

— Então perdeste mulher e filha e tudo, de uma assentada! — disse ela, pois tinha um coração de ouro.

— **Água o deu, água o levou** — disse Willi. Depois, cantou a primeira estrofe de uma cantiga popular. (Capítulo XIII, negritos nossos)

Já no capítulo XIII, figura o provérbio «**Wie gewonnen, so zerronnen**» ([39a]), que revela que tudo aquilo que é adquirido com rapidez ou facilidade se pode perder da mesma forma, sendo o seu uso, neste caso, referente às conquistas pessoais e afetivas

²² Registado em Machado, 2011, p. 263; Ribeiro, 2007, p. 119; e Costa, 1999, p. 271, a título de exemplo.

²³ Quer «auf einmal», quer «ein weiches Herz haben» são expressões idiomáticas, o que se reflete naturalmente na sua tradução; estas não são, contudo, objeto de estudo neste relatório.

de Andreas (incluindo desde a licença para tocar realejo até à sua vida familiar). Perante a impossibilidade de tradução por equivalência total que se constatou, ponderou-se, num primeiro momento, a tradução através dos equivalentes parciais «Bens de sacristão, cantando vêm, cantando vão» e «O Diabo o dá, o Diabo o leva»²⁴, não se tendo selecionado nenhum dos mesmos, todavia, para evitar a inserção de conotações religiosas numa passagem que não as contém originalmente. Foi tido como equivalente mais apropriado o provérbio «**Água o deu, água o levou**»²⁵ ([39b]), pelos motivos que de seguida se especificam. Primeiramente, esta fraseologia constitui um equivalente semântico em relação à fraseologia empregada no texto de partida, mantendo o tom moralizante da mesma. Em segundo lugar, no que diz respeito à prosódia, reproduz a estrutura rítmica binária presente no provérbio alemão, acatando ainda a sua brevidade e carácter sintético. Em terceiro lugar, a perda da rima de «gewonnen» com «zerronnen» é compensada pela estrutura paralelística da fraseologia portuguesa, concretizada através da repetição em bloco do sujeito e objeto direto («água o»). Em quarto lugar, tal estrutura paralelística recupera a estrutura comparativa veiculada por «wie..., so...»; bem como viabiliza a preservação da estrutura antitética patente em «gewonnen»/«zerronnen», espelhada pelo binómio «deu»/«levou». Considera-se até que decorreu uma ampliação imagética, uma vez que o provérbio alemão transmite uma noção abstrata e não concretizada através da metáfora, enquanto a fraseologia portuguesa encerra valoração metafórica associada ao motivo da água. Por fim, a solução tradutória selecionada beneficia de corroboração lexicográfica por parte do *Dicionário Idiomático Alemão-Português* (Schemann et al., 2012, p. 322).

- [40] (a) Er blieb den ganzen Tag zu Hause und ließ Andreas nicht vor dem Anbruch der Nacht ins Zimmer. Das begründete er immer mit dem Wort: »**Ordnung muß sein!**«
- (b) Ficava o dia todo em casa e não deixava Andreas entrar no quarto antes do anoitecer. O que justificava dizendo: «**Tem de reinar a Ordem!**».
- (Capítulo III, negritos nossos)

²⁴ Estes provérbios são, inclusive, apresentados como equivalentes portugueses de «Wie gewonnen, so zerronnen» no *Dicionário de Provérbios: alemão, francês, inglês, português*, da autoria de Helena Duarte Silva e José Luís Quintão (1990, pp. 128 e 555, respetivamente).

²⁵ O uso deste provérbio é atestado pelas seguintes obras de referência: Machado, 2011, p. 27; Ribeiro, 2007, p. 287; e Costa, 1999, p. 68.

[41] (a) Er hätte gerne mit Andreas gestritten. Deshalb sagte er: »Wenn du morgen wieder so spät kommst, zerschmettere ich deinen Kasten. Du mußt pünktlich kommen! **Ordnung muß sein!**«

(b) Queria discutir com Andreas. Então, disse:

— Se amanhã voltas a chegar assim tão tarde, estilhaço-te o realejo. Tens de chegar a horas! **Tem de reinar a Ordem!** (Capítulo IV, negritos nossos)

O último provérbio contemplado na presente discussão é «**Ordnung muß sein!**» ([40a] e [41a]), com seis ocorrências distribuídas pelos capítulos III, IV, XV e XVII. Nesta fraseologia recorrente, prescreve-se a imperatividade da *Ordnung* (aqui, com valor aproximado de «ordem» ou «disciplina»), conceito nuclear da cultura alemã (estendendo-se, evidentemente, ao espaço austríaco) (Cramer, 2015, p. 270). A *Ordnung* constitui, com efeito, um modo de vida, uma virtude basilar, de tal modo que pode mesmo ser considerada um símbolo étnico (Yashchyk et al., 2021). Estreitamente relacionada com o lexema *Pflicht* («dever», «obrigação») e vista como provedora de *Sicherheit* («segurança», «certeza»), a *Ordnung* da língua alemã, presente em diversos provérbios, expressões idiomáticas e outras construções fraseológicas, está normalmente associada a conotações positivas, figurando como algo que deve ser criado, mantido ou atingido (Cramer, 2015). Essa forma pautada de vida é perfeitamente ilustrada por *Die Rebellion*, retratada quer através de personagens como Andreas e Willi, quer através dos próprios temas da narrativa. Nesse sentido, a *Ordnung* constitui um *leitmotiv* da obra em questão: acompanha-se o veterano amputado em busca de reinserção na ordem social, um homem que demonstra uma confiança inabalável nas instituições, que desdenha dos camaradas que não veneram o governo (ícone superior da *Ordnung*), o músico que organiza rigorosamente o seu meio envolvente numa «topografia imaginada» (i.) (Pass, 2011, pp. 41-46) e que, cativo, interroga os pássaros acerca da *Ordnung* (ii.) – o valor, afinal, contra o qual se opera a Rebelião.

(i.) Er hatte auch die Stadt nach Bezirken geordnet und eingeteilt, ganz willkürlich, nach seinen privaten Zwecken, und jedem Tag einen eigenen Bezirk zugedacht. (Cap. III)

(ii.) Seht! ich möchte euch von meinem Brot geben, aber die Ordnung verbietet es. So nennen die Menschen den Kerker. Wißt ihr, was Ordnung ist, kleine Vögel? (Cap. XVI)

Pelos motivos apresentados, o abandono total do lexema *Ordnung* na tradução representa uma carência demasiado significativa. Tal acabou por significar a inviabilidade da tradução pelo provérbio «Cada coisa em seu lugar», apesar da sua relativa proximidade semântica em relação à fraseologia original. Também se descartou «A ordem é pão, a desordem é fome» por se crer que nem o seu carácter demasiadamente explicativo, nem as imagens do domínio alimentício são compatíveis com o perfil estilístico e com os diversos contextos de ocorrência do provérbio. Não foi possível, portanto, encontrar um provérbio português que satisfizesse os critérios necessários para constituir uma tradução por equivalência apropriada. Em seguida, levaram-se em consideração quer a tradução literal quer a tradução por invenção-reconstrução. A primeira estratégia seria concretizada pela construção «Tem de haver ordem!», que considerámos inapta à transferência plena do sentido de *Ordnung*, pois este vê-se reduzido, para o leitor da edição portuguesa, à noção prática ou situacional de «organização» ou «disciplina», não transportando a dimensão cultural e axiológica subjacente. Por conseguinte, a estratégia adotada foi a invenção-reconstrução: com vista à edificação, em português, de um provérbio com um valor o mais próximo possível de «Ordnung muß sein», procedeu-se à análise das características do mesmo e ao estudo de modos viáveis para a sua reprodução no TC²⁶. O fruto desse processo foi o provérbio «**Tem de reinar a Ordem!**» ([40b] e [41b]), cujo fabrico se alicerçou nos seguintes aspetos:

1. a locução verbal inicial «tem de» preserva plenamente o valor imperativo de «muss», veiculando uma tonalidade equitativamente categórica;
2. a substituição do verbo «haver» (tradução de «sein») pelo verbo «reinar» permite a presentificação de noções como «domínio», «autoridade» e «hierarquia», ampliando o universo simbólico do *poder*, central à obra;

²⁶ A construção que serviu de ponto de partida para o processo em causa foi oriunda do *Dicionário Idiomático Alemão-Português* (Schemann et al., 2012, p. 715).

3. paralelamente, a associação do verbo «reinar» ao sujeito «a Ordem» arquitecta uma personificação, retratando-se a *Ordnung* como a entidade máxima a quem deve ser reservado o poder de governo da vida das personagens;
4. a grafia de «Ordem» contempla o uso estilístico de maiúscula reservado a substantivos designativos de noções com um estatuto conceptual superior²⁷, associado, neste caso, à referência a um conceito de natureza ideológica;
5. não obstante a maior extensão da proposta em relação ao provérbio alemão, esta usufrui de uma leitura imagética oriunda de valoração metafórica, bem como de uma cadência acentual relativamente congruente com o perfil prosódico próprio de sentenças aforísticas ou gnómicas; e a sua recorrência ao longo da narrativa contribui para que se dê uma espécie de “lexicalização intratextual”, isto é, para que o falso provérbio adquira o estatuto de unidade fraseológica cristalizada no interior do universo ficcional.

Posto isto, encaramos o provérbio criado como bem-sucedido na tarefa de transferir para a realidade portuguesa a essência axiológica da *Ordnung* alemã – cuja perceção pelo leitor português é facilitada, aliás, pelo facto de constituir um estereótipo acerca da identidade cultural alemã –, sem descurar o carácter sentencioso da construção.

²⁷ Uso consagrado quer pelo *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa* (1947) que antevê a utilização de maiúscula «nas palavras de sentido espiritual ou moral às quais se queira [...] dar realce» (p. 334); quer pelo *Acordo Ortográfico de 1945*, que confirma o «emprego da maiúscula inicial em palavras que designam altos conceitos políticos, nacionais ou religiosos, quando elas se usam sinteticamente» (Portal da Língua Portuguesa (s.d.), ponto 42 da secção *Conclusões complementares do Acordo de 1931 – Segunda Parte*).

4.5.2. Expressões Idiomáticas

Dentre as oito expressões idiomáticas selecionadas para discussão no presente relatório, três admitem tradução por via de equivalência total. São essas «**sich sein eigenes Grab schlaufen**», correspondente a «**cavar a sua própria sepultura**»; «**ein armer Teufel sein**», equivalente a «**ser um pobre diabo**»; e «**die Spreu vom Weizen sondern**», ou «**separar o trigo do joio**» (Anexo 5, ex. F. (ou [42], abaixo), G. e K., respetivamente)²⁸. No caso destas fraseologias, não só se verifica a preservação do valor semântico, como também a correspondência total das unidades lexicais empregadas, constatando-se, conseqüentemente, a conservação das imagens vinculadas à valoração metafórica, bem como a equivalência dos níveis de língua.

[42] (a) Wenn sie weiter in ihrem Trotz verharrten, dann hatten sie wohl recht, um ihre Zukunft bang zu sein. **Sie schaufelten sich ja selbst ihre Gräber!** Wie sollte sich die Regierung ihrer Feinde annehmen?

(b) Se continuassem a insistir na sua obstinação, então tinham mesmo razão para recear pelo seu futuro. **Eram eles próprios que estavam a cavar as suas sepulturas!** Porque haveria o governo de cuidar dos seus inimigos? (Capítulo I, negritos nossos)

Destaca-se, todavia, o facto de a utilização da expressão idiomática «sich sein eigenes Grab schlaufen» em [42a] não refletir inteiramente a estrutura cristalizada da mesma. A ocorrência na obra possui a forma «**Sie schaufelten sich ja selbst ihre Gräber!**», surgindo incorporada a expressão «ja selbst», em que se associa a partícula modal *ja* ao pronome demonstrativo *selbst*; e omitido o adjetivo «eigen(es)». O autor produz, assim, uma deslexicalização, isto é, uma «violação consciente da unidade fraseológica (valor criativo) pela introdução de comutações livres» (Jorge, 2014, p. 114). Este fenómeno transmuta a idiomaticidade em não idiomaticidade, produzindo-se, através do efeito ecoico da “expressão-raiz”, o alargamento do sentido fixo atribuído a determinada fraseologia, motivado pelo intuito de provocar uma leitura composicional da expressão gerada (Vilela, 2002, p. 168). Na formulação em causa, a supressão de

²⁸ A correspondência entre estas fraseologias é atestada pelo *Dicionário Idiomático Alemão-Português* (Schemann et al., 2012, pp. 734, 231 e 796, respetivamente), bem como pela investigação desenvolvida ao nível de cada língua, apoiada nos materiais de referência mencionados anteriormente.

«eigen(es)» («própria») não elimina por completo o significado veiculado pelo adjetivo (que modifica «Grab»/«sepultura», na formulação lexicalizada), uma vez que esse valor é transferido para o pronome demonstrativo «selbst» («próprios»; que passa a modificar o pronome «Sie»/«Eles»). Com efeito, «selbst» remete enfaticamente para o sujeito, sendo o seu valor na fraseologia desconstruída parafraseável pela expressão «ohne fremde Hilfe» («sem ajuda alheia») (DWDS, s. d.). Esta transmutação é, desse modo, responsável pela alteração do foco, que se move do objeto da ação (“cavar a sua própria sepultura”) para o agente (“cavarem, eles próprios, a sua sepultura”), colocando-se em evidência não só a participação ativa dos camaradas de Andreas na sua própria desgraça, mas também a sua responsabilidade exclusivamente pessoal na mesma, não atribuível, de modo algum, ao governo.

Conscientes de que a tradução de uma fraseologia deslexicalizada implica a utilização de mecanismos análogos àqueles presentes no TP de tal modo que seja evidente para o leitor do TC a subversão de uma “fraseologia-raiz” (Reiß & Vermeer, 1984, pp. 165-166), recriámos esta particularidade estilística na língua portuguesa por meio da expressão **«Eram eles próprios que estavam a cavar as suas sepulturas!»**. Para refletir o foco no agente, espelhámos a transferência do valor de «próprio/a» para o campo do sujeito, passando este adjetivo a modificar o pronome «eles», em lugar de «sepulturas». A esse fator agregámos ainda a utilização da construção «[forma conjugada do verbo ser] [sujeito] *que* [predicado]», concretizada em «Eram eles próprios que», visto que a mesma oferece um valor de realce àquilo que encerra (Cunha & Cintra, 2016, p. 522), e que se pretendia, precisamente, salientar o sujeito frásico, no sentido de neutralizar qualquer leitura de “atuação repartida” na ação descrita – ou, por outras palavras, assegurar a leitura como “eles, e mais ninguém”. Esta construção propicia, ademais, a preservação, na medida do possível, do valor retórico da partícula modal *ja*, com a sua função modeladora do discurso: dá-se a constatação de um facto conhecido, procurando-se estabelecer uma certa concordância entre os interlocutores (aqui, entre o narrador e o narratário) acerca da veracidade indubitável daquilo que é afirmado (Helbig & Buscha, 1991, p. 493).

Quanto às restantes expressões idiomáticas selecionadas, a estratégia adotada foi a de tradução por equivalência parcial, sendo que, numa das ocorrências abordadas, o seu emprego, ainda que viável, foi recusado, por motivações de cariz estilístico, como exposto posteriormente.

[43] (a) Die Prothesen sind eine großartige Erfindung der hohen Herren, der Regierung, die **es sich** wirklich **etwas kosten läßt**. Das muß man sagen.

(b) As próteses são uma esplêndida invenção dos grandes senhores, do governo, que **está disposto a abrir os cordões à bolsa**. Isso é preciso dizê-lo.

(Capítulo I, negritos nossos)

No parágrafo final do capítulo I, é empregada a expressão «**sich (eine Sache) etwas kosten lassen**» ([43]), incorporada num contexto de veneração, por parte de Andreas, do governo, e que denota a disposição deste em incorrer em investimentos generosos, referindo-se, neste caso, ao apoio governamental ao desenvolvimento e concessão de próteses. Decidimos associar, em português, a construção «**estar disposto a + [infinitivo]**» à expressão idiomática «**abrir os cordões à bolsa**», ampliando assim o seu significado – «fazer grandes despesas» (ACL, s.d.) – de modo a abranger também a dimensão voluntária, magnânima e louvável atribuída à ação praticada. Através desta solução tradutória, foi possível, de igual modo, preservar o nível de língua utilizado (*Umgangssprache*/linguagem corrente ou coloquial) (Schemann et al., 2012, p. 525); e complementar o seu valor abstrato com a natureza imagética da expressão portuguesa, que atua através da valoração metafórica.

[44] (a) Dafür belohnte ihn das Schicksal mit einem musterhaften Weibe. Jeder ist seines Glückes Schmied. Er verdiente das Gute. **Nichts fällt einem so in den Schoß**. Rebellen denken so. Sie täuschen sich. **Sie fallen immer herein**.

(b) Por isso o recompensava o destino com uma mulher exemplar. Cada qual é artífice da sua sorte. Ele merecia o bem. **Nada cai assim do céu aos trambolhões**. Os pagãos pensam que sim. Enganam-se. **Deixam-se sempre enganar**.

(Capítulo VI, negritos nossos)

Para a tradução da expressão idiomática «**jemandem in den Schoß nicht fallen**» ([44]), utilizada no capítulo VI, com o sentido de «obter sem esforço» ou «suceder por acaso», selecionou-se a expressão idiomática portuguesa «**não cair do céu aos**

trambolhões»²⁹, que preserva tanto o valor semântico quanto o nível de língua original, não sendo capaz, contudo, de conservar a imagem associada à fraseologia: foi necessário ceder à transformação de «cair no colo a alguém» em «cair do céu aos trambolhões», cenário que se nos afigurou mais rentável do que o de tradução palavra a palavra com nota de rodapé, visto que, por um lado, não considerámos o item lexical «Schoß» indispensável à criação do efeito pretendido; e, por outro, tal significaria, como apontado, a perturbação da imersão do leitor e a eliminação da idiomaticidade.

- [45] (a) Er will erpressen, er will erpressen, ich **bin hereingefallen**, ich **bin schön hereingefallen**, dachte Herr Arnold.
(b) «Quer extorquir-me, quer extorquir-me, **caí no anzol**, **caí redondo no anzol**», pensou o Sr. Arnold. (Capítulo VII, negritos e sublinhados nossos)

A expressão idiomática «**(auf etwas) hereingefallen**» ([44] e [45]) conta com duas ocorrências, registadas nos capítulos VI e VII. O significado desta fraseologia centra-se no verbo separável «hereingefallen», em que o prefixo «herein» («para dentro») surge anexado ao verbo «fallen» («cair»), transmitindo-se figuradamente através da construção «cair em alguma coisa» a noção «deixar-se ser enganado» (DWDS, s.d.). Para a veiculação deste significado preservando o cariz idiomático e imagético da expressão, limitámos a lista de expressões semanticamente equivalentes àquelas que mantinham o verbo «cair». Começando pelo concernente à ocorrência da expressão no capítulo VII, a escolha foi altamente restringida pelo cotexto (ver [45]), em virtude da inserção da fraseologia numa estrutura permeada de recursos estilísticos. À epizeuxe (ou reduplicação) dupla das orações «Er will erpressen» e «ich bin hereingefallen» alia-se a gradação, emergente da inserção da partícula modal *schön* na repetição da segunda oração; bem como o assíndeto, ou, por outras palavras, a omissão das conjunções coordenativas entre as orações³⁰. A partícula modal *schön*, enquanto partícula de intensificação (*Steigerungspartikel*), é responsável pelo reforço da intensidade do verbo em questão (Helbig & Buscha, 1991, pp. 200-201). Deste modo, a unidade frásica transmite uma espécie de “crescendo emocional”, que presentifica um estado de

²⁹ Ver Schemann et al., 2012, p. 860; Schemann & Dias, 2012, p. 147.

³⁰ Para uma descrição detalhada destes recursos estilísticos, ver Amorim & Sousa, 2012, pp. 316-327.

incredulidade: a epizeuxe espelha a reiteração cognitiva das percepções por parte da personagem, numa aparente tentativa de assimilação das mesmas, que se dá em ritmo apressado, sem espaço para pausas (daí o uso do assíndeto), e a dissonância gradativa entre a primeira e a segunda formulações da frase «ich bin hereingefallen» comunica a (percepção da) gravidade da situação.

Face à dificuldade de tradução da partícula modal presente, determinou-se que a gradação seria alcançada através da combinação da expressão idiomática «**cair no anzol**» com a construção «**cair redondo**». Desta forma, o sentido da primeira ocorrência da fraseologia «caí no anzol» sofre igualmente uma gradação aquando da sua repetição, na medida em que o significado «deixar-se enganar; deixar-se apanhar» se vê ampliado pela incorporação do sentido «deixar-se cair sem amparo» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo IV, p. 1615; Neves, 2000, p. 90), que é tomado em aceção figurada no seio da expressão idiomática. A alternativa «cair redondamente» foi descartada por representar, devido à sua maior extensão, um elevado nível de alteridade rítmica face à formulação alemã. Com a solução descrita, mostrou-se possível a manutenção do cariz idiomático, o estabelecimento de equivalência semântica, a preservação de todos os recursos estilísticos e, na medida do possível, do perfil prosódico da frase, em conjunto com os efeitos expressivos mencionados.

O único caso aqui contemplado de tradução semântica diz respeito à tradução desta mesma fraseologia no capítulo VI. Motivada também pelo cotexto, esta escolha baseou-se no facto de, na construção «**Sie fallen immer herein**» ([44]), não se verificar a presença de um argumento interno do verbo (que é, afinal, facultativo em alemão), o que não pode suceder com os equivalentes existentes para esta expressão idiomática em português (tais como «cair nessa», «cair no engodo», «cair na esparrela», «cair no anzol»). Assim, a tradução através de qualquer uma das opções significaria a introdução de um complemento inexistente no TP, o que se afigurava particularmente indesejável por se tratar de uma frase conclusiva de parágrafo e marcada pela sua brevidade e ausência de especificidade referencial, aspeto inevitavelmente neutralizado pelo carácter referencial dos complementos oblíquos selecionados pelo verbo «cair» na construção «cair em». Adotou-se, portanto, a estratégia de tradução semântica, tendo

a mesma sido aliada à da compensação, materializada na ampliação da riqueza estilística das duas últimas frases do parágrafo: a anáfora («Sie») é transmutada no reaproveitamento do conceito «enganar», presente na penúltima frase, para a formulação da frase seguinte, cuja ênfase recai, pelos mecanismos estilísticos descritos anteriormente, nos elementos introduzidos. O conjunto frásico apresentado em [44] é, então, modulado pela carga enfática da transformação do verbo «enganar-se» na construção «deixar-se enganar», o que realça a responsabilidade nos agentes na ação descrita.

[46] (a) Dazwischen schrie sie: »Ännchen, stell die Vase auf!« und: »tummel dich!« und: »**schöne Bescherung!**« und: »so ein Krüppel.«

(b) Enquanto isso, gritava: «Ännchen, põe a jarra em pé!» e «Despacha-te!» e «**Que lindo serviço!**» e «Um aleijado destes!». (Capítulo VIII, negritos e sublinhados nossos)

O recurso a «**schöne Bescherung!**» ([46]), expressão idiomática de cariz interjeccional, dá-se no âmbito da reação negativa da Sr.^a Blumich ao comportamento do seu marido no conflito que veio a resultar no seu encarceramento. Nesta fraseologia, o adjetivo «schön» («bonito», «lindo») modifica o lexema «Bescherung», unidade lexical que não encontra equivalência em nenhum lexema português. Esta palavra denota a distribuição de presentes no Natal (ou, menos usualmente, noutras festividades), podendo referir-se, por extensão, aos próprios presentes trocados nesse momento (DWDS, s. d.). No domínio da linguagem corrente, o lexema passou a abarcar um novo sentido, resultante do uso irónico do conceito para denotar uma ocorrência desagradável, equiparada, por assim dizer, a um «presente indesejado», que se recebe com surpresa e incredulidade. Debateremo-nos com o emprego da expressão idiomática «ser uma rica prenda», que, de acordo com o *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas* (Almeida, 2025), «diz-se de alguém que ao contrário do previsto é traiçoeiro, vigarista» (p. 238), sendo o lexema «prenda» empregado na aceção «pessoa ou coisa desagradável» (ACL, s. d.), «indivíduo mau, cheio de defeitos» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo XV, p. 6548). Apesar de esta permitir a preservação da imagem «presente», sendo, à primeira vista, um equivalente mais próximo da expressão alemã, tal não se verifica efetivamente, pois existe uma nuance semântica que distingue as

expressões: enquanto o foco da alemã recai sobre a *situação*, o desta opção portuguesa recai sobre o *indivíduo*³¹, como constatável através da documentação lexicográfica. Por este motivo, acabou por se selecionar a expressão idiomática «**(que) lindo serviço**», que, tal como a fraseologia original, é uma expressão irónica de surpresa e reprovação, de cariz igualmente interjecional, e se refere, semelhantemente, a um incidente «que causou prejuízo» (ACL, s. d.; Neves, 2000, p. 264). Dessarte, não se preservou a alusão à realidade cultural denotada pelo lexema alemão, posto que se preferiu dar primazia à dimensão semântica da expressão e não anuviar a precisão de delimitação do referente no contexto de uso.

[47] (a) Er ließ ein Protokoll mit Andreas Pum aufnehmen und versprach, »**die Sache in die Wege zu leiten**«.

(b) Mandou lavrar um auto com o depoimento de Andreas Pum e prometeu «**dar andamento ao assunto**». (Capítulo XV, negritos e sublinhados nossos)

Por último, traduziu-se a expressão «**etwas in die Wege leiten**» ([47]), com o significado literal «colocar alguma coisa nos caminhos», através da construção portuguesa «**dar andamento a**». Esta fraseologia é empregada no capítulo XV, correspondendo a um enunciado do diretor do cárcere, em que o mesmo promete encaminhar o depoimento prestado por Andreas sobre o incidente que resultara na sua condenação, na esperança de ver a sua sentença reduzida. Pretende-se dizer, portanto, que o diretor fará o necessário para o alcance de tal objetivo. O tom formal desta construção, amplamente utilizada em contextos administrativos, evoca, no TP, a densidade da “máquina burocrática” e a ineficácia da retórica institucional, infecunda, no final das contas. A denotação deste significado dá-se através de uma imagem associada ao *movimento*, ao início de uma trajetória; tal reflete-se na expressão portuguesa selecionada, por meio do lexema «andamento» e, tal como confirma o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, esta construção mantém o significado de «dar

³¹ Atente-se que o discurso da Sr.^a Blumich engloba, de facto, uma referência direta ao *indivíduo*, mas essa apenas se dá na sua última fala, sendo a anterior referente à *situação* previamente relatada por Andreas.

seguimento, fazer seguir os trâmites, levar a despacho» (Houaiss & Villar, 2005, Tomo II, p. 601), mantendo-se a inserção da fraseologia no domínio da linguagem especializada.

Com a atividade desenvolvida no âmbito da tradução de fraseologias, que abrangeu desde o esforço de reconhecimento das mesmas no TP até à investigação relativa às questões levantadas pelas soluções tradutórias encontradas, orientámo-nos, como demonstrado, pelo equilíbrio da preservação da idiomaticidade, da leitura imagética, do valor semântico, do perfil prosódico e de determinados aspetos culturais. Objetivou-se, em suma, que a tradução destas expressões cristalizadas não exigisse do leitor a interrupção repetida da sua leitura para se dedicar à consulta de notas explicativas, sem que tal acarretasse o apagamento do Outro ou o descurar das particularidades do texto literário trabalhado, essa personalidade semiótica extremamente rica.

Considerações Finais

Procurou-se demonstrar, na presente discussão, que se a tradução literária é uma atividade marcada pela intrincada harmonia entre os diferentes níveis linguístico-estilísticos e semiótico-semânticos distintivos, é por meio de uma atividade tradutória pautada pela coordenação do rigor metodológico e da sensibilidade literária que se caminha no sentido de fazer emergir, no texto de chegada, a singularidade da *voz autoral*. É esta, como se demonstrou, uma arte de equilíbri­smo, que roga ao tradutor que proteja a carga conotativa das palavras, que recrie a sintaxe sinuosa, que ecoe a harmonia fonética e a composição prosódica, que teça a trama de imagens e símbolos; que jure, enfim, lealdade a um objeto estético e dele traslade tudo quanto nele se puder trasladar.

Ao longo do estágio curricular, pretendemos em todo o momento atuar em sintonia com esse *Skopos* tradutório, mediando a comunicação entre um autor e um leitor temporal e espacialmente distantes, intervindo subtilmente de modo a viabilizar a fruição estética que, de outro modo, não seria possível; pesando a escolha de cada palavra, mas também de cada silêncio; fazendo por escutar o discurso narrativo e os seus efeitos deliciosamente sarcásticos, e por reproduzir a sua estranheza e ritmo ímpares.

Ambicionou-se, portanto, através de decisões informadas a nível linguístico, cultural e literário-estilístico, a produção de um texto de chegada capaz de proporcionar àquele que não entende a sua língua de partida a vivência do modo “como diz o Outro”; enfim, “ser eco, sem ser ruído”.

Referências Bibliográficas

Edições da obra

Roth, J. (1924). *Die Rebellion*. Projekt Gutenberg. <https://www.projekt-gutenberg.org/roth/rebellio/rebellio.html>

Roth, J. (no prelo). *A Rebelião* (J. Gomes, Trad.). E-Primatur.

Obras de referência

Dicionários generalistas

Faria, E. (1962). *Dicionário escolar latino-português* (3.ª ed.). Campanha Nacional de Material de Ensino.

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (18 Vols.). Temas e Debates.

Silva, A. de M. (2002). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (7 Vols.) (Grande Biblioteca Multilingue). Porto Editora.

Dicionários especializados

Almeida, J. J. (Ed.). (2025). *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>

Costa, J. R. M. (1999). *O Livro dos Provérbios Portugueses*. Editorial Presença.

Donato, H. (1982). Introdução. In R. Magalhães Júnior (Ed.), *Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos bem como de curiosidades verbais, frases feitas, ditos históricos e citações literárias de curso corrente na língua falada e escrita* (pp. 6-8). Editora Documentário.

- Helbig, G. (1988). *Lexikon deutscher Partikeln*. Verlag Enzyklopädie Leipzig.
- Machado, J. P. (2011). *O grande livro dos provérbios* (4.ª ed.). Casa das Letras.
- Magalhães Júnior, R. (Ed.). (1982). *Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos bem como de curiosidades verbais, frases feitas, ditos históricos e citações literárias de curso corrente na língua falada e escrita* (H. Donato, Introd.). Editora Documentário.
- Neves, O. (2000). *Dicionário de expressões correntes* (2.ª ed. aumentada). Editorial Notícias.
- Ribeiro, C. (2007). *Provérbios e adágios populares*. Planeta Editora.
- Schemann, H. (2011). *Deutsche Idiomatik: Wörterbuch der deutschen Redewendungen im Kontext* (2.ª ed.). De Gruyter.
- Schemann, H., & Dias, I. (2012). *Dicionário Idiomático Português-Alemão/Idiomatik Portugiesisch-Deutsch* (2.ª ed. rev.). Buske; Snah.
- Schemann, H., Schemann-Dias, M. L., Amorim-Braun, L., Hundertmark-Santos Martins, T., Duque-Gitt, M. J. R. D., & Costa, H. (2012). *Dicionário Idiomático Alemão-Português/Idiomatik Deutsch-Portugiesisch* (2.ª ed. rev.). Buske; Snah.
- Silva, H. M. Q. D., & Quintão, J. L. (1990). *Dicionário de provérbios: alemão, francês, inglês, português* (2.ª ed.). Escher.

Gramáticas

- Amorim, C., & Sousa, C. (2012). *Gramática da Língua Portuguesa*. Areal Editores.
- Balcik, I., Röhe, K., & Wróbel, V. (2009). *Die große Grammatik: Deutsch*. PONS.

Cunha, C., & Cintra, L. (2016). *Nova gramática do português contemporâneo* (7.ª ed., reimpr.). Lexikon Editora.

Engel, U. (2004). *Deutsche Grammatik: Neubearbeitung*. Iudicium.

Helbig, G. & Buscha, J. (1991). *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Langenscheidt.

Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., & Villalva, A. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (5.ª ed. rev. e aumentada). Caminho.

Neves, M. H. de M. (1999). *Gramática de usos do português* (2.ª ed.). Editora Unesp.

Acordos e Tratados Ortográficos

Gonçalves, R. (1947). *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Atlântida.

Portal da Língua Portuguesa (s.d.). Acordo Ortográfico: Acordo Ortográfico de 1945.
<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo&version=1945>

Monografias e Ensaios Teóricos

Aguiar e Silva, V. M. (1988). *Teoria da Literatura*. Livraria Almedina.

Ali, M. S. (1930). *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Livraria Francisco Alves.

Apel, F. & Kopetzki, A. (2003). *Literarische Übersetzung*. Springer-Verlag.

Austin, J. L. (1962). *How to Do Things with Words*. Oxford: University Press.

Baker, M. (1992) *In Other Words: A Course Book on Translation*. Routledge.

- Barrento, J. (2002). *O Poço de Babel: para uma poética da tradução literária*. Relógio D'Água.
- Britto, P. H. (2012). *A Tradução literária*. Civilização Brasileira.
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: some universals in language use*. Cambridge University Press. (Obra original publicada em 1978)
- Brünjes, L. (2014). *Das Paradigma deutscher Modalpartikeln: dialoggrammatische Funktion und paradigminterne Oppositionen*. De Gruyter.
- Bublitz, W. (1978). *Ausdrucksweisen der Sprechereinstellung im Deutschen und Englischen*. Max Niemeyer Verlag.
- Cabré, M. T. (1999). *Terminology: Theory, methods and applications*. John Benjamins Publishing Company.
- Courtés, J. (1979). *Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva* (N. B. Tasca, Trad.). Livraria Almedina.
- Delille, K. H., Hörster, M. A., Castendo, M. E., Delille, M. M. G., & Correia, R. (1986). *Problemas da Tradução Literária*. Livraria Almedina.
- Eco, U. (1983). *Leitura do Texto Literário – Lector in Fabula* (M. Brito, Trad.). Editorial Presença. (Obra original publicada em 1979)
- Eco, U. (2005). *Dizer Quase a Mesma Coisa: Sobre a Tradução* (J. C. Barreiros, Trad.). Difel. (Obra original publicada em 2003)
- Franco, A. C. (1991). *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*. Coimbra Editora.
- Genette, G. (1979). *Discurso da Narrativa: Ensaio de Método* (F. Martins, Trad.) (1.ª ed.). Arcádia.

- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual: essays on face-to-face behaviour*. Pantheon Books.
- Halliday, M. A. K. (2004). Systemic background. In J. Webster (Ed.), *On Language and Linguistics* (pp. 185-98). Continuum.
- Hsia, K.-C. (2022). *Victims' State: War and Welfare in Austria, 1868-1925*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780197582374.001.0001>
- Hughes, J. (2006). *Facing Modernity: Fragmentation, Culture, and Identity in Joseph Roth's writing in the 1920s*. Maney Publishing.
- Jakobson, R. (1957). *Shifters, verbal categories, and the Russian verb*. Harvard University Press.
- Jakobson, R. (1960). Linguistics and Poetics. In T. Sebeok (Ed.), *Style in Language* (pp. 350-377). Massachusetts Institute of Technology Press.
- Jakobson, R. (1987). *Language in Literature*. The Belknap Press of Harvard University Press.
- Kageura, K. (2011). Multifaceted/Multidimensional Concept Systems. In *Handbook of Terminology Management* (Vol. 1, pp. 119-132). John Benjamins Publishing Company.
- Köster, R. (1982). *Joseph Roth*. Colloquium Verlag Berlin.
- Lazaroms, I. J. (2012). *The Grace of Misery – Joseph Roth and the Politics of Exile, 1919-1939*. Brill.
- Lopes, A. C. M. (2018). *Pragmática: uma introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1604-9>

- Lotman, Y. M. (1990). *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture* (A. Shukman, Trad.). Indiana University Press.
- Meibauer, J. (1994). *Modaler Kontrast und konzeptuelle Verschiebung: studien zur Syntax und Semantik deutscher Modalpartikeln*. Max Niemeyer Verlag.
- Mendes, J. (1986). *Teoria Literária*. Editorial Verbo.
- Menzel, M., & von Wurmb, E. (1916). *Major Menzels Dienstunterricht des deutschen Infanteristen* (p. 19). Eisenschmidt. <https://www.ir63.org/Downloads/Major-Wenzels-Dienstunterricht-des-Deutschen-Infanteristen.pdf>
- Nord, C. (1997). *Translating as a purposeful activity: Functionalist approaches explained*. St. Jerome Publishing.
- Pavel, S. (2001). *Handbook of terminology*. Terminology and Standardization Translation Bureau.
- Reiß, K., & Vermeer, H. J. (1984). *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* (2.^a ed.). Max Niemeyer Verlag.
- Saussure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral* (24.^a ed.) (A. Chelini, J. P. Paes & I. Blinkstein, Trad.). Editora Cultrix. (Obra original publicada em 1916)
- Schleiermacher, F. (2010). Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens/Sobre os Diferentes Métodos de Tradução (C. R. Braidão, Trad.). In W. Heidermann (Org.), *Clássicos da Teoria da Tradução* (2.^a ed., revista e ampliada, pp. 38-101). Universidade Federal de Santa Catarina. (Ensaio original de 1813)
- Stanzel, F. (1991). *Theorie des Erzählens* (5.^a ed.). UTB Vandenhoeck.
- Thurmair, M. (1989). *Modalpartikeln und ihre Kombinationen*. Max Niemeyer Verlag. https://epub.uni-regensburg.de/25039/1/ubr13058_ocr.pdf

Tonkin, K. (2008). *Joseph Roth's March into History: from the early novels to Radetzkymarsch and die Kapuzinergruft*. Camden House.

Waltereit, R. (2006). *Abtönung: zur Pragmatik und historischen Semantik von Modalpartikeln und ihre funktionalen Äquivalenten in romanischen Sprachen*. Max Niemeyer Verlag Tübingen.

Weydt, H. (Ed.) (1979). *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Walter de Gruyter.

Teses, dissertações e relatórios

Blanco, R. C. H. C. (2016). *Atenuação pragmática e problemas de intercompreensão: um estudo intercultural entre paulistanos e cordobeses* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.8.2016.tde-06062016-121646>

Coelho, C. I. C. (2021). *Pelas asas da tradição com destino à imaginação: abordagem científico-pedagógica de provérbios* [Relatório de Estágio de Mestrado, Escola Superior de Educação, Politécnico do Porto]. Repositório P.Porto. <http://hdl.handle.net/10400.22/18253>

Dias, M. J. S. C. e S. (2015). *“Para bom tradutor meia expressão basta”: A problemática da tradução de construções fraseológicas entre o alemão e o português* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório Científico de Acesso Aberto da Ulisboa. https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/23022/1/ulfl199979_tm.pdf

- Famira-Parcsetich, H. F. (1968). *Eine analyse des romanwerkes von Joseph Roth unter besonderer Berücksichtigung der Erzählsituation* [Tese de Doutoramento, McGill University]. https://dam-oclc.bac-lac.gc.ca/download?is_thesis=1&oclc_number=894995749&id=40e8cee0-4d94-404e-8f5f-a2068d1beda4&fileName=4j03d048w.pdf
- Herz, K. (2016). *Narrative Point of View in Translation: A Systemic Functional Analysis of the Arabic Translations of J.M. Coetzee's Waiting for the Barbarians* [Tese de Doutoramento, University of Leeds]. <https://core.ac.uk/download/pdf/96890453.pdf>
- Hüsgen, T. J. C. (1999). *Vom getreuen Boten zum nachdichterischen Autor: Übersetzungskritische Analyse von Fenando Pessoa's Livro do Desassossego in deutscher Sprache* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/14280>
- Jorge, G. (2014). *Da Criatividade Linguística à Tradução: uma abordagem das unidades polilêxicais em Mia Couto* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório Científico de Acesso Aberto da ULisboa. <http://hdl.handle.net/10451/17849>
- Kilpp, J. C. (2021). *A Edição Contemporânea Fora da Curva: Testemunhos de Editores Brasileiros e Portugueses* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro). ProQuest. <https://search.proquest.com/openview/6b834ba005769cf1ffacc1b0e61c5971/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Laurer, J. (2020). *Das wollen wir ja wohl doch übersetzt bekommen: zur Übersetzung deutscher Modalpartikeln ins Schwedische und Englische* [Dissertação de licenciatura, Linnaeus University]. Digitala Vetenskapliga Arkivet. <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2:1388782>

- Newman, S. J. (2006). *Visual Representation in the Work of Joseph Roth, 1923-1932* [Tese de Doutorado, University of St Andrews]. St Andrews Research Repository. <https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/317>
- Pass, J. (2011). *Raum und Wahrnehmung bei Joseph Roth – Die Rebellion; Hiob* [Dissertação de Mestrado, Universität Wien]. Das Hochschulschriften-Repositorium der Universität Wien. <https://doi.org/10.25365/thesis.14072>
- Ribeiro, M. (2014). *“Tudo o que existe, desde maravilhas a catástrofes, é resultado de algum trabalho, uma vez que ele não se limita apenas ao homem, mas, sim, a todo o universo”: o papel da correlação inovadora, um exercício cognitivo?* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.8.2014.tde-24042015-104801>
- Ricardo, J. R. (2023). *Relatório de Estágio na Editora Letras Errantes Lda – E-Primatur: reflexão sobre questões de léxico, cultura e revisão na tradução de L’hirondelle sous le toit, de Lucien Descaves* (Relatório de Estágio de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Repositório Científico de Acesso Aberto da ULisboa. <http://hdl.handle.net/10451/61477>
- Rodrigues, S. (2005). *Estudo comparativo da formação das palavras compostas nas línguas portuguesa e alemã* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/4918>
- Sanger, C. (1966). *The Decadence of Austrian Society in the Novels of Joseph Roth* [Tese de Doutorado, Universidade de Cincinnati].
- Welker, A. (1990). *Partículas modais no alemão e no português e as equivalências de aber, eben, etwa e vielleicht* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/50522>

Zhou, M. A. X. (2019). *Erlebte Rede in der literarischen Übersetzung– am Beispiel von Robert Musil, Franz Kafka und Lu Xun* [Tese de Doutorado, Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg]. The Heidelberg Document Repository. https://archiv.ub.uni-heidelberg.de/volltextserver/29442/1/Dissertation_Xiaomin_Zhou%282021%29.pdf

Artigos científicos, atas e comunicações em conferências

Aquino, M. (2019, 20-24 de agosto). *Mas bem que você sabia né?: a Modalidade em Língua Portuguesa*. VII SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa, Pernambuco.

Aquino, M. C., Arantes, P. C. C. (2020). Partículas modais em alemão e seus equivalentes funcionais em português brasileiro: proposta de análise e classificação para uso. *Pandaemonium Germanicum*, 23(40), 166-190. <https://doi.org/10.11606/1982-88372340166>

Cramer, R K. (2015). German Ordnung: A semantic and ethnographic analysis of a core cultural value. *International Journal of Language and Culture*, 2(2), 269-293. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/ijolc.2.2.06cra>

Cunha, L. F. (2017). Condicional e ir no Imperfeito + Infinitivo: questões de temporalidade e modalidade. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3(3), 75-98. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a6>

Even-Zohar, I. (1990). The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Poetics Today*, 11(1), 45-51.

Fernandes, A. (2020). Model 1859 Portuguese army clothes backpack. Historical note, conservation and restoration treatment / Mochila de roupa do exército português, modelo de 1859. Apontamento histórico e intervenção de

- conservação e restauro. *Conservar Património*, 34, 155-165.
<https://doi.org/10.14568/cp2018069>
- Franco, A. (1990). Partículas modais do português. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literatura*, 7, 175-196. <http://hdl.handle.net/10216/8259>
- Franco, A. (2012). Partículas modais da língua portuguesa: relances contrastivos com as partículas alemãs. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literatura*, 5, 137-156. <http://hdl.handle.net/10216/9061>
- Heath, J. (2004). The legacy of the baroque in the novels of Joseph Roth. *Forum of Modern Language Studies*, 40(3), 329-338.
- Hermans, T. (1996). The Translator's Voice in Translated Narrative. *Target-international Journal of Translation Studies*, 8, 23-48.
- Holmes, D. (2017). Joseph Roth's Feuilleton Journalism as Social History in Vienna, 1919-1920. *Austrian History Yearbook*, 48, 255-265.
<https://doi.org/10.1017/S0067237816000667>
- Kozlova, L. N, & Tsareva, G. V. (2020). Phraseological Units As Means Of Creating Colloquiality In The Literary Text. In A. Pavlova (Ed.), *Philological Readings* (Vol. 83, pp. 717-724). European Publisher.
<https://doi.org/10.15405/epsbs.2020.04.02.84>
- Newmark, P. (1990). The Curse of Dogma in Translation Studies. *Lebende Sprachen*, 35(3), 105-108.
- Ribeiro, J., & Silva, H. D. (2018). 'A [Des]favor dos mutilados da guerra': a situação no pós-guerra. In J. Silva Rocha (Ed.), *Actas do XXVI Colóquio de História Militar "Portugal 1916-1918. Da Guerra à Paz"* (pp. 435-455). Comissão Portuguesa de História Militar.

- Sereno, M. H. S. (2003). O sol, quando nasce, é para todos – provérbio e ocorrências. In F. I. Fonseca, A. M. Britto, I. M. Duarte & J. Guimarães (Org.), *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes* (pp. 303-316). <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7315.pdf>
- Silva, H. (2018). Consigned to Oblivion: Rehabilitation of First World War Disabled Veterans in Portugal (1917–1927). *War & Society*, 37(4), 262–279. <https://doi.org/10.1080/07292473.2018.1496787>
- Tsvetaeva, E. N. (2012). Warum ist jeder seines Glückes „Schmied“: zum Ursprung eines Sprichwortes. *Zeitschrift des Verbandes Polnischer Germanisten*, 1(4), 399-408. <https://bibliotekanauki.pl/articles/700248>
- Vilela, M. (2002). As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. In *Atas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 159-189). <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7146.pdf>
- Yashchuk, N., Tsaryk, O., Sokol, M., Ladyka, O., Pasyk, L., Rys, L., & Shtokhman, L. (2021). Axiological aspect of modern german ethnosymbols in teaching german language. *EntreLínguas*, vol. 7, n. esp. 3. <https://doi.org/10.29051/el.v7iesp.3.15734>

Páginas e arquivos web

- Anderson, J. (2017). Mutilation and Disfiguration. 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War. Consultado entre 2 e 9 de agosto, em <https://doi.org/10.15463/ie1418.11137>
- Bernardo, P., Xavier, H., & Reis, J. (2025). Quem Somos. E-Primatur. Consultado a 21 de março de 2025, em <https://e-primatur.com/quemsomos>

- Caetano, F. (2022). Uma dor comum. Os Mutilados de Guerra (1914-1918): reavivar uma memória (Lab_HD). Consultado entre 2 e 14 agosto de 2025, em <https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/os-mutilados-da-guerra-1914-1918-reavivar-uma-memoria/page/uma-dor-comum>
- Falk, T. H. (2022). Joseph Roth. Ebsco Knowledge Advantage. Consultado entre 15 e 19 de abril, em <https://www.ebsco.com/research-starters/history/joseph-roth>
- Federal Industries. (2020, 10 de outubro). A Brief History of the Local Delicatessen. Consultado a 9 de março, em <https://solutions.federalind.com/blog/a-brief-history-of-the-local-delicatessen>
- Literature & Latte. (2025). Scrivener. Consultado a 2 de agosto de 2025, em <https://www.literatureandlatte.com/scrivener/overview>
- Lunzer, H., & Lunzer-Talos, V. (2005). Roth, Joseph. Neue Deutsche Biographie, 22, 114-116 [versão online]. Consultado a 16 de setembro, em <https://www.deutsche-biographie.de/pnd118603140.html#ndbcontent>
- Österreichische Nationalbibliothek. (s.d.). Staatsgesetzblatt für den Staat Deutschösterreich, Jahrgang 1919, 245. Consultado entre 7 e 12 de setembro, em <https://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?aid=sgb&datum=1919&page=663&size=56>
- Preuße, C. (2014, 17 de setembro). Joseph Roth 1894-1939. Lemo: Lebendiges Museum Online. Consultado entre 15 e 16 de abril, em <https://www.dhm.de/lemo/biografie/joseph-roth>
- Rollo, M. F., Pires, A. P., Meneses, F. R. (2017). Portugal. 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War. Consultado entre 4 e 8 de agosto, em <https://doi.org/10.15463/ie1418.11152>

Storz, D. (2018). Soldier's Equipment. 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War. Consultado entre 2 e 14 de agosto, em <https://doi.org/10.15463/ie1418.11229>

Tavares, J. M. (2020). War Losses (Portugal). 1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War. Consultado entre 2 e 9 de agosto, em <https://doi.org/10.15463/ie1418.11463>

Verbetes

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). artífice. Consultado a 17 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=art%C3%ADfice>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). bem. Consultado a 7 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=bem>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). bolsa. Consultado a 5 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=bolsa>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). cabaré. Consultado a 18 de agosto de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=cabar%C3%A9>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). decerto. Consultado a 5 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=decerto>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). este. Consultado a 4 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=este>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). lacrimejar. Consultado a 2 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=lacrimejar>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). nenhum. Consultado a 18 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=nenhum>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). pois. Consultado a 18 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=pois>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). prenda. Consultado a 8 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=bolsa>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). serviço. Consultado a 4 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=servi%C3%A7o>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). tremente. Consultado a 3 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=tremente>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). tremor. Consultado a 3 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=tremor>

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). vá. Consultado a 4 de setembro de 2025, em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=v%C3%A1>

Almeida, J. J. (Ed.) (2005). sair uma rica prenda. In *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas* (p. 238).

Aulete, F. J. C. & Valente, A. L. S. (s. d.). bem. In *iDicionário Aulete*. Consultado a 24 de setembro de 2025, em <https://aulete.com.br/bem>

Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. (s.d.). Beschörung. Consultado a 15 de setembro de 2025, em <https://www.dwds.de/wb/Beschörung?o=beschörung>

Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. (s.d.). hereinfallen. Consultado a 15 de setembro de 2025, em <https://www.dwds.de/wb/hereinfallen>

Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. (s.d.). rüsten. Consultado a 7 de setembro de 2025, em <https://www.dwds.de/wb/r%C3%BCsten>

Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. (s.d.). Schmied. Consultado a 12 de setembro de 2025, em <https://www.dwds.de/wb/Schmied?o=schmied>

Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. (s.d.). selbst. Consultado a 10 de setembro de 2025, em <https://www.dwds.de/wb/selbst#1>

Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. (s.d.). überfallen. Consultado a 8 de setembro de 2025, em <https://www.dwds.de/wb/%C3%BCberfallen>

DUDEN. (s.d.). mutterseelenallein. Consultado a 11 de outubro de 2025, em <https://www.duden.de/node/153356/revision/1442388>

Haus der Geschichte Österreich. (s.d.). kriegszitterer. In *Lexikon zur österreichischen Zeitgeschichte*. Consultado a 18 de setembro de 2025, em <https://hdgoe.at/kriegszitterer>

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). andamento. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo II, p. 601).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). armar. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo III, p. 835).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). bem. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo III, p. 1227).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). cair. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo IV, p. 1615).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). delicatessen. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo VI, p. 2677).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). deveras. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo VII, p. 2945).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). invadir. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XI, p. 4709).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). órfão. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XIII, p. 5949).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). pois. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XIV, p. 6429).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). prenda. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XV, p. 6548).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). realmente. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XVII, p. 7618).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). sorte. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XVII, p. 7469).

Houaiss, A., & Villar, M. (2005). tremente. In *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Tomo XVII, p. 7897).

Merriam-Webster. (s.d.). delicatessen. In Merriam-Webster.com dictionary. Consultado a 6 de setembro de 2025, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/delicatessen>

Neves, O. (2000). cair no anzol. In *Dicionário de expressões correntes* (2.ª ed. Aumentada, p. 90).

Neves, O. (2000). Lindo serviço!. In *Dicionário de expressões correntes* (2.ª ed. Aumentada, p. 264).

Silva, A. de M. (2002). mochila. In *Dicionário da Língua Portuguesa* (Vol. 5, p. 64).

Anexos

Anexo 1 – Tradução de questões culturais

Ex.	C.	DE	PT
A.	III.	Willi trank den in einem Wasserglas verdünnten Spiritus, Andreas den Tee. Er aß dazu ein Brot. Willi lieferte manchmal <u>die Wurst</u> . Denn es ereignete sich nicht selten, daß Willi, wenn er an angenehmen Tagen einen Spaziergang unternahm, sich vor das Delikatessenhaus begab, an dessen Tür die prallen Würste wie Gehenkte an einem Nagel hingen.	Willi bebia o álcool destilado num copo de água, e Andreas bebia o chá. Acompanhava-o com um pão. Willi fornecia, por vezes, <u>rodela de salsicha</u> . Pois não era raro que, quando Willi saía para passear em dias agradáveis, passasse por uma delicatessen em cuja porta as salsichas fartas pendiam de um prego como homens enforcados.
B.	III.	Der Leierkasten stammt aus der Drehorgelfabrik Dreccoli & Co.	O realejo é manufacturado pela fábrica de órgãos de manivela Dreccoli & Co.
C.	VI.	Der Mann, dem Andreas sein Unglück zu verdanken hatte, war der Posamenteriehändler Arnold von der Firma Arnold & Hahn .	O homem a quem Andreas devia o seu infortúnio era o comerciante de passamanes Arnold, da firma Arnold & Hahn .
D.	VIII.	Dann erst wandte sich Katharina den häuslichen Angelegenheiten zu. Sie warf sich auf die Knie und begann, mit einem quietschenden Fetzen den Boden aufzuwischen. Dazwischen schrie sie: » Ännchen , stell die Vase auf!« und: »tummel dich!« und: »schöne Bescherung!« und: »so ein Krüppel.«	Só então Katharina se voltou para os assuntos domésticos. Atirou-se de joelhos e começou a esfregar o chão com um farrapo rangente. Enquanto isso, gritava: « Ännchen* , põe a jarra em pé!» e «Despacha-te!» e «Que lindo serviço!» e «Um aleijado destes!». *Forma diminutiva de «Anna», equivalente a «Anita» ou «Aninhas». [N. T.]

E.	VII.	Er trug auf Brust und Rücken ein aufreizendes Plakat . »Genossen!« – so begann es, »die Not der Invaliden kennt keine Grenzen. Die Regierung ist ohnmächtig!«	Trazia um par de cartazes provocadores ao peito e às costas. «Camaradas!» – era assim que começava. «A miséria dos inválidos não conhece fronteiras. O governo é impotente.»
F.	VI.	»Du bist ein liebes, kleines Mädchen «, sagte er oft und sinnlos, denn er plagte sich vergeblich, um ein schöneres Wort für Anni zu finden.	— És um amor de menina — dizia ele amiúde e de forma leviana, afligindo-se em vão à procura de uma expressão mais bonita para Anni.
G.	V.	»Meine Mutter, die selige , war auch eine junge Witwe geblieben«, glaubte Andreas sagen zu müssen.	— A minha mãe, Deus a tenha , também ficou viúva jovem — disse Andreas, por sentir que o devia fazer.
H.	-	»An der Quelle saß der Knabe!«	«Na fonte se sentava o rapaz»
I.	-	»Ich hatt' einen Kameraden«	«Eu tinh'um camarada»
J.	-	»Draußen vor dem Tore«	«Lá fora, diante do portão»
K.	-	»Mädchen, weine nicht!«	«Não chores, menina!»
L.	-	»Schwarzbraunes Mägdlein!«	«Morena donzela!»
M.	-	Lorelei	«Lorelei»
N.	-	Nationalhymne	Hino Nacional

Anexo 2 – Tradução de terminologia especializada

Ex.	C.	DE	PT
Militar e Bélica			
A.	I.	Vergessen hatten sie die Abrichtung ; den Feldwebel ; den Herrn Hauptmann ; die Marschkompanie ; den Feldprediger ; Kaisers Geburtstag; die Menage ; den Schützengraben ; den Sturm . Ihr Frieden mit dem Feind war besiegelt.	Esquecido estava já o treino , o sargento , o senhor capitão , a companhia de marcha , o capelão militar , o aniversário do imperador, a ração de combate , a trincheira , o assalto . A sua paz com o inimigo estava selada.
B.	I.	Da kam der Gefreite Lang [...]	Foi então que veio o segundo-cabo Lang [...]
C.	I.	Da sitzt er nun mit seinem Kreuz auf der Brust, Soldaten grüßen ihn, ein etwa vorbeigehender General klopft ihm auf die Schulter, und die Kinder fürchten sich vor ihm.	Aí se senta ele, ora, com a sua cruz ao peito; os soldados fazem-lhe continência , um general que passa por ali dá-lhe uma palmadinha no ombro e as crianças temem-no.
D.	I.	Das Dörrgemüse, das die anderen »Drahtverhau« nannten, schmeckte ihm weniger. Dennoch leerte er den Teller. Er hatte dann das befriedigende Gefühl, eine Pflicht erfüllt zu haben, wie wenn er ein rostiges Gewehr blank geputzt hätte. Er bedauerte, daß kein Unteroffizier kam, um die Geschirre zu kontrollieren.	Os legumes desidratados, a que os outros chamavam « arame farpado », já lhe souberam menos bem. Ainda assim, esvaziou o prato. Teve então a sensação gratificante de ter cumprido um dever, como se tivesse polido com perfeição uma espingarda enferrujada. Lamentou que não tivesse vindo nenhum sargento inspeccionar a loiça.

Médica e Anatómica			
E.	I.	Oder sie mußten immer im Bett liegen, weil ihr Rückenmark kaputt war.	Ou tinham de ficar sempre deitados na cama, porque tinham a espinal medula arruinada.
F.	I.	Die Prinzessin ging, hinter ihr die Oberschwester , der Oberarzt und der Priester.	A princesa seguiu adiante, e atrás dela a enfermeira-chefe , o médico-chefe e o padre.
G.	I.	Seine Krücke lehnte an der Wand zur rechten Seite.	A sua perna de pau ficou encostada à parede, do lado direito.
H.	II.	Man erwartete eine <u>ärztliche Kommission</u> . Sie hatte über den Bestand des Spitals , über die Arbeitsunfähigkeit, über die Versorgung seiner Insassen zu entscheiden.	Esperava-se por uma <u>comissão médica</u> . A esta competia dispor sobre a continuidade do hospital , sobre a capacidade para o trabalho e sobre o aprovisionamento dos seus internados .
Jurídica e Prisional			
I.	I.	Sie waren Heiden, wie zum Beispiel Leute, die wegen falscher Eide und wegen Diebstahls , Totschlags , Mordes oder gar Raubmordes im Zuchthaus saßen.	Eles eram pagãos, tal como gente que, por exemplo, estava na cadeia por perjúrio ou por roubo , homicídio culposo , assassinato ou mesmo assassinato e roubo .
J.	IX.	Hätte Andreas eine Ahnung von der Jurisprudenz gehabt, so hätte er gewußt, daß die Gerichte sich bereits mit ihm beschäftigten. Denn sein Fall gehörte zu jenen sogenannten » eiligen Fällen «, die nach einem Erlaß des modernen Justizministers sofort in Behandlung genommen wurden und zur Erledigung kamen . Schon	Se Andreas houvesse tido a mais vaga noção da jurisprudência , teria sabido que já os tribunais dele se ocupavam. Isso porque o seu caso pertencia àqueles chamados « casos urgentes », que, conforme o decreto do actual Ministro da Justiça , eram imediatamente admitidos a tramitação e levados a despacho . Já as grandes rodas giratórias do Estado

		hatten die großen, rollenden Räder des Staates den Bürger Andreas Pum in die Arbeit genommen, und ohne daß er es noch wußte, wurde er langsam und gründlich zermahlen.	entranhavam o cidadão Andreas Pum, e, sem que ele o soubesse ainda, estava a ser lenta e minuciosamente triturado.
--	--	--	--

Anexo 3 – Tradução de escolhas lexicais estilísticas

Ex.	C.	DE	PT
A.	I.	Aber die Insassen des Kriegsspitals Numero XXIV konnten die Endstation der Straßenbahn nicht erreichen.	Mas os ocupantes do hospital de guerra número XXIV não conseguiam alcançar a estação terminal do eléctrico.
B.	I.	Sie hatten ein zerschossenes Rückgrat.	Tinham a espinha dorsal estilhaçada a tiro .
C.	I.	Die Regierung ist etwas, das über den Menschen liegt, wie der Himmel über der Erde. Was von ihr kommt, kann gut oder böse sein, aber immer ist es groß und übermächtig, unerforscht und unerforschbar , wenn auch manchmal für gewöhnliche Menschen verständlich.	O governo é coisa que se encontra acima das pessoas, tal como o céu acima da terra. O que dele vem pode ser bom ou mau, mas é sempre grandioso e prepotente, insondado e insondável , mesmo que por vezes compreensível para as pessoas comuns.
D.	II.	Er sprudelte halbe Sätze hervor , spuckte ein Wort aus, blieb eine Weile stumm und setzte wieder an.	Ele derramava a jorros meias frases, cuspia uma palavra, ficava calado durante um bocado e começava outra vez.

E.	II.	Er hielt alle in der Erwartung seines bald erfolgenden Zusammenbruchs und brach dennoch nicht nieder .	Mantinha toda a gente na expectativa do seu desmoronamento iminente e, todavia, não desmoronava .
F.	II.	Sogar die unglücklichsten Invaliden, die ein zerschossenes Rückgrat hatten, gerieten in Bossis Nähe in eine unübersichtlich endlose Furcht, wie man sie vor Katastrophen empfindet, die nicht eintreffen wollen und deren Ausbruch eine Erlösung wäre.	Até os inválidos mais desafortunados, aqueles com a coluna vertebral estilhaçada a tiro, caíam, na presença de Bossi, num intrincado temor infundável, como aquele que se sente antes das catástrofes que se recusam a chegar e cuja concretização seria um alívio.
G.	II.	Der Mann schlug jedesmal die Portiere zurück und warf einen Namen hinaus. Jedesmal löste sich ein gebrechlicher Körper aus der Reihe der anderen, schwankte, humpelte, polterte und verschwand hinter dem Vorhang.	De todas as vezes, o homem puxava para trás o reposteiro e arremessava cá para fora um nome. De todas as vezes, desprendia-se um corpo frágil da fila dos demais, cambaleava, coxeava, estrepitava e desaparecia para trás da cortina.
H.	III.	Man scheut keine Gefahr, ja, man kennt keine. Die Anzeige des brotneidischen bösen Nachbarn brauchen wir nicht zu beachten.	Não se teme perigo algum – aliás, não há perigo algum a temer. Não precisamos de nos preocupar com a denúncia do vizinho malvado que tem inveja do ganha-pão .
I.	IX.	Schon hatten die großen, rollenden Räder des Staates den Bürger Andreas Pum in die Arbeit genommen , und ohne daß er es noch wußte, wurde er langsam und gründlich zermahlen.	Já as grandes rodas giratórias do Estado entranhavam o cidadão Andreas Pum, e, sem que ele o soubesse ainda, estava a ser lenta e minuciosamente triturado.

Anexo 4 – Tradução de partículas modais

Ex.	C.	DE	PT
A.	I.	Da kam der Gefreite Lang, ein Ingenieur, dem der rechte Arm fehlte und vor dem auch Andreas Respekt hatte, und sagte: »Reg dich nicht auf, Andreas, wir sind ja alle arme Teufel! «	Foi então que veio o segundo-cabo Lang, um engenheiro a quem faltava o braço direito e por quem também Andreas nutria respeito, e disse: — Não te incomodes, Andreas, todos nós somos deveras uns pobres diabos!
B.	I.	Indessen nahm er sich vor, im Lande zu bleiben und künstlerische Postkarten in einem Museum zu verkaufen. Er sah ja ein, daß für Gebildete vielleicht kein Platz war.	Quanto a si, Andreas propôs-se a ficar no país e a vender bilhetes-postais de artista num museu. Bem que reconhecia que para os instruídos talvez não houvesse lugar.
C.	I.	Sollte der Ingenieur etwa Parkwächter werden?	Acaso ia o engenheiro tornar-se guarda de um parque?
D.	X.	»Sehen Sie«, sagte der Fremde, »was fang ich mit so einem Tier an? Ich will ja damit nicht gesagt haben, daß ich es überhaupt nicht brauche, aber was fang ich mit einem Tier an?	— Veja lá — disse o estranho —, o que hei-de eu fazer com um animal destes? Não é que esteja com isto <u>a dizer</u> que não preciso dele para nada, mas que hei-de eu fazer com um animal destes?
E.	VII.	Das war ja auch eine schöne Bande! Bettler, Diebe und Einbrecher.	Mas que belo bando este também! Mendigos, ladrões e assaltantes!
F.	VI.	Und an der Haltestelle sagte er zwischen den Zähnen: »Viel Glück auch , Andreas!«	E, na paragem, disse entre dentes: — Vá , tudo de bom, Andreas!

G.	I.	Wie sollte sich die Regierung ihrer Feinde annehmen? Ihn, Andreas Pum dagegen, wird sie schon versorgen.	Porque haveria o governo de cuidar dos seus inimigos? Já dele, Andreas Pum, <u>cuidará</u> decerto .
H.	X.	»Ich sagte Ihnen ja: ein Esel«, erwiderte mit resoluter und schriller Stimme, die nichts Gutes verhieß, Frau Katharina. »Gewiß, gewiß«, sagte der Mann mit niedergeschlagenen Augen, »ein Esel, gewiß. Aber so ein kleines Eselchen!« »Ein Esel ist doch kein Kamel!« schrie Frau Katharina.	— Eu bem lhe disse: um burro — retrucou com voz resoluta e estridente, que nada de bom prometia, a Sr.^a Katharina. — Certo, certo — disse o homem, com olhos abatidos —, um burro, certo. Mas um burro assim tão pequeno! — Um burro também não é nenhum camelo! — gritou a Sr.^a Katharina.
I.	IX.	Er ärgerte sich mit Recht über die Versammlung. Waren es doch Tagediebe, Rebellen, Gottlose, sie wollten die Regierung stürzen, und sie verdienten ihr Schicksal.	Tinha razão em ficar incomodado com a reunião. Eram pois, convenhamos , mandriões, rebeldes, pagãos, queriam derrubar o governo e mereciam a sina que tinham.

Anexo 5 – Tradução de fraseologias

Ex.	C.	DE	PT
Provérbios			
A.	VI.	Dafür belohnte ihn das Schicksal mit einem musterhaften Weibe. Jeder ist seines Glückes Schmied. Er verdiente das Gute.	Por isso o recompensava o destino com uma mulher exemplar. Cada qual é artífice da sua sorte. Ele merecia o bem.
B.	VIII.	Ich gehöre dem Wohltätigkeitskomitee vom Silbernen Kreuz an. Der Herr Reschofsky ebenfalls. Alle Herren aus meiner Gesellschaft. Jeder tut, was er kann. Sie sind unzufrieden. Undank ist der Welten Lohn.	Eu pertenço ao Comité da Caridade da Cruz de Prata. O Sr. Reschofsky também. Todos os senhores da minha sociedade. Cada um faz o que pode. E eles estão insatisfeitos. Há mais ingratos que sapatos.
C.	XIII.	Auch Klara hörte mit großer Verwunderung Andreas Pums Geschichte. »So hast du Weib und Kind und alles auf einmal verloren!« sagte sie. Denn sie hatte ein weiches Herz. » Wie gewonnen, so zerronnen «, sagte Willi. Dann sang er die erste Strophe eines Gassenhauers.	Também Klara escutou, com grande espanto, a história de Andreas Pum. — Então perdeste mulher e filha e tudo, de uma assentada! — disse ela, pois tinha um coração de ouro. — Água o deu, água o levou — disse Willi. Depois, cantou a primeira estrofe de uma cantiga popular.
D.	III. e IV. (bem como XV. e XVII.)	Er blieb den ganzen Tag zu Hause und ließ Andreas nicht vor dem Anbruch der Nacht ins Zimmer. Das begründete er immer mit dem Wort: »Ordnung muß sein!«	Ficava o dia todo em casa e não deixava Andreas entrar no quarto antes do anoitecer. O que justificava dizendo: «Tem de reinar a Ordem!» .

		Er hätte gerne mit Andreas gestritten. Deshalb sagte er: »Wenn du morgen wieder so spät kommst, zerschmettere ich deinen Kasten. Du mußt pünktlich kommen! Ordnung muß sein! «	Queria discutir com Andreas. Então, disse: — Se amanhã voltas a chegar assim tão tarde, estilhaço-te o realejo. Tens de chegar a horas! Tem de reinar a Ordem!
--	--	---	--

Expressões Idiomáticas

E.	I.	Die Prothesen sind eine großartige Erfindung der hohen Herren, der Regierung, die es sich wirklich etwas kosten läßt . Das muß man sagen.	As próteses são uma esplêndida invenção dos grandes senhores, do governo, que está disposto a abrir os cordões à bolsa . Isso é preciso dizê-lo.
F.	I.	Wenn sie weiter in ihrem Trotz verharren, dann hatten sie wohl recht, um ihre Zukunft bang zu sein. Sie schaufelten sich ja selbst ihre Gräber! Wie sollte sich die Regierung ihrer Feinde annehmen?	Se continuassem a insistir na sua obstinação, então tinham mesmo razão para recear pelo seu futuro. Eram eles próprios que estavam a cavar as suas sepulturas! Porque haveria o governo de cuidar dos seus inimigos?
G.	I.	Da kam der Gefreite Lang, ein Ingenieur, dem der rechte Arm fehlte und vor dem auch Andreas Respekt hatte, und sagte: »Reg dich nicht auf, Andreas, wir sind ja alle arme Teufel! «	Foi então que veio o segundo-cabo Lang, um engenheiro a quem faltava o braço direito e por quem também Andreas nutria respeito, e disse: — Não te incomodes, Andreas, todos nós somos deveras uns pobres diabos!
H.	VI.	Dafür belohnte ihn das Schicksal mit einem musterhaften Weibe. Jeder ist seines Glückes Schmied. Er verdiente das Gute. Nichts fällt einem so in den Schoß.	Por isso o recompensava o destino com uma mulher exemplar. Cada qual é artífice da sua sorte. Ele merecia o bem. Nada cai assim do céu aos trambolhões. Os pagãos

		Rebellen denken so. Sie täuschen sich. Sie fallen immer herein .	pensam que sim. Enganam-se. Deixam-se sempre enganar .
I.	VII.	Er will erpressen, er will erpressen, ich bin hereingefallen, ich bin schön hereingefallen , dachte Herr Arnold.	«Quer extorquir-me, quer extorquir-me, caí no anzol, caí redondo no anzol », pensou o Sr. Arnold.
J.	VIII.	Dazwischen schrie sie: »Ännchen, stell die Vase auf!« und: »tummel dich!« und: » schöne Bescherung! « und: »so ein Krüppel.«	Enquanto isso, gritava: «Ännchen, põe a jarra em pé!» e «Despacha-te!» e « Que lindo serviço! » e «Um aleijado destes!».
K.	IX.	Weise, noble Männer in Talaren sehen mit klugem Blick in das Innere des Menschen und sondern mit bedächtigen Händen die Spreu vom Weizen .	Homens sábios e nobres, de hábito talar, olham com sagacidade para dentro do íntimo dos homens e, com mãos ponderadas, separam o trigo do joio .
L.	XV.	Er ließ ein Protokoll mit Andreas Pum aufnehmen und versprach, » die Sache in die Wege zu leiten «.	Mandou lavrar um auto com o depoimento de Andreas Pum e prometeu » dar andamento ao assunto «.

Anexo 6 – Tradução da *teia de ecos*: recorrências textuais

Ex.	C.	DE	PT
A.	I.	Nur Andreas Pum war mit dem Lauf der Dinge zufrieden. Er hatte ein Bein verloren und eine Auszeichnung bekommen. Viele besaßen keine Auszeichnung, obwohl sie mehr als nur ein Bein verloren hatten.	Apenas Andreas Pum estava satisfeito com o curso das coisas. Tinha perdido uma perna e recebido uma condecoração. Muitos não tinham recebido condecoração alguma, ainda que tivessem perdido mais do que uma mera perna.
	III.	Er besaß eine Krücke und eine Lizenz und eine Auszeichnung. Alle sahen, daß er invalid war, ein Soldat, der fürs Vaterland geblutet.	Ele detinha uma perna de pau e uma licença e uma condecoração. Toda a gente via que ele era um inválido, um soldado que sangrara pela pátria.
	VIII.	Daß ihm so etwas geschehen mußte! Ihm, Andreas Pum, den die Regierung ausgezeichnet hatte! Er besaß eine Lizenz, er hatte ein Bein verloren und ein Kreuz bekommen. Er war ein Kämpfer, ein Soldat!	Que uma coisa destas tivesse de lhe acontecer a ele! A ele, Andreas Pum, a quem o governo havia condecorado! Ele detinha uma licença, ele tinha perdido uma perna e recebido uma cruz. Ele era um combatente, um soldado!
B.	VI.	Hart an den Borden der Bürgersteige geht er, und vor ihm führt Muli, der kleine Esel.	Caminha rente à berma do passeio , e à sua frente vai <i>Muli</i> , o pequeno burro, a puxar o carrinho de mão com o realejo.
	X.	Da ging der Mann, und Muli trottete am Rande des Bürgersteigs, hart neben der Bordschwelle , das liebe Tier, das warme, kleine Wesen. Es hatte goldbraune Augen gehabt, und sein grauer Leib barg eine menschliche Seele.	Lá ia o homem, e o <i>Muli</i> troteava à beira dos passeios, mesmo rente à berma , o querido animal, a pequena criatura calorosa. Tivera olhos castanho-dourados e o seu corpo cinzento escondera uma alma humana.

C.	II.	Kinder sind da. Dienstmädchen lehnen über die Fensterbrüstungen . Sie achten der Gefahr nicht.	Há ali crianças . As empregadas domésticas debruçam-se sobre os parapeitos das janelas . Não fazem caso do perigo. Andreas toca.
	IV.	Fünf Kinder standen im Hof, und zwei Dienstmädchen lehnten ergriffen über die Fensterbrüstungen .	Estavam cinco crianças no pátio, e duas empregadas domésticas debruçavam-se , comovidas, sobre os parapeitos das janelas .
	VI.	Die Tage aber, die erfüllt sind von der Geschäftigkeit der anderen und unserm eigenen Tun, die hellen Straßen und ihre eilenden Menschen, die Kinder in den Höfen und die Dienstmädchen an den Fenstern geben uns, obwohl sie nichts gemein haben mit dem Ziele unseres Herzens, dennoch die tröstliche Gewißheit, daß wir es erreichen.	Contudo, os dias, preenchidos pela azáfama alheia e pelos nossos afazeres, as ruas luminosas e a sua gente apressada, as crianças nos pátios e as empregadas domésticas à janela dão-nos – embora nada tenham em comum com os anseios do nosso coração – a reconfortante certeza de que os alcançaremos.
D.	VI.	Er war ein Mann von seltenen Gaben des Gemüts. Fromm, sanft, ordnungsliebend und in vollendeter Harmonie mit den göttlichen und den irdischen Gesetzen . Ein Mensch, der den Priestern ebenso nahestand wie den Beamten, von der Regierung beachtet, man konnte sagen: ausgezeichnet, niemals vorbestraft, ein tapferer Soldat, kein Revolutionär, ein Hasser und Verächter der Heiden, der Trinker, der Diebe und der Einbrecher.	Era um homem de raros dotes de carácter. Devoto, terno, amante da ordem e em harmonia plena com as leis divinas e terrenas . Um homem tão próximo dos padres quanto dos funcionários públicos, respeitado – ou, poder-se-ia dizer, condecorado – pelo governo, sem antecedentes criminais, um soldado valente, nada revolucionário, que abominava e desprezava os pagãos, os alcoólicos, os ladrões e os assaltantes.

	VI. Mit dieser Verachtung im Herzen hätte Andreas Pum alle die langen oder kurzen Jahre leben können, die ihm vom Schicksal zugebracht waren, mit dieser Verachtung im Herzen, in dieser warmen, guten Behaglichkeit, in dieser vollendeten Harmonie mit den irdischen und göttlichen Gesetzen, den Priestern ebenso nahe wie den Beamten der Regierung – wenn nicht ein ganz fremder Mann in Andreas Pums Leben getreten wäre, um es zu vernichten, nicht mit dem Willen zum Bösesein, sondern von der Blindheit des Zufalls dazu gezwungen, ein unwissendes Mittel in der Hand des Teufels, der manchmal die göttliche Regierung unterbricht, ohne daß wir es ahnen; so daß wir noch in der tröstlichen Gewißheit, daß ein Gott über uns wacht, unsere stummen Gebete zu ihm hinaufsenden – und uns wundern, wenn sie nicht erhört werden. Der Mann, dem Andreas sein Unglück zu verdanken hatte, war der Posamenteriehändler Arnold von der Firma Arnold & Hahn.	Com esse desdém no coração poderia ter vivido Andreas Pum todos os anos, longos ou curtos, que o destino lhe tivesse reservado; com esse desdém no coração, nesse contentamento quente e bom, nessa harmonia plena com as leis terrenas e divinas, tão próximo dos padres quanto dos funcionários do governo – não tivesse um homem completamente desconhecido entrado na vida de Andreas Pum para a aniquilar, não por malevolência, mas antes impelido pela cegueira do acaso, instrumento inconsciente na mão do Diabo, que por vezes interrompe, sem que disso suspeitemos, o governo divino; de modo que, ainda com a consoladora certeza de que um Deus vela por nós, a Ele dirigimos as nossas mudas preces – e admiramo-nos quando não são atendidas. O homem a quem Andreas devia o seu infortúnio era o comerciante de passamanes Arnold, da firma <i>Arnold & Hahn</i>.
--	--	--

Anexo 7 – Tradução de outros aspetos

Ex.	C.	DE	PT
Regionalismos austríacos			
A.	I.	Weit hinter ihnen lag der Krieg. Vergessen hatten sie die Abrichtung; den Feldwebel; den Herrn Hauptmann; die Marschkompanie; den Feldprediger; Kaisers Geburtstag; die Menage ; den Schützengraben; den Sturm.	Esquecido estava já o treino, o sargento, o senhor capitão, a companhia de marcha, o capelão militar, o aniversário do imperador, a ração de combate , a trincheira, o assalto.
B.	I.	[...] dachte Andreas Pum an die nächsten Jahre seines Lebens. Die Regierung hat ihm einen kleinen Briefmarken verschleiß übergeben oder eine Wächterstelle in einem schattigen Park, oder in einem kühlen Museum.	[...] Andreas Pum pensava nos próximos anos da sua vida. O governo entrega-lhe um pequeno comércio de retalho de selos postais ou um lugar de guarda num parque sombreado ou num museu fresco.
C.	VII.	Luigi Bernotat, ein Mann von höflichen Formen, entschuldigte sich zuerst, daß er so früh schon störe, und begann, ohne zu zögern, von seiner Braut zu sprechen, die durch eine bedauerliche Zudringlichkeit eines Herrn dieses sonst so angesehenen Hauses gezwungen sei, den Dienst aufzugeben und eine Abfertigung zu verlangen.	Luigi Bernotat, um homem de tracto cortês, desculpou-se antes de mais por estar a incomodar assim tão cedo e, sem pestanejar, desatou a falar da sua noiva, que, por conta da lamentável impertinência de um certo cavalheiro daquela casa comercial, habitualmente tão renomada, se via forçada a retirar-se do serviço e a exigir uma indenização por despedimento .

Figuras de estilo			
D.	III.	Es war klar, daß Willi von seinen Einnahmen nicht leben konnte . Er lebte von Klara. Sie hatte Nebenverdienste. Er war eifersüchtig. Aber in der Nacht, wenn sie sich beide unter der dünnen Decke fanden, suchte er zu vergessen, wovon er lebte , und es gelang ihm.	Era evidente que Willi não conseguia viver dos seus rendimentos. Vivia dos <u>rendimentos</u> de Klara. <u>Ela tinha</u> rendimentos adicionais. <u>Ele tinha</u> inveja. Mas, de noite, quando os dois se encontravam debaixo do cobertor fino, ele procurava esquecer aquilo de que vivia , e <u>tinha</u> sucesso.
E.	VII.	Konsequenz ist das wichtigste im Leben. Seien Sie ein konsequenter Mann und tragen Sie die Folgen.	<u>Ser</u> consequente é o mais importante na vida. Pois seja-o e arque com as <u>consequências</u> .
F.	IX.	Und Andreas begann mit der Hast eines Menschen, der in seinen Taschen nach einer vermißten Uhr sucht , nach verborgenen Sünden in seiner armen Seele zu forschen .	E com a precipitação de um homem que busca nos bolsos um relógio perdido, Andreas começou a procurar na sua pobre alma pecados ocultos.
G.	VIII.	Plötzlich erinnerte er sich, daß er die Lizenz ja gar nicht mehr hatte. Er war auf einmal ein Lebender ohne Recht zu leben . Er war gar nichts mehr!	De súbito, lembrou-se de que já nem sequer tinha a licença. Era, de um momento para o outro, um vivente sem direito a viver . Via-se reduzido a nada!

Apêndices

Apêndice 1 – Plano de Estágio

1. Objetivo do estágio

Ao longo do período de estágio curricular no seio da editora Letras Errantes, Lda. – E-Primatur, será proporcionada à estagiária a aquisição de experiência prática no campo da tradução literária e a consolidação no meio editorial das competências desenvolvidas durante o mestrado.

2. Características do estágio

O estágio, em regime de teletrabalho, terá como supervisor o editor Hugo Xavier e consistirá na tradução de uma ou mais obras da língua alemã para o português europeu, sendo que a estagiária participará no processo de seleção da(s) mesma(s). A extensão e o número de obras a traduzir serão adequados às capacidades da estagiária e terão em vista o devido desenvolvimento de competências essenciais para o exercício da tradução literária.

2.1. Atividades a realizar

- Tradução da obra *Die Rebellion*, de Joseph Roth, do alemão para o português europeu, com vista à publicação no prazo de dois (2) anos;
- Atividades de investigação relativa a tópicos relevantes para a tarefa de tradução;
- Envio intercalar de capítulos traduzidos ao supervisor para análise e comentário;
- Revisão da(s) tradução(ões) em função das orientações fornecidas;
- Observância do guia de estilo da editora nas atividades realizadas.

A estagiária desempenhará as suas funções em estreita cooperação com os elementos da editora, sendo realizadas reuniões periódicas para orientação do trabalho.

Apêndice 2 – Edições portuguesas de romances e novelas de Joseph Roth

Obra	Título da edição portuguesa	Tradutor(a)	Editora
Hotel Savoy (1924)	Hotel Savoy (1991)	José Sousa Monteiro	Dom Quixote
	Hotel Savoy (2024)	José Sousa Monteiro	Dom Quixote
Die Rebellion (1924)	A Rebelião (2021)	Paulo Osório de Castro	Cavalo de Ferro
Die Flucht ohne Ende: ein Bericht (1927)	Fuga sem Fim (1988)	José Sousa Monteiro	Dom Quixote
	Fuga sem Fim (2018)	Álvaro Gonçalves	Sistema Solar
	Fuga sem Fim (2025)	José Sousa Monteiro	Dom Quixote
Zipper und sein Vater (1928)	Zipper e o Seu Pai (2025)	António Sousa Ribeiro	Relógio D'Água
Rechts und links (1929)	Direita e Esquerda (2022)	Paulo Cortesão Banaco	Guerra & Paz
	Direita e Esquerda (2022)	Paulo Osório de Castro	Cavalo de Ferro
Hiob: Roman eines einfachen Mannes (1930)	Jó (2010)	Cristina Pacheco	Ulisseia
	Job (2023)	Gilda Lopes Encarnação	Relógio D'Água
Radetzkymarsch (1932)	A Marcha de Radetzky (2018)	Maria Adélia Silva Melo	Nova Vega
	A Marcha de Radetzky (2019)	Paulo Osório de Castro	Cavalo de Ferro

Der Leviathan (1940)	O Leviaatã (2001)	Álvaro Gonçalves	Assírio & Alvim
	A Lenda do Santo Bebedor seguido de O Leviaatã (2018)	Álvaro Gonçalves	Sistema Solar
Die Kapuzinergruft (1938)	A Cripta dos Capuchinhos (2020)	Sara M. Felício & Paulo Tavares	Cavalo de Ferro
Die Geschichte von der 1002. Nacht (1939)	A História da 1002. ^a Noite (2016)	Vanda Gomes	E-Primatur
Die Legende vom heiligen Trinker (1939)	A Lenda do Santo Bebedor (1997)	Álvaro Gonçalves	Assírio & Alvim
	A Lenda do Santo Bebedor seguido de O Leviaatã (2018)	Álvaro Gonçalves	Sistema Solar
	A Lenda do Santo Bêbado (2024)	Bruno C. Duarte	Relógio D'Água

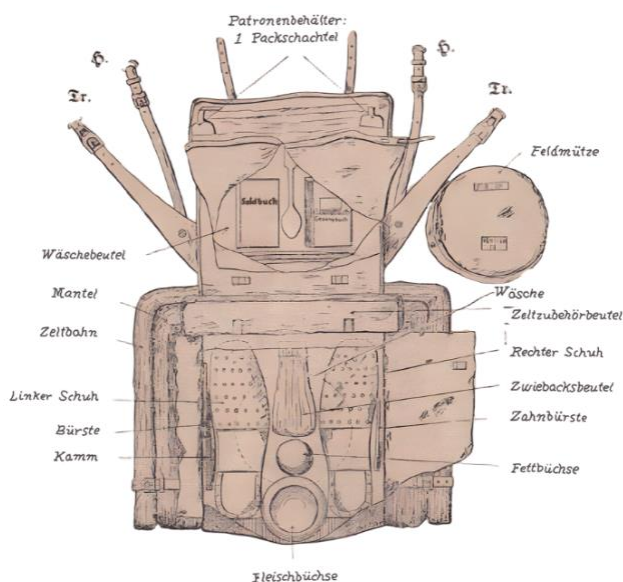
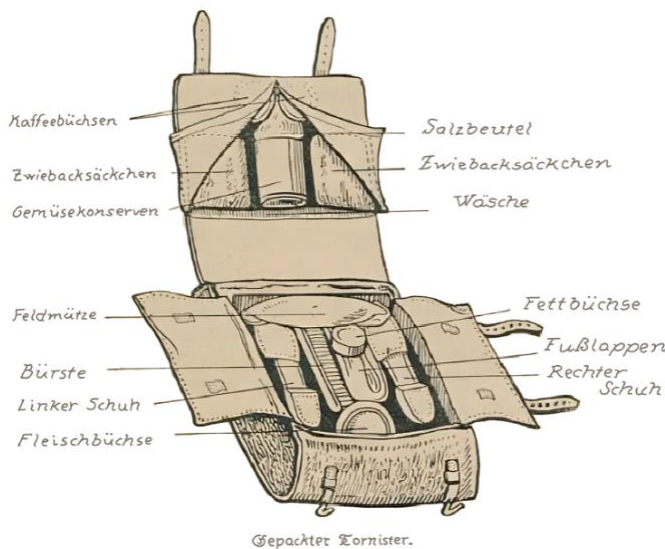
Apêndice 3 – Tabela de correspondências aproximadas entre as patentes do *Landstreitkräfte Österreich-Ungarns* e do Exército Português

k. u. k. Armee von Österreich-Ungarn					Categorias	Nível NATO (aprox.)	Categorias	Exército					
Infanterie	Kavallerie	Artillerie	Jäger	Subcategorias				Subcategorias	Postos				
Feldmarschall					Generale	Offiziere	OF-10	Oficiais	Marechal				
Generaloberst									OF-9	General			
General der Infanterie	General der Kavallerie	Feldzeugsmeister		OF-8					Tenente-general				
Feldmarschallleutnant									OF-7	Major-general			
Generalmajor, Generalleutnant									OF-6	Brigadeiro-general			
Oberst					Stabs-Offiziere		OF-5		Oficiais superiores	Coronel			
Oberstleutnant										OF-4	Tenente-coronel		
Major										OF-3	Major		
Hauptmann	Ritmeister	Hauptmann	Hauptmann	Ober-Offiziere	Unter-Offiziere		OF-2		Capitães	Capitão			
Oberleutnant										OF-1	Oficiais subalternos	Tenente	
Leutnant										OF-1		Alferes	
Fähnrich, Offizierstellvertreter							OF-D			Aspirante a oficial			
Stabs-Feldwebel	Stabs-Wachmeister	Stabs-Feuerwerker	Stabs-Oberjäger			OR-9	Sargentos		Sargento-mor				
						OR-8			Sargento-chefe				
Feldwebel	Wachmeister	Feuerwerker	Oberjäger			OR-7			Sargento-ajudante				
						OR-6			Primeiro-sargento				
						OR-6			Segundo-sargento				
						OR-5			Furriel				
						OR-5			Segundo-furriel				
Zugsführer													
					Gemeine	OR-4	Praças	Cabo-mor					
						OR-4		Cabo-de-seccão					
						OR-4		Cabo-adjunto					
Korporal	Korporal	Geschütz-Vormeister	Unterjäger	OR-3		Primeiro-cabo							
Gefreiter	Gefreiter	Vormeister	Patrouillenführer	OR-2		Segundo-cabo							
Infanterist	Dragoner, Husar, Ulan	Kanonier	Jäger	OR-1		Soldado							

Fontes: Jung, P. (2003) *The Austro-Hungarian Forces in World War I* (Vol. 1) – 1914-16. Osprey Publishing; Jung, P. (2003) *The Austro-Hungarian Forces in World War I* (Vol. 2) – 1916-18. Osprey Publishing; Branco, P. S. (2003). *Portugal Militar, 1850-1918*. Medialivros.; Decreto-Lei n.º 90/2015. (2015). *Estatuto dos Militares das Forças Armadas*. Diário da República, n.º 104/2015, Série I (2015-05-29). <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2015-114793591>

Nota: Procedeu-se ainda ao levantamento de ocorrências das designações das patentes aqui mencionadas em variadas fontes históricas (como aquelas referenciadas na página 155 deste relatório), particularmente no que diz respeito às designações efetivamente constantes de *Die Rebellion*, de modo a aferir a validade das opções tradutórias. Note-se que a presente tabela constitui uma ferramenta orientadora de aplicabilidade geral circunscrita, condicionada quer pelas diferenças de natureza cultural, quer pelas limitações de acesso a material documental da época.

Apêndice 4 – Iconografia comparativa do equipamento militar pessoal (austro-húngaro e português)



Painel 1 – Ilustrações esquemáticas de métodos de preparação da Tornister

Fontes, de cima para baixo:

Stalling. (1917). *Der Feldgrau: Leitfaden für den Dienstunterricht des Feldartilleristen ... unter Berücksichtigung der Kriegserfahrungen* (p. 114). <http://resolver.staatsbibliothek-berlin.de/SBB0000A27700000000>

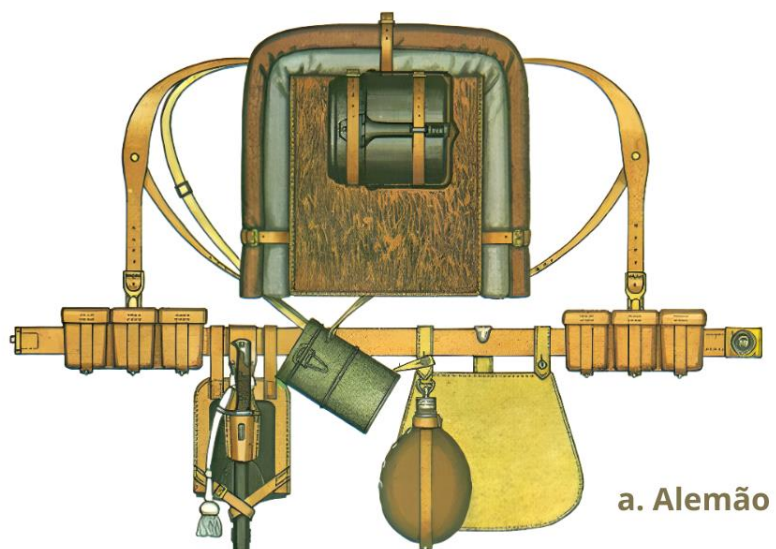
Menzel, M., & von Wurmb, E. (1916). *Major Menzels Dienstunterricht des deutschen Infanteristen* (p. 19). Eisenschmidt. <https://www.ir63.org/Downloads/Major-Wenzels-Dienstunterricht-des-Deutschen-Infanteristen.pdf>

Painel 2 – Comparação visual de uma Tornister com a mochila militar MML02048 (1859)

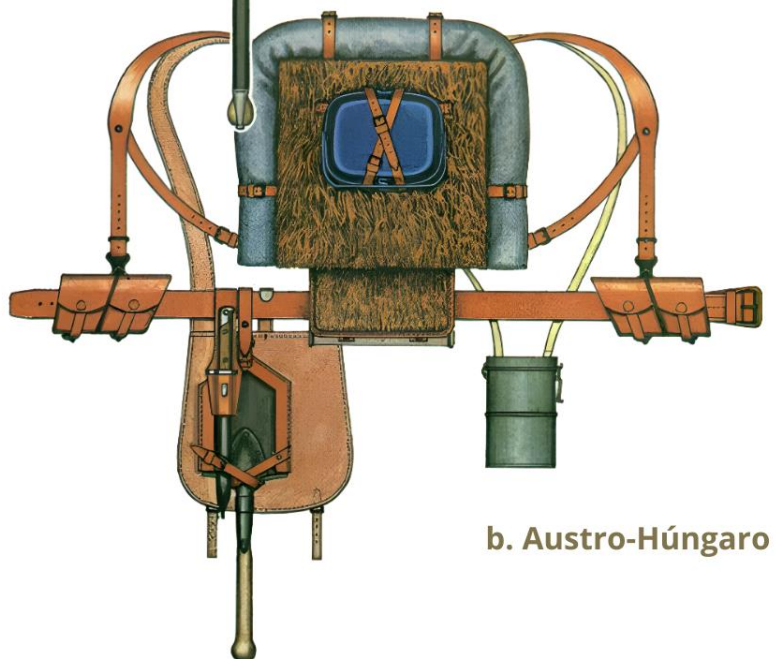
Fontes, de cima para baixo:

Militärische Antiquitäten Emig. (s.d.). 1. Weltkrieg Tornister datiert 1914, Kammerstück des 22. I.R. Consultado a 11 de outubro de 2025, em <https://www.kpemig.de/1-Weltkrieg-Tornister-datiert-1914-Kammerstueck-des-22-IR>

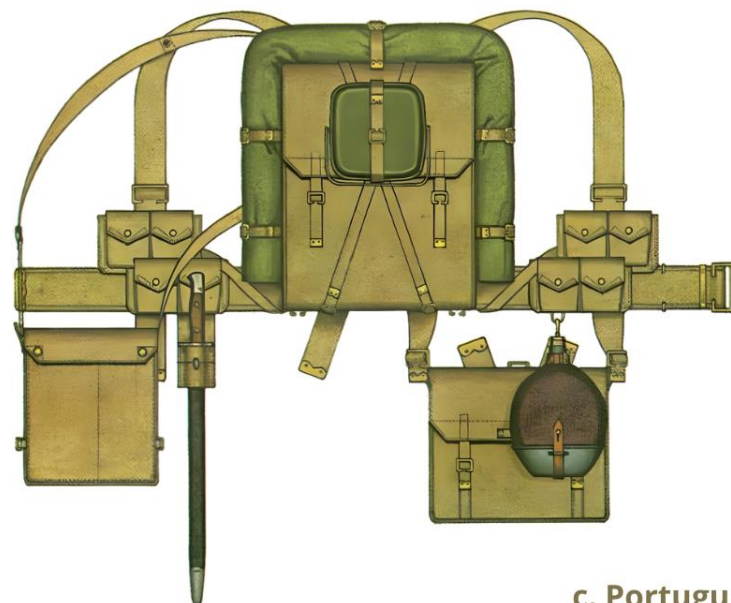
Fernandes, 2020, constante das Referências Bibliográficas deste trabalho.



a. Alemão



b. Austro-Húngaro

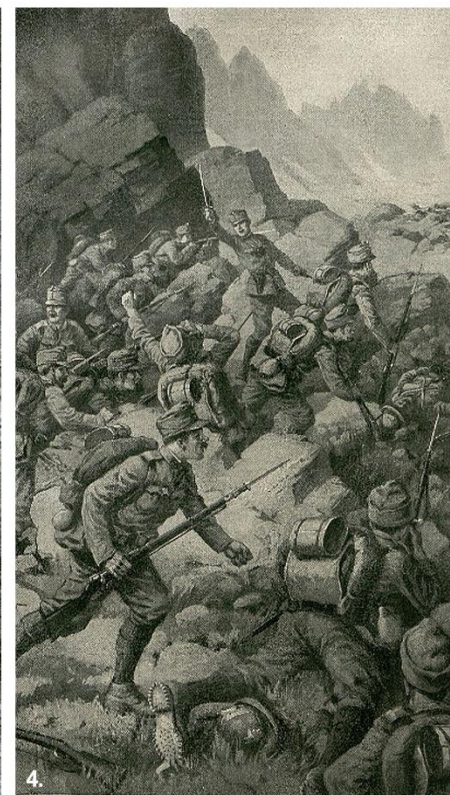
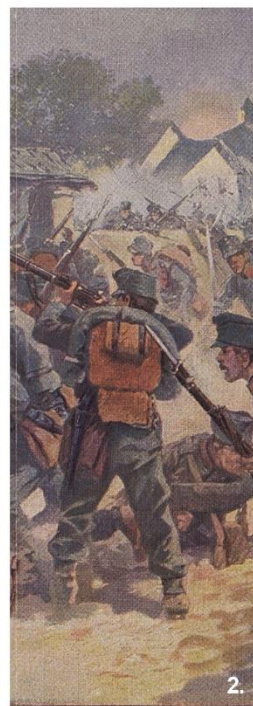


c. Português

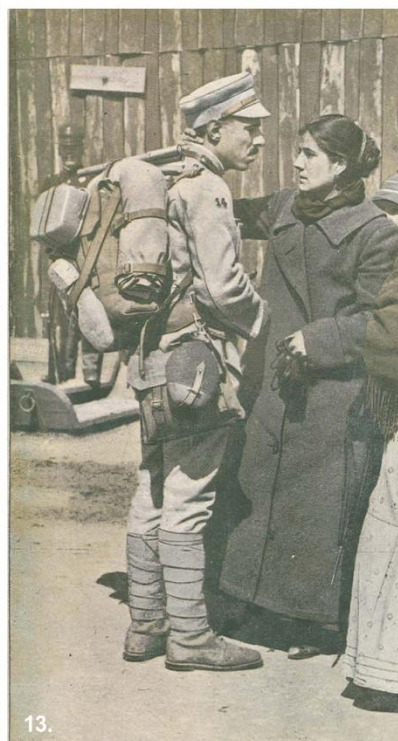
Painel 3 – Representação gráfica do equipamento militar pessoal alemão (a.), austro-húngaro (b.) e português (c.) no período da Primeira Guerra Mundial

Fonte:

Mollo, A. (1977). *Army Uniforms of World War I: European and United States Armies and Aviation Services* (P. Turner, Ilus.) (pp. 90 e 96). Blandford Press.



Painel 4 – Iconografia representativa do equipamento pessoal dos soldados do Exército Austro-Húngaro



Painel 5 – Iconografia representativa do equipamento pessoal dos soldados do Corpo Expedicionário Português

Fontes das imagens constantes dos Painéis 4 e 5 do presente apêndice:

1. Feichtinger. (1933). *Die Zweierschützen im Weltkrieg 1914 – 1918* (3.º Vol.), p. 204. <https://digi.landesbibliothek.at/viewer/fullscreen/AC15147390/76/>
2. Deutsches Verlagshaus Bong & Co. (1914). *Der Krieg 1914 in Wort und Bild*, (11), 13 (do documento em linha) (F. Neumann, Ilus.). https://digi.landesbibliothek.at/viewer/fullscreen/AC09345259_111914/13/
3. Schäfer, H. (1934). *Österreichs Volksbuch vom Weltkrieg*, p. 338. Schubert. <https://digi.landesbibliothek.at/viewer/fullscreen/AC04473480/342/>
4. Union Deutsche Verlagsgesellschaft. (1916). *Illustrierte Geschichte des Weltkrieges 1914/16*, 4, 105 (H. Treiber, Ilus.). https://digi.landesbibliothek.at/viewer/fullscreen/AC07455481_Vierter_Band/127/
5. Union Deutsche Verlagsgesellschaft. (1916). *Illustrierte Geschichte des Weltkrieges 1914/16*, 4, 387 (do documento em linha) (F. Neumann, Ilus.). https://digi.landesbibliothek.at/viewer/fullscreen/AC07455481_Vierter_Band/387/
6. Helmut, H. F. (1915). *Der Weltkrieg in Bildern und Dokumenten nebst einem Kriegstagebuch* (2.º Vol.), p. 41. Johannes M. Meulenhoff Verlag. <https://digi.landesbibliothek.at/viewer/fullscreen/AC03906374/45/>
7. Chaves, J. J. (Ed.). (1915, 27 de setembro). *Ilustração Portuguesa* (II série), (501), p. 397 (M. Branger, Fotóg.). https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/ilustracaoPort/1915/N501/N501_item1/P15.html
8. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 19 de março). *Ilustração Portuguesa* (II série), (578), capa (J. Benoliel, Fotóg.). https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N578/N578_item1/index.html
9. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 16 de abril). *Ilustração Portuguesa* (II série), (582), 305. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N582/N582_item1/P7.html
10. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 2 de abril). *Ilustração Portuguesa* (II série), (580), 266. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N580/N580_item1/P8.html
11. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 30 de abril). *Ilustração Portuguesa* (II série), (584), 346. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N584/N584_item1/P8.html
12. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 26 de fevereiro). *Ilustração Portuguesa* (II série), (575), capa (J. Benoliel, Fotóg.). https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N575/N575_item1/index.html
13. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 16 de abril). *Ilustração Portuguesa* (II série), (582), capa (J. Benoliel, Fotóg.). https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N582/N582_item1/index.html
14. Chaves, J. J. (Ed.). (1917, 28 de maio). *Ilustração Portuguesa* (II série), (588), 422. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/obras/ilustracaoport/1917/N588/N588_item1/P4.html

Apêndice 5 – O realejo

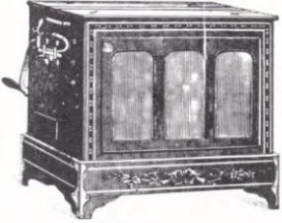
JEROME THIROUVILLE LAMY & CO., 10, CHARTERHOUSE STREET, LONDON, E.C.

PORTABLE STREET ORGANS.

Portable Street Organs with three sets of metal pipes, and the bases in wood.

Number	Description	Price
718	Portable Street Organ, walnut varnished, new style, 15 notes, 3 stops, 10 airs ... each	7 10 0
719	Portable Street Organ, rosewood, 17 notes, 8 airs, brass screw ...	10 12 0
	Extra for each additional barrel ...	2 0 0
720	Portable Street Organ, rosewood, 20 notes, 8 airs, brass screw ...	15 0 0
	Extra for each additional barrel ...	2 5 0

When extra barrels are wanted for these organs it is necessary that the instrument should be sent to our factory.



Nos. 721, 722, 723.

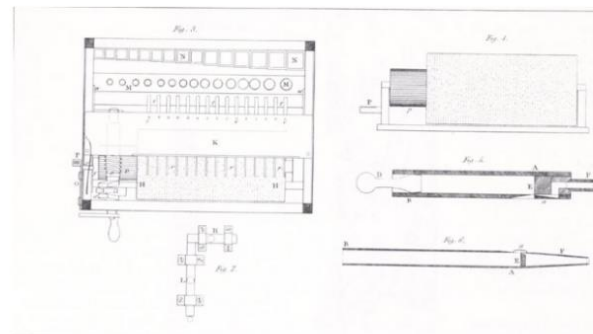
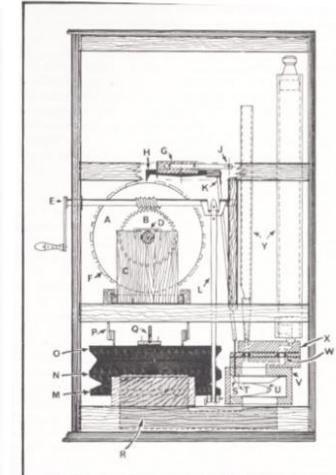
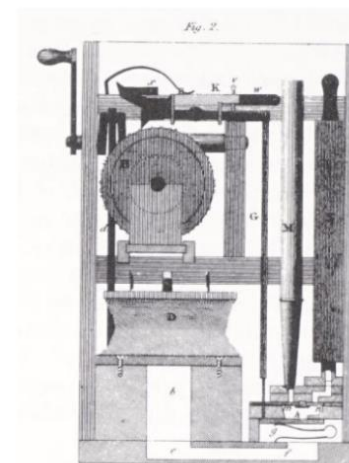
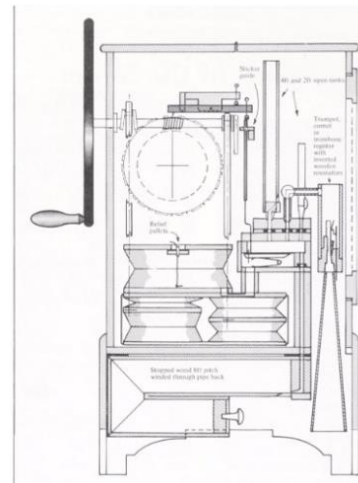
PORTABLE STREET ORGANS with Trumpets.

Number	Description	Price
721	Portable Street Organ, rosewood inlaid, 25 notes, 4 stops, 8 trumpets, 1 barrel, 8 tunes ... each	18 16 0
	Extra for each additional barrel ...	2 14 0
722	Portable Street Organ, rosewood inlaid, 32 notes, 10 trumpets, 1 barrel, 8 tunes ...	26 0 0
	Extra for each additional barrel ...	3 14 0

FLUTE PORTABLE STREET ORGANS.

Number	Description	Price
728	Organ, rosewood, marqueterie, flutes, 8 tunes, 27 notes ... each	21 0 0
	Extra for each additional barrel ...	3 4 0

All these instruments, although made at our Mirecourt factory, have the stamp and quality of Paris make, being rectified and finished at our Grenelle factory by skilled Parisian workmen.



Fonte: Ord-Hume, A. W. J. G. (1978). *Barrel organ: the story of the mechanical organ and its repair*. A. S. Barnes and Company.